

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DA
COMUNICAÇÃO HUMANA**

Maria Eduarda Prauchner da Costa

**MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS NA ESCRITA DE SUJEITOS COM
AFASIA**

Santa Maria, RS
2024

Maria Eduarda Prauchner da Costa

MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS NA ESCRITA DE SUJEITOS COM AFASIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Helena de Pelegrini Della Múa

Santa Maria, RS
2024

Maria Eduarda Prauchner da Costa

MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS NA ESCRITA DE SUJEITOS COM AFASIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana**.

Aprovada em 22 de março de 2024:

Célia Helena De Pelegrini Della Mía, Dra. (UFSM)
(Presidente/orientador)

Simone Nicolini de Simoni, Dra. (UFSM)

Magali Lopes Endruweit, Dra. (UFRGS)

Santa Maria, RS
2024

AGRADECIMENTOS

Assim como as águas de março vão fechando o verão, escrevo esses agradecimentos para encerrar este ciclo tão especial. Trata-se de um ponto final recheado de satisfação, orgulho e gratidão, que tenho a sorte de compartilhar com pessoas incríveis.

Obrigada à minha orientadora, Célia, por ter me apresentado ao Grupo Interdisciplinar de Convivência lá em 2019 e por ter acreditado em mim. Foi incrível poder trabalhar com pessoas extraordinárias como as que participam do grupo. Agradeço pelas experiências, pelos aprendizados e pelas risadas. Deu trabalho, mas valeu a pena.

À minha família, que permaneceu presente e de prontidão para ajudar assim que fosse necessário.

Helô e Clóvis Augusto, obrigada por serem meus companheiros fiéis e silenciosos durante os momentos de escrita (inclusive agora).

Bruno, não existem palavras suficientes que eu poderia usar para agradecer o apoio, o cuidado e a sinceridade (e por saber a hora certa de cada um deles). Gosto de dividir a vida contigo.

À minha guerreirinha Gabriela por ter ressurgido na minha vida no momento certo e ter compartilhado comigo essa experiência. Com certeza sua presença foi uma soma e tornou a caminhada menos solitária.

Rúbia e Gabriela, vocês são especiais e maravilhosas. Obrigada pelas conversas e pelos desabafos; saber que vocês estariam presentes nas tardes de sexta-feira me deixava tranquila. Vocês merecem o mundo.

Gostaria de agradecer a compreensão de todas as pessoas incríveis que tenho a sorte de chamar de amigas, em especial, Gabi, Pati e Bruna. Obrigada por não me abandonarem mesmo eu (frequentemente) desaparecendo por semanas a fio. Obrigada pelas saídas e pelos cafés compartilhados que, com toda a certeza, fizeram toda a diferença (sim, são três Gabrielas diferentes).

Às minhas duas psicólogas: Raquel, que acompanhou o início, e Amanda, que acompanha o fim. Agradeço o acolhimento mais que necessário nesses mais de dois anos.

Obrigada, Débora, por (mais uma vez) revisar meu trabalho e deixá-lo apresentável. Não confiaria em outra pessoa para isso.

Termo agradecendo ao Grupo Interdisciplinar de Convivência por ter me recebido de braços abertos e com muito carinho. A oportunidade de conviver com todos foi algo transformador. Sinto que aprendi sobre a vida e sobre o que é ser humano; não tem matéria na faculdade que nos prepare para isso. Acredito ser uma pessoa um pouco melhor por causa de vocês. Aqueles que permanecem e aqueles que se foram, vou levar vocês no coração para sempre.

“Eu sou Ubirajara Índio Nunes. Eu sou o cara.”

Bira

RESUMO

MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS NA ESCRITA DE SUJEITOS COM AFASIA

AUTORA: Maria Eduarda Prauchner da Costa
ORIENTADORA: Célia Helena de Pelegrini Della Mía

O campo de estudos que engloba as afasias é extenso e percorre diversas áreas do conhecimento, como Fonoaudiologia, Psicologia, Neurologia, entre outras, e, com o linguista Roman Jakobson, a afasia passou a ser estudada também como um problema linguístico. O autor estabelece uma tipologia para as afasias: distúrbio de contiguidade e de similaridade. Com o linguista Émile Benveniste, tem-se a oportunidade de estudar o homem na língua por intermédio de estudos que abordam a enunciação, a qual comporta as categorias de pessoa, tempo e lugar. De acordo com o estudioso, o locutor apropria-se da língua e coloca imediatamente um outro como seu alocutário, utilizando-se de índices específicos e acessórios para expressar sua relação particular com a realidade. Essa possibilidade de estudo da língua em uso estende-se a sujeitos que apresentam afasia, permitindo, então, análises da língua em distúrbio. Quanto à escrita de sujeitos com afasia, observa-se escassez com relação a trabalhos com viés enunciativo; o que se mostra fértil contribuição para os estudos no campo linguístico. Assim, esta pesquisa tem como objetivo averiguar movimentos enunciativos produzidos por três sujeitos com afasia durante a elaboração de enunciações escritas, considerando a teoria enunciativa de Benveniste e a proposição das afasias trazida por Jakobson. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo; para a coleta do *corpus*, foram realizadas oficinas de escrita individuais e grupais com três participantes do Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC) da Universidade Federal de Santa Maria. Como resultados, observamos que os três participantes produziram enunciações escritas nas quais foi possível averiguar os movimentos enunciativos, porém com predominâncias e frequências diferentes. A partir das análises, foi possível verificar que aspectos das respectivas afasias de cada sujeito se refletem em suas escritas, e foram identificados movimentos na escrita atrelados a dificuldades provenientes do distúrbio de similaridade, mas não do de contiguidade. Verificou-se também a ocorrência de um novo movimento, aqui chamado de testagem. Por fim, concluímos que sujeitos com afasia podem produzir movimentos na escrita influenciados por aspectos provenientes do distúrbio de similaridade, o que não foi observado no caso da contiguidade. Esperamos que essas considerações possam auxiliar na maior compreensão dos empregos e aspectos da linguagem em distúrbio no ato enunciativo da escrita, contribuindo, assim, com estudos linguísticos no que diz respeito ao campo das afasias.

Palavras-chave: Enunciação. Escrita. Afasia. Linguística. Subjetividade.

ABSTRACT

ENUNCIATIVE MOVEMENTS IN THE WRITING OF SUBJECTS WITH APHASIA

AUTHOR: Maria Eduarda Prauchner da Costa

ADVISOR: Célia Helena de Pelegrini Della Mía

The field of study encompassing aphasia is extensive. It spans several areas of knowledge, such as Speech Therapy, Psychology, and Neurology, among others, and with linguist Roman Jakobson, aphasia has also come to be studied as a linguistic problem. The author established a typology for aphasia: contiguity disorder and similarity disorder. With the linguist Émile Benveniste, we can study man in language through studies that deal with enunciation, which includes the categories of person, time, and place. According to Benveniste, the speaker appropriates language and immediately places another person as his or her addressee, using specific indices and accessories to express his or her particular relationship with reality. This possibility of studying language in use extends to subjects with aphasia, allowing for analyses of language in disorder. As for the writing of subjects with aphasia, studies are scarce with an enunciative bias, which is a fertile contribution to studies in the linguistic field. Therefore, this research aims to investigate the enunciative movements produced by three subjects with aphasia during the elaboration of written utterances, considering Benveniste's enunciative theory and Jakobson's proposition of aphasia. It is a qualitative study; individual and group writing workshops were held with three participants from the Interdisciplinary Coexistence Group (GIC) at the Federal University of Santa Maria to collect the corpus. The results show that the three participants produced written enunciations in which it was possible to observe the enunciative movements but with different predominances and frequencies. From the analyses, it was possible to ascertain that aspects of each subject's respective aphasia are reflected in their writing, and movements were identified in writing linked to difficulties arising from the similarity disorder but not the contiguity disorder. The occurrence of a new movement, here called testing, was also verified. Finally, we conclude that subjects with aphasia can produce movements in writing influenced by aspects of similarity disorder, which was not observed in the case of contiguity. It is expected that these considerations will help provide a better understanding of the uses and aspects of language in disorder in the enunciative act of writing, thus contributing to linguistic studies in the field of aphasia.

Keywords: Enunciation. Writing. Aphasia. Linguistics. Subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Produção escrita de Cr (I)	61
FIGURA 2 – Produção escrita de Cr (II)	62
FIGURA 3 – Produção escrita de Rit (I)	64
FIGURA 4 – Produção escrita de Rit (II)	68
FIGURA 5 – Produção escrita de Rit (III)	69
FIGURA 6 – Produção escrita de Rit (IV)	72
FIGURA 7 – Produção escrita de Rit (V)	72
FIGURA 8 – Produção escrita de Rit (VI)	72
FIGURA 9 – Produção escrita de Rit (VII)	73
FIGURA 10 – Produção escrita de Del (I)	74
FIGURA 11 – Produção escrita de Del (II)	76
FIGURA 12 – Produção escrita de Del (III)	76

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Resultados das buscas nas plataformas SciELO e LILACS	19
QUADRO 2 – Os movimentos da <i>escrita</i>	40
QUADRO 3 – Movimentos enunciativos de Cr	63
QUADRO 4 – Movimentos enunciativos de Rit	73
QUADRO 5 – Movimentos enunciativos de Del	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVC	Acidente vascular cerebral
CIF	Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde
GIC	Grupo Interdisciplinar de Convivência
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
PPGDCH	Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana
SAF	Serviço de Atendimento Fonoaudiológico
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TCE	Traumatismo cranioencefálico
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UTI	Unidade de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO: TRAJETÓRIA E PROPOSTA DE PESQUISA	13
1.1	INTRODUÇÃO	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO: AFASIA, ENUNCIÇÃO E ESCRITA	21
2.1	AFASIAS: UM BREVE OLHAR PARA O PASSADO	21
2.1.1	Estudos das afasias na linguística	26
2.1.1.1	Perspectiva linguística das afasias com Jakobson	26
2.1.1.2	Distúrbio de similaridade	29
2.1.1.3	Distúrbio de contiguidade	32
2.2	BENVENISTE E OS ESTUDOS ENUNCIATIVOS	34
2.2.1	Enunciação, escrita e afasias: articulações	38
3	METODOLOGIA	42
3.1	TIPO DE PESQUISA	42
3.2	QUESTÕES ÉTICAS	43
3.3	AMBIENTES DE COLETA DO <i>CORPUS</i>	44
3.3.1	O Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC)	45
3.3.2	As oficinas de escrita	48
3.4	SELEÇÃO E COLETA DE DADOS	50
3.4.1	Os sujeitos: Cr, Rit e Del	52
3.5	ANÁLISE DOS DADOS	56
4	RESULTADOS	58
4.1	RESULTADOS DA PARTICIPANTE CR	58
4.2	RESULTADOS DO PARTICIPANTE RIT	63
4.3	RESULTADOS DO PARTICIPANTE DEL	73
5	ANÁLISES	78
5.1	MOVIMENTOS NA ESCRITA DE CR	78
5.2	MOVIMENTOS NA ESCRITA DE RIT	83
5.3	MOVIMENTOS NA ESCRITA DE DEL	88
5.4	ARTICULAÇÕES ENTRE OS TIPOS DE AFASIA DE JAKOBSON E OS MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS NA ESCRITA	90
6	CONCLUSÃO	98
	REFERÊNCIAS	100
	ANEXO A – QUADRO DE CARACTERÍSTICAS DO DISTÚRBO DE	

SIMILARIDADE DE JAKOBSON	103
ANEXO B – QUADRO DE CARACTERÍSTICAS DO DISTÚRBO DE CONTIGUIDADE DE JAKOBSON	104
ANEXO C – ADAPTAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE, INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)	105
ANEXO D – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	114
ANEXO E – MATERIAIS E PRODUÇÕES DAS OFICINAS COM CR	117
ANEXO F – MATERIAIS PARA AS OFICINAS DE ESCRITA DE RIT	121
ANEXO G – MATERIAIS PARA AS OFICINAS GRUPAIS DE ESCRITA	124
ANEXO H – PRODUÇÕES ESCRITAS DE CR	131
ANEXO I – PRODUÇÕES ESCRITAS DE RIT	144
ANEXO J – PRODUÇÕES ESCRITAS DE DEL	158

1 APRESENTAÇÃO: TRAJETÓRIA E PROPOSTA DE PESQUISA

No ano de 2019, tive a oportunidade de conhecer a proposta do Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e frequentar alguns encontros, sendo rapidamente apresentada aos participantes e tendo a oportunidade de observar e, em alguns momentos, participar também (d)as dinâmicas promovidas para participantes com distúrbios de linguagem, em especial as afasias. O grupo apresenta momentos demarcados como a “hora da novidade”, no qual os participantes podem compartilhar novidades e conversar sobre o que quiserem; “hora do lanche”, uma pausa nas dinâmicas para socializar a compartilhar lanches; e a “hora da atividade”, na qual são propostas dinâmicas e atividades que conversam com as diversas disciplinas que atuam no funcionamento do grupo, como Psicologia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia e Linguística.¹

Apesar de ter estudado brevemente as teorias linguísticas relacionadas às afasias e suas possíveis origens na matéria de Psicolinguística do curso de Bacharelado em Letras, que cursei de 2016 até 2019, é diferente quando há a chance de ver o conceito estudado em um contexto real e o modo como se apresenta de diferentes maneiras nos diferentes sujeitos. Ademais, foi interessante ver como a rede de estudantes e profissionais do GIC se mobilizava para proporcionar amparo e auxílio aos sujeitos com afasia de formas dinâmicas e leves, sempre considerando as sugestões e ideias dos próprios sujeitos com afasia ao prospectar as atividades futuras do grupo. Então, poder frequentar algumas das reuniões do GIC foi um momento de descoberta que ampliou minhas percepções sobre as áreas de estudo do profissional de Letras. Meu interesse por distúrbios de linguagem, em específico as afasias, surgiu dessa ação.

Minhas inquietações sobre a linguagem se mantiveram, e comecei a me dedicar aos estudos sobre afasia, frequentando *online* – em virtude da pandemia de COVID-19, no final de 2020 e durante o ano de 2021 – o projeto de extensão da UFSM “Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC): trânsitos de linguagem, educação em saúde e promoção de processos formativos”. Desses encontros,

¹ Dois sujeitos que participaram deste trabalho já frequentavam o GIC quando participei pela primeira vez e conseguiram realizar atividades voltadas para escrita. O terceiro ingressou no grupo em 2023 e escrevia apenas o próprio nome quando chegou.

percebi o quanto é necessário conhecer mais sobre as afasias. Assim, iniciei a trajetória de estudos para elaborar o projeto de mestrado, sendo aprovada em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana (PPGDCH) da UFSM, com o objetivo de trabalhar com afasia sob uma perspectiva linguística, considerando a proposta de classificação de Jakobson (1896-1982) e as formas como ela se apresenta na linguagem escrita, na medida em que estudar sobre afasia revela conhecimento sobre a linguagem em emprego e analisar as manifestações escritas permite explorar uma modalidade da língua que, por vezes, recebe menor atenção do que a oralidade em variados contextos. Décadas atrás, o próprio Jakobson (1976a, p. 24) já pontuava que “a desintegração afásica das estruturas verbais pode abrir, para o linguista, perspectivas novas tocantes às leis gerais da linguagem”.

Como base teórica para análise dos movimentos enunciativos na escrita de sujeitos com afasia, a escolha da Teoria da Enunciação do linguista Émile Benveniste (1902-1976) para subsidiar esta pesquisa justifica-se porque um dos conceitos basilares da proposta enunciativa na perspectiva de Benveniste é a intersubjetividade que se instaura no emprego da linguagem. O sujeito, no ato enunciativo, apropria-se da linguagem e assume papel de *eu* (locutor), que existe em contraste a um *tu* (alocutário), surgindo assim o ato enunciativo. Dessa apropriação, emerge a subjetividade, que, de acordo com Benveniste (1956; 1958; 1965; 1970), é a capacidade do locutor (*eu*) de se propor como sujeito e, a partir disso, completar as formas “vazias” propostas pela linguagem com formas linguísticas apropriadas à sua expressão (de quem se definiu como *eu*). Dessa forma, por meio da Teoria da Enunciação, é possível observar as questões (inter)subjetivas que emergem por meio da escrita.

Na visão de Surreaux (2013), a perspectiva de Benveniste traz contribuições à clínica de linguagem, pois ajuda a pensar nas formas diferentes e ímpares de os sujeitos se apropriarem da língua. Assim, é viável utilizar-se da teoria benvenistiana para analisar as produções de sujeitos com afasia. Como consequência para a clínica de linguagem, são descartadas quaisquer pré-concepções sobre a maneira como cada locutor toma lugar na rede enunciativa, tratando-se aqui de atos enunciativos únicos cada vez que proferidos.

Cabe mencionar que atuar com sujeitos com afasia é também estar em contato com vulnerabilidades muito próprias de um indivíduo com linguagem em

dissolução. De acordo com o texto da Base Nacional Comum Curricular, ao ensinar a leitura e a escrita aos estudantes, ampliam-se suas chances “de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social” (Brasil, 2017, p. 59). Quando transpomos essa afirmação para sujeitos com quadro pós-lesão cerebral e afasia, o mesmo pode ser aplicado. No caso dos sujeitos com afasia que se encontram fragilizados por estarem impossibilitados, mesmo que momentaneamente, de ter acesso à cultura letrada (ler um painel de ônibus), de ser protagonistas em suas vidas (escolher um lanche em restaurante), ter autonomia em suas ações (comprar em um supermercado) e, por vezes, estabelecer uma comunicação oral (um simples diálogo). Pesquisas nesse campo dos distúrbios de linguagem oportunizam expansão do conhecimento sobre o tema ao mesmo tempo que se ocupam com fragilidades, consequências de um episódio que deixou marcas emocionais, físicas e linguísticas profundas, e aspectos muito humanos que emergem quando lidamos com a linguagem.

Traçamos, aqui, um desenho de como pensamos esta dissertação no intuito de atender a uma macroestrutura favorável à compreensão. Este capítulo 1 abrange a apresentação da pesquisa, seguida da Introdução (1.1), que inicia com uma breve exposição do tema e dos principais autores trabalhados neste estudo, bem como os objetivos dele. O capítulo 2 traz o referencial teórico, o qual foi dividido em duas subseções e suas respectivas subseções, expondo os teóricos e conceitos basilares desta pesquisa. O capítulo 3 expõe os aspectos metodológicos fundamentais para desenvolvimento e execução desta pesquisa, enquanto o capítulo 4 expõe os resultados obtidos, estando organizado em três seções, uma para cada sujeito participante. No capítulo 5, discorremos sobre as análises do *corpus* em quatro seções, uma para cada sujeito e mais uma para articular a tipologia das afasias de Jakobson e os movimentos na escrita. No sexto e último capítulo, temos a conclusão, que retoma brevemente os objetivos e prospecta sobre os frutos da pesquisa, encerrando, mesmo que momentaneamente, as reflexões desencadeadas por esta dissertação.

1.1 INTRODUÇÃO

As pinturas rupestres encontradas nas paredes de sítios pré-históricos ao redor do mundo são um patrimônio arqueológico inestimável para estudiosos que se debruçam sobre a história da escrita e marcam as primeiras tentativas de representação gráfica por seres humanos, conforme Higounet (2003). A escrita apresenta-se como um componente tão forte da história humana, que é, por vezes, utilizada como forma de marcar dois grandes períodos: antes e depois da escrita. O autor destaca que a escrita é o fato social que está na base de toda a civilização (leis escritas, contratos, registros escritos de religiões e mesmo a história); assim, ela não se resume apenas a um procedimento destinado a fixar a palavra, uma forma de expressão imutável – ela “também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo” (Higounet, 2003, p. 10). Por existir esse profundo emaranhado entre a escrita e a humanidade, a história da primeira encontra-se entrelaçada com a própria história e evolução da segunda.

O autor pontua a grandiosidade do campo que engloba os estudos sobre a escrita, bem como evoca a variedade de áreas que podem contribuir para eles, como a Filologia, a Etnologia, a Psicologia e a História, pois a escrita encontra-se no fundamento das Ciências Humanas. Por um outro viés, a Linguística debruça-se sobre esse tema considerando os aspectos linguísticos envolvidos na escrita. Especificamente, neste trabalho a escrita será observada pelo viés da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste². Dessa forma, foi adotada, então, a noção de escrita como um ato enunciativo na perspectiva do que Benveniste propõe sobre a enunciação. Assim, a escrita é entendida como um ato individual de apropriação da língua³, que, sendo único e irrepetível, tendo a subjetividade do sujeito nesta ação, e a intersubjetividade como fator desencadeador do ato, conforme salienta Benveniste (1970). Por ser uma teoria que considera a língua em emprego, os conceitos

² A teoria da Enunciação proposta por Benveniste é muito mais ampla do que o apresentado neste trabalho e se faz presente aqui como um suporte para o leitor, que encontra nos livros “Problemas de Linguística Geral I”, “Problemas de Linguística Geral II” e em outras obras a reflexão ampliada de sua teoria.

³ A definição de “língua” adotada neste trabalho é a proposta por Benveniste, interpretada por Flores *et al.* (2009, p. 150) como um “sistema que inter-relaciona valor distintivo das formas e valor referencial relativo à situação comunicativa”. A definição de “linguagem” também é evocada pela perspectiva de Benveniste como “faculdade de simbolizar inerente à condição humana” (Flores, 2009, p.152).

teóricos da enunciação de Benveniste foram elencados a fim de estudar a linguagem em distúrbio, focalizando sujeitos que apresentam o distúrbio da afasia.

Além da Teoria da Enunciação de Benveniste, a linguagem em dissolução será abordada sob a perspectiva de Roman Jakobson, outro teórico da linguagem. Sua biografia e suas reflexões estão intrinsecamente emaranhadas com a história da Linguística, sendo ele o primeiro a afirmar que também interessam aos linguistas os quadros da linguagem em distúrbio. Os conceitos jakobsionianos acerca da linguagem em distúrbio, especificamente a afasia, serão um dos pilares para o desenvolvimento desta pesquisa. Jakobson (1976a) observa a afasia como um problema linguístico e a considera uma perturbação da linguagem, como a própria etimologia do termo sugere⁴. O autor estabelece dois tipos fundamentais: a deficiência na seleção e na substituição e a estabilidade na combinação e na contextura – distúrbio de similaridade; e o contrário, deficiência na combinação e na contextura enquanto operações de seleção e substituição não são alteradas – distúrbio de contiguidade.

A primeira – afasia de similaridade – caracteriza-se pela deficiência na seleção de palavras para combinação dessas em enunciados. Isso impacta na substituição de termos no emprego da língua, ou seja, uma deficiência na seleção implica uma deficiência na substituição, já que são duas engrenagens numa mesma operação. Ainda, o autor considera que os indivíduos com esse tipo de afasia apresentam linguagem mais reativa, conseguindo completar frases e dar seguimento a conversas, porém com dificuldade de iniciar diálogos. Apresentam a tendência de usar termos que hipergeneralizam o que na verdade gostariam de falar.

Jakobson traz diversos exemplos de manifestações linguísticas da afasia de similaridade, como um dos pacientes de Goldstein que utilizava as palavras “coisa” e “pedaço” (respectivamente, *ding* e *stückle* em alemão) para se referir a nomes inanimados, e “realizar” (em alemão, *überfahren*) para verbos⁵. No GIC, nós nos encontramos com participantes que apresentam estereotipia verbal, utilizando o verbo “coisar” no lugar de quaisquer verbos de ação e a palavra “coisa” para objetos variados, por exemplo. Ou mesmo um caso do participante que, quando perguntado

⁴ O termo “afasia” foi proposto por Trousseau em 1887 para substituir “afemia”, cunhado por Paul Broca, significando “a perda da memória da palavra” (Novaes-Pinto; Santana, 2009, p. 414). “Afasia” tem raiz etimológica do grego *phanai*, “falar”, que derivou *phasis*, “palavra”, com o prefixo negativo “a-”, e “afasia” se cristalizou como “incapacidade para falar” (Afasia, c2022).

⁵ Exemplo retirado de *Linguística e comunicação* (Jakobson, 1976b).

onde havia assistido a um filme específico, respondeu “no mundo”, e depois “descobrimos” que o lugar referido era o país Argentina⁶. Nesses casos, o contexto é indispensável para a produção de linguagem por parte do indivíduo.

Já na afasia de contiguidade, ocorre uma diminuição na extensão e na variedade das frases, ou seja, acontece uma desordem na organização das palavras em unidades superiores. Nesses casos, há perda dos aspectos sintáticos, de maneira que uma frase se transforma num amontoado de palavras (agramatismo). O sujeito tem dificuldade de identificar palavras derivadas de uma mesma raiz, e flexões, regências e concordâncias são rapidamente abolidas do discurso de quem tem esse tipo de afasia. Jakobson exemplifica com casos em que os indivíduos conseguiam produzir palavras compostas como “cascadura” ou “Ilhabela”, mas não conseguiam decompô-las em “casca” e “dura” ou “ilha” e “bela”⁷. Em interlocuções no GIC, há um participante que consegue produzir algumas poucas palavras e frases curtíssimas, como “obrigado” e “tudo bem”, mas que, quando tenta produzir enunciados mais complexos, acaba por articular sons que não são combinados de modo a formarem palavras⁸. Nesse sentido, quanto menos uma palavra for dependente do contexto, mais facilmente ela persistirá no discurso do indivíduo.

Entre tantas possibilidades de modelos de classificação dos tipos de afasia, para a execução deste trabalho foi adotada uma proposta que leva em consideração manifestações e aspectos de linguagem que foram impactados pela lesão naquele sujeito, considerando que a pesquisadora que a desenvolveu provém da Linguística. Uma perspectiva linguística sobre as afasias justifica-se na medida em que consiste em um campo fértil e ainda pouco explorado em contexto brasileiro. Se considerarmos ainda uma visão sobre as afasias e a modalidade escrita da língua, averiguamos também diversas possibilidades a serem exploradas. Um breve levantamento de dados nas plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) foi feito a fim de demonstrar esse aspecto.

Para a busca na plataforma SciELO, foram utilizados os descritores “(afasia) AND (escrita)”, juntamente com a opção de trabalhos apenas no Brasil. Com isso, foram encontrados 11 resultados no total, o que já revela a pouca produção com

⁶ Exemplos retirados de arquivos de encontros do GIC.

⁷ Exemplo retirado de *Linguística e comunicação* (Jakobson, 1976b).

⁸ Exemplo retirado dos registros dos encontros do GIC.

foco na modalidade escrita. Quanto ao desenvolvimento de trabalhos com afasia por uma perspectiva linguística (sem estabelecer modalidade oral ou escrita), utilizamos os descritores “(afasia) AND (linguística)”, juntamente com a opção de trabalhos realizados em território nacional. Os resultados apresentam-se em um número próximo, porém menor do que o primeiro levantamento: 10. Além desses dois levantamentos, os descritores “(afasia) AND (linguagem)” foram testados, e a busca trouxe apenas 2 trabalhos como resultado. Para as três buscas realizadas, todos os índices disponíveis na plataforma (“Ano de publicação”; “Autor”; “Financiador”; “Periódico”; “Resumo”; “Título”) foram considerados.

Na plataforma LILACS, os mesmos levantamentos foram realizados, com os mesmos descritores. Com o primeiro par de descritores (“(afasia) AND (escrita)”), foi realizada a busca nos índices “Título”, “Resumo” e “Assunto” na base de dados, tendo como assunto principal “afasia”, o idioma português selecionado e o Brasil como país de afiliação⁹. Como resultado, foram obtidos 12 trabalhos. Com os descritores “(afasia) AND (linguística)” e novamente com as mesmas especificações anteriores¹⁰, obtiveram-se 16 resultados. Já com “(afasia) AND (linguagem)”¹¹, 54 resultados foram apresentados. As duas últimas buscas mencionadas, assim como a primeira, foram feitas nos índices “Título”, “Resumo” e “Assunto”.

O Quadro 1 reúne as informações apresentadas nos parágrafos anteriores.

Quadro 1 – Resultados das buscas nas plataformas SciELO e LILACS

	(afasia) AND (escrita)	(afasia) AND (linguística)	(afasia) AND (linguagem)
SciELO	11	10	2
LILACS	12	16	54

Fonte: Elaborado pela autora.

Com esses levantamentos, é possível observar que as produções que envolvem afasia e a modalidade escrita, bem como aspectos linguísticos em

⁹ Detalhes da pesquisa de acordo com a plataforma: (afasia) AND (linguagem) AND (db:(“LILACS”) AND mj:(“Afasia”) AND la:(“pt”) AND pais_afiliacao:(“^iBrazil^eBrasil^pBrasil^fBrésil”).

¹⁰ Detalhes da pesquisa de acordo com a plataforma: (afasia) AND (linguística) AND (db:(“LILACS”) AND mj:(“Afasia”) AND la:(“pt”) AND pais_afiliacao:(“^iBrazil^eBrasil^pBrasil^fBrésil”).

¹¹ Detalhes da pesquisa de acordo com a plataforma: (afasia) AND (linguagem) AND (db:(“LILACS”) AND mj:(“Afasia”) AND la:(“pt”) AND pais_afiliacao:(“^iBrazil^eBrasil^pBrasil^fBrésil”).

destaque, são escassas, e esta pesquisa se apresenta como uma soma para um campo ainda com muito potencial a ser explorado.

Na seção reservada à metodologia, será exposto com mais detalhes o funcionamento do GIC. Esse grupo possibilita a convivência de participantes com afasia (pacientes encaminhados pelo Serviço de Atendimento Fonoaudiológico, o SAF, da UFSM) e participantes sem afasia (alunos de graduação, pós-graduação, terapeutas e professores da UFSM), visando, além disso, a realização de estudos e pesquisas com uma abordagem interdisciplinar, em áreas como Fonoaudiologia, Psicologia, Linguística, Terapia Ocupacional, entre outras. Para a parte prática e analítica deste trabalho, foram ministradas oficinas de escrita individuais e coletivas com participantes do GIC, com o intuito de coletar registros escritos produzidos pelos participantes.

A fim de observar os movimentos enunciativos na escrita de sujeitos com afasia, foram considerados índices específicos (recursos linguísticos da enunciação – categorias de pessoa, tempo e lugar) e procedimentos acessórios (mecanismos linguísticos complementares) constituidores das enunciações escritas produzidas pelos participantes da pesquisa, considerando possíveis rasuras. Aplicamos a proposta que Endruweit (2022) elabora para analisar enunciações escritas produzidas por alunos do Ensino Médio.

Assim, sendo a escrita uma das formas de manifestação da linguagem, questionamos quais são os movimentos enunciativos na escrita de sujeitos com afasia e quais empregos e aspectos enunciativos da linguagem caracterizam essa escrita. Ainda, considerando a proposta de estudo das afasias de Jakobson, indaga-se aqui se há relação entre os movimentos enunciativos escritos por sujeitos com afasia e o quadro de afasia apresentado pelo sujeito; e, em caso afirmativo, quais seriam essas relações e como se manifestariam no âmbito da escrita.

Cabe destacar que foram feitos recortes das teorias de Benveniste e Jakobson, bases desta pesquisa, pois entendemos que a articulação aqui proposta pretende debruçar-se sobre questões complexas da ordem do discurso e da linguagem em dissolução, um assunto ainda abordado de forma tímida pela Linguística, e por isso optamos por articular novos olhares teóricos para sua execução.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: AFASIA, ENUNCIÇÃO E ESCRITA

Este capítulo foi dividido em duas seções. Na primeira seção (2.1), foi abordada a temática das afasias. Em um primeiro momento (2.1), olhamos¹² para o passado dos estudos no campo das afasias; na sequência, em (2.1.1), uma subseção para abordar os estudos afasiológicos na linguística, sendo divididos em (2.1.1.1) com foco na perspectiva jakobsoniana sobre as afasias, (2.1.1.2) para o distúrbio de similaridade e (2.1.1.3) para o de contiguidade.

Na segunda seção (2.2), a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste é abordada com uma subseção reservada, especificamente, à escrita como ato enunciativo em perspectiva benvenistiana. Encerrando o referencial teórico, a subseção (2.2.1) propõe articular a teoria enunciativa, os movimentos enunciativos da escrita e as afasias, com proposta de análise desenvolvida por Endruweit (2022).

2.1 AFASIAS: UM BREVE OLHAR PARA O PASSADO

Esta subseção tem como objetivo fazer uma breve retomada sobre os estudos afasiológicos, desde os princípios do campo até seu estado mais recente. Como a proposta deste estudo visa a considerar aspectos linguísticos e as particularidades de sujeitos com afasia, o foco não se concentra no campo da saúde. Assim, serão expostos aqui de forma resumida os principais nomes para a área, bem como suas contribuições.

É bem verdade que as investigações sobre a afasia não são recentes e que a área da neurologia apresentou os primeiros conhecimentos com Broca (1824-1880) e Wernicke (1848-1905), no final do século XIX e no início do século XX. Esses estudos reverberam até os dias de hoje, com diagnósticos que levam os nomes dos dois médicos (afasia de Broca e afasia de Wernicke).

Iniciamos com Broca. De acordo com Vieira (1992), o autor inseriu-se em uma perspectiva localizacionista, que objetiva relacionar os sintomas apresentados pelo paciente e as lesões neurológicas acometidas. Ele “foi o primeiro a postular uma

¹² Optamos pela utilização da primeira pessoa do plural, “nós”, pois, mesmo que o cerne do trabalho seja pela perspectiva linguística, trata-se de uma pesquisa permeada pela interdisciplinaridade e é desenvolvida em um programa de pós-graduação da área da saúde por uma profissional da Linguística, e, nesse sentido, a utilização da primeira pessoa do plural já é uma “novidade”, se considerarmos que a “impessoalização” ainda permeia a proposta das ciências da saúde.

localização para a linguagem e mostrar que ela é, de certa forma, independente de outros processos cognitivos” (Novaes-Pinto; Santana, 2009, p. 414). Um dos casos acompanhados por Broca foi o paciente Leborgne, 30 anos, que foi internado com perda da fala, utilizando da expressão “tan-tan”, mas que apresentava boa capacidade de compreensão. Como apresenta Vieira (1992), após a morte desse paciente, Broca realiza uma autópsia buscando estabelecer uma correlação entre as alterações anatômicas manifestadas e os sintomas de Leborgne. Como considerava existir pouco material e casos, dedicou anos de sua vida para reunir e estudar novos dados acerca do assunto. Proveniente disso, surge a “área de Broca”, terminologia utilizada até os dias de hoje, bem como a primeira proposta de avaliação para as afasias.

Broca considera que a alteração da fala pode ser consequência de quatro afecções bem distintas que estão em relação com quatro elementos que compõem a função complexa da linguagem: 1. ausência de uma ideia a exprimir; 2. ausência do conhecimento das relações que a convenção estabelece entre as ideias e as palavras; 3. falta dominar a habilidade de combinar com regularidade os movimentos delicados dos órgãos da articulação, de maneira a produzir imediatamente e sem esforço as palavras convenientes; 4. falta integridade dos órgãos da articulação a fim de que possam obedecer imediatamente as ordens da vontade (Vieira, 1992, p. 27-28).

As características expostas pela autora referem-se respectivamente aos distúrbios que Broca nomeou de: 1. alogia; 2. amnésia verbal; 3. afemia; e 4. alalia mecânica.

Alguns anos depois, Wernicke, assim como Broca, debruça-se sobre uma mesma perspectiva. Contudo, para ele “as faculdades mentais não são propriedades de regiões localizadas no cérebro, mas são construídas a partir da associação de diferentes regiões” (Vieira, 1992, p. 35). Assim, Wernicke postula a existência de imagens motoras e imagens sensoriais, as quais, de acordo com a lesão, levam à dicotomia proposta por ele: afasia sensorial e afasia motora. Ao localizar a área de armazenamento da imagem sonora, os sucessores de Wernicke a batizaram de “área de Wernicke” (Novaes-Pinto; Santana, 2009). Além da dicotomia proposta, Wernicke acrescentou “elementos relacionados à extensão da lesão, principalmente no comprometimento de áreas corticais e subcorticais, ou ambas” (Novaes-Pinto; Santana, 2009, p. 415), o que leva tanto as afasias motoras quanto as sensoriais a apresentarem tipos cortical, subcortical e transcortical.

O autor também pontuou a existência das afasias de condução, as quais aconteceriam por meio de alterações “das fibras de associação entre a imagem sonora e a representação do movimento” (Vieira, 1992, p. 42). Este último tipo, de acordo com Novaes-Pinto e Santana (2009), foi descrito a partir do momento que sintomas que não se encaixavam com lesões nas áreas de Broca e Wernicke foram observados. Wernicke apresentava hipóteses de que a área de Broca não seria o único centro de linguagem do cérebro, sendo esse aspecto, de acordo com Vieira (1992), uma de suas maiores contribuições para o campo da afasiologia, juntamente com o estímulo a discussões sobre a relação entre linguagem e inteligência, algo nebuloso em seu período de atuação.

Contemporâneo a Wernicke, o neurologista John Hughlings Jackson (1834-1911) difere-se de seus antecessores por se debruçar sobre o assunto por outro prisma, buscando, como expõe Vieira (1992), observar as possibilidades linguísticas de seus pacientes. Jackson percebeu que, mesmo pacientes que não conseguiam repetir frases e/ou vocábulos, conseguiam expressá-los em situações específicas de maior carga emocional – por exemplo, “Cuidado!” ao tentar avisar que uma criança poderia cair¹³. Assim, Jackson estabelece que existem os modos de expressão emocional e de expressão intelectual e que, em certos casos, a segunda está ausente, enquanto a primeira, preservada.

Por conta de sua prática clínica (lesões em outras áreas também causaram transtornos de expressão de linguagem) e questões teóricas (a área lesionada indicaria os sintomas, não sua função), o neurologista opunha-se a Broca na medida em que negava a existência de um centro de linguagem (Vieira, 1992). As contribuições de Jackson estendem-se à avaliação de pacientes com afasia, pois preocupava-se, de acordo com Vieira (1992), com as particularidades e diferenças de cada caso, levando em consideração informações provenientes da anamnese; aspectos linguísticos iniciais após identificação do problema; nomeação de objetos e cores; repetições; diálogos e/ou tentativas de diálogo do paciente com outras pessoas; canto; descrição de caminhos familiares; compreensão da linguagem; observação do raciocínio; escrita espontânea e cópia; e capacidade de leitura.

Jackson contribuiu de forma significativa para o campo das afasias, propiciando uma ruptura inicial com a perspectiva localizacionista. Quase na virada do século, outro neurologista, Sigmund Freud (1856-1939), contribuiu para os

¹³ Exemplo de Vieira (1992).

estudos sobre afasia ao escrever o texto “Sobre a concepção das afasias”, em 1891, afastando-se de uma concepção completamente anatômica e postulando a existência de um aparelho da linguagem. Freud traz uma visão mais crítica à teoria localizacionista e, apoiando-se na visão de Jackson e por meio da observação dos dados clínicos, afirma: “ao se identificar uma área lesada e correlacioná-la com sintomas clínicos, pode-se concluir apenas pela localização dos sintomas e não da função” (Vieira, 1992, p. 59). Freud estabeleceu, então, dois tipos de afasia: verbal e simbólica. A primeira é proveniente de perturbações na associação de cada um dos elementos da representação da palavra; e a segunda envolve a relação entre representação do objeto e representação da palavra. Além desses tipos, propõe a afasia agnósica, a qual, segundo Vieira (1992), foi o foco de seu interesse, não aprofundando nem desenvolvendo os dois primeiros tipos mencionados.

Na segunda metade do século XX, o médico Kurt Goldstein (1878-1965), apesar de ter sido aluno de Wernicke, opõe-se à teoria da localização cerebral, acreditando que os sintomas que surgem de lesões não advêm apenas do local que foi lesionado, mas de outros fatores, “como a natureza do processo patológico, condições do restante do cérebro, o estado da circulação em geral, reação funcional do organismo frente à lesão, à constituição psicofísica da personalidade” (Vieira, 1992, p. 65), entre outros aspectos. Além disso, Vieira (1992) destaca que Goldstein compartilhava da visão de Jackson em relação à impossibilidade de localizar funções mentais, mas que seria possível localizar os sintomas. Goldstein separa os sintomas que o paciente pode vir a apresentar em quatro tipos: sintomas diretos (a lesão em uma área específica impacta em uma determinada atividade); sintomas indiretos (consequência de uma separação entre a área lesada e as demais não lesadas); sintomas secundários (possíveis alterações que a lesão pode causar em áreas adjacentes); e, por fim, sintomas de proteção (quando o paciente apresenta alterações gerais de comportamento).

Para além disso, Vieira (1992) ressalta a divisão que Goldstein faz entre atitude abstrata (relacionada à linguagem abstrata) e atitude concreta (relacionada à linguagem concreta); dependendo de qual atitude for afetada, é no respectivo tipo de linguagem que incide o problema. No tipo de avaliação proposta por Goldstein, Vieira (1992) também destaca que o médico une uma avaliação neurológica, para obter a localização da lesão e informações gerais sobre o estado do paciente, e uma avaliação qualitativa detalhada da performance do paciente, com registro de dados o

mais minucioso possível. O exame de Goldstein divide-se em três partes, sendo elas “capacidades gerais, linguagem e cálculo, devendo ser precedido por uma anamnese com os familiares” (Vieira, 1992, p. 71). Em seu texto mais famoso sobre afasia, “Dois aspectos e dois tipos de afasia”, Jakobson (1976a) cita diversas vezes Goldstein e suas pesquisas, como será visto na próxima seção.

Antes de encerrar esta subseção, mencionamos Alexander Romanovich Luria (1902-1977), que vai em direções diferentes das teorias holística e localizacionista. Luria contribuiu ao propor a organização e o funcionamento cerebral em três partes (primeira unidade funcional básica; segunda unidade funcional básica; e a terceira unidade funcional básica), as quais apresentam um princípio-base de que estão inter-relacionadas (Vieira, 1992). Assim, Luria assume uma concepção de sistema funcional, deixando de lado a correlação mais direta da perspectiva localizacionista, pois considera que diversas estruturas cerebrais “contribuem para a realização de cada uma das funções mentais superiores, e, portanto, uma lesão em qualquer dessas estruturas levará ao desequilíbrio de todo o sistema funcional” (Vieira, 1992, p. 85). Novaes-Pinto e Santana (2009) apontam que Luria, ao se referir à afasia de Broca, sugere a divisão eferente e aferente, o que o leva a propor as afasias do tipo motora eferente (correspondente à afasia de Broca) e motora aferente (correspondente à lesão na área do cérebro chamada *Operculum Rolandi*).

Para além disso, Luria propõe também afasia acústico-amnésica (dificuldade na retenção de séries articulatórias, o que leva a problemas de compreensão e denominação de objetos, com discursos permeados por anomias, parafasias verbais e literais); afasia dinâmica (dificuldade de produção da linguagem espontânea); afasia sensorial (perda da audição fonêmica que leva a uma dificuldade de compreensão); e afasia semântica (aqui se apresentam sintomas como acalculia, agnosia, desorientação espacial, apraxia de construção espacial e dificuldades na percepção simultânea de orações compostas). Novaes-Pinto e Santana (2009) destacam que os trabalhos de Luria sobre o funcionamento cerebral e o modo de compreender a linguagem seguem sendo de suma importância para diversas pesquisas, o que marca seu lugar entre os nomes que contribuíram para a história da afasiologia.

Como foi possível observar, a temática “afasia” encontra-se presente para discussão e análise em diversas áreas do conhecimento, como Neurologia, Psicologia e Fonoaudiologia, e mostra-se um campo de pesquisa promissor, longe

de esgotar as possibilidades de estudo. Observamos também a possibilidade de ser feita uma pesquisa pelo viés linguístico, e esse recorte foi o escolhido para a realização deste trabalho.

2.1.1 Estudos das afasias na linguística

Considerando a perspectiva linguística das afasias adotada neste trabalho, esta subseção foi dividida em três momentos: em (2.1.1.1), aborda-se a perspectiva linguística da afasia pelo olhar do linguista Roman Jakobson; em (2.1.1.2), o foco é o distúrbio de similaridade; e em (2.1.1.3), o distúrbio de contiguidade é descrito. Desse modo, aspectos importantes para o desenvolvimento desta pesquisa podem ser apresentados de forma adequada.

2.1.1.1 Perspectiva linguística das afasias com Jakobson

O linguista Roman Jakobson foi um intelectual que apresentou, ao longo de sua trajetória, um discurso teórico abrangente, “uma vez que ele não exclui a linguagem infantil, a significação, a falha, o político e o poético do estudo da língua” (Mariani, 2015, p. 408). Entre sua vasta produção intelectual, ele foi extremamente relevante ao afirmar que a afasia interessa também à Linguística, já que se trata de um campo que se ocupa da linguagem em todos os seus aspectos (a linguagem em ação, em evolução, em estado de aquisição e em dissolução). Portanto, a participação de linguistas, profissionais que estão familiarizados com o funcionamento e a estrutura da linguagem, seria de grande contribuição para os estudos e avanços na área de distúrbios de comunicação.

A aplicação de critérios puramente linguísticos à interpretação e classificação dos fatos da afasia pode contribuir de modo substancial para a ciência da linguagem e das perturbações da linguagem, desde que os linguistas procedam com o mesmo cuidado e precaução ao examinar os dados psicológicos e neurológicos como quando tratam de seu domínio habitual (Jakobson, 1976a, p. 24).

Considerando isso, o linguista parte para uma análise de quais movimentos constituem o ato de falar e, a partir do que ele chama de “duplo caráter da linguagem”, estabelece tipos de afasia de acordo com critérios linguísticos,

observando e elencando os aspectos linguísticos impactados em cada um dos tipos por ele proposto.

Jakobson (1976a) discorre sobre como o ato de falar implica selecionar e combinar entidades linguísticas de altos graus de complexidade. A partir do nível lexical, aquele que fala seleciona palavras, combina-as em frases, que por sua vez são combinadas em enunciados. Contudo, é possível observar que esses dois movimentos (seleção e combinação) acontecem também em nível fonético; Jakobson (1976a) exemplifica utilizando um trecho de *Alice no País das Maravilhas*, quando o Gato de Cheshire pergunta à personagem: “Você disse *porco* ou *porto*?”¹⁴. O entendimento por parte daquele que ouve é diretamente impactado pela seleção entre os fonemas /k/ ou /t/, mesmo que o restante permaneça igual, pois trata-se de um ato que altera o significado da palavra. O próprio código limita as possíveis combinações disponíveis para um determinado fonema (por exemplo, /t/), e dentro das possibilidades apenas uma parte é utilizada. O movimento de seleção também acaba sofrendo limitações, pois o sujeito pode escolher dentro de um repertório pré-fabricado do código. Essa liberdade apresenta-se em escala ascendente: nula na combinação de traços distintivos em fonemas, crescendo à medida que se aproxima da combinação de frases em enunciados. Além disso, é necessário que ambos – emissor (aquele que fala) e destinatário (aquele que recebe a mensagem) – compartilhem do mesmo repertório, para que a comunicação aconteça com êxito.

Jakobson (1976a) estabelece que há dois modos de arranjo no que diz respeito ao signo linguístico: a combinação e a seleção. A primeira operação refere-se ao ato de combinar unidades linguísticas de diferentes graus de profundidade (desde fonemas até enunciados) e está fortemente relacionada ao contexto, pois uma unidade linguística pode servir de contexto para unidades de menor complexidade ao mesmo tempo que pode precisar de um contexto advindo de uma unidade linguística mais complexa.

Todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos. Isso significa que qualquer unidade linguística serve, ao mesmo tempo, de contexto em uma unidade linguística mais complexa. Segue-se daí que todo agrupamento efetivo de unidades linguísticas liga-as numa unidade superior: combinação e contextura são as duas faces de uma mesma operação (Jakobson, 1976a, p. 26).

¹⁴ A referência utilizada em texto por Jakobson é: LEWIS, Carroll. **Alice's Adventures in Wonderland**. Capítulo VI.

Já a segunda operação alude aos atos de selecionar as unidades linguísticas desejadas, mas também de substituí-las por outra alternativa; o que torna seleção e substituição conceitos relacionados de forma profunda. “Uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. De fato, seleção e substituição são as duas faces de uma mesma operação” (Jakobson, 1976a, p. 26-27).

Para haver compreensão da maioria dos grupos de palavras, é necessário, apenas, estar familiarizado com dois aspectos: as palavras constituintes e as regras sintáticas de suas combinações. Assim, impostos esses limites, “temos liberdade de ordenar as palavras em contextos novos” (Jakobson, 1976a, p. 39).

Jakobson (1976a) evoca os trabalhos de Ferdinand Saussure¹⁵ para delimitar os modos de arranjo por ele mencionados, o que se revela importante para compreender a classificação que irá propor posteriormente. No processo de seleção, a relação encontra-se nas “entidades associadas no código mas não na mensagem” (Jakobson, 1976a, p. 27); já na combinação, “as entidades estão associadas em ambos ou somente na mensagem efetiva” (Jakobson, 1976a, p. 27). O destinatário percebe que a mensagem que recebe é formada por diferentes constituintes (fonemas, palavras, frases etc.) combinados e que foram selecionadas a partir do repertório disponibilizado pelo código. Jakobson (1976a) apoia-se novamente no trabalho de outro colega linguista, dessa vez Charles Peirce¹⁶, ao citar que é possível interpretar o signo por meio de duas referências: uma referência ao código e outra ao contexto.

Uma dada unidade significativa pode ser substituída por outros signos mais explícitos do mesmo código, por via de que seu significado geral se revela, ao passo que seu sentido contextual é determinado por sua conexão com outros signos no interior da mesma sequência (Jakobson, 1976a, p. 41).

Ao assimilar como Jakobson compreende e estabelece esse duplo caráter da linguagem, é possível entender os dois tipos de afasia propostos por ele, que não consideram, por exemplo, uma abordagem localizacionista, mas sim os aspectos linguísticos que foram afetados pós-lesão: afasia de similaridade e afasia de contiguidade. A afasia, pela visão de Jakobson, pode afetar a capacidade do

¹⁵ A referência utilizada em texto por Jakobson é: SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. 2. ed. Paris: [s. n.], 1922. p. 68s., 170s.

¹⁶ A referência utilizada em texto por Jakobson é: PIERCE, Charles. **Collected Papers**: II e IV. Cambridge: [s. n.], 1932, 1934.

indivíduo de selecionar e combinar as unidades linguísticas a serem utilizadas no processo da comunicação, a questão seria observar qual dos processos (seleção ou combinação) foi o mais impactado.

2.1.1.2 Distúrbio de similaridade

O distúrbio da similaridade caracteriza-se pela deficiência na capacidade de selecionar, enquanto a capacidade de combinar permanece intacta. Para o sujeito que apresenta esse tipo de afasia, completar frases ou fragmentos de palavras é relativamente fácil, pois trata-se de uma linguagem reativa. Assim, é capaz de responder um interlocutor (real ou imaginário), dando prosseguimento em conversas, contudo iniciar diálogos já é um desafio. O contexto constitui elemento indispensável para o sujeito com afasia de similaridade, pois “quanto mais profundamente estiver o enunciado embutido no contexto verbal ou não verbalizado, maiores serão as probabilidades de ser levado a cabo com êxito” (Jakobson, 1976a, p. 28).

Quanto mais uma palavra depender do contexto sintático, menos afetada ela será; como exemplo, têm-se palavras subordinadas por concordância ou regência gramatical, em contraponto ao sujeito (agente subordinante), que tende a ser omitido. Pronomes, advérbios pronominais, conectivos e auxiliares estão particularmente propensos a permanecerem, pois apresentam uma referência inerente ao contexto (no caso dos dois primeiros) e ajudam a construir o contexto (no caso dos dois últimos). É possível para a pessoa com afasia de similaridade eliminar ou trocar um termo por substitutos anafóricos abstratos; nesse cenário, Jakobson cita Freud¹⁷, que observou que um substantivo específico pode dar lugar a um termo muito genérico.

Em outros de seus textos sobre a afasia, o autor expõe acerca dos aspectos linguísticos do distúrbio de similaridade.

Os afásicos com relações internas enfraquecidas (desordem de similaridade) têm dificuldade em ordenar as unidades do código de acordo com sua semelhança. Eles são capazes de combinar uma unidade com a outra dentro da mensagem, mas não de substituir uma por outra, com base em sua semelhança (ou contraste). Eles perderam a capacidade de fazer

¹⁷ A referência utilizada em texto por Jakobson é: FREUD, Sigmund. **On aphasia**. Londres: [s. n.], 1953. p. 22.

uma equação entre palavras correspondentes de dois códigos diferentes (heterônimos), ou entre palavras semanticamente semelhantes do mesmo código (sinônimos), ou ainda entre uma palavra e uma locução mais explícita (circunlocução) (Jakobson, 1973, p. 50).

A repetição pura, por mais simples que possa parecer, para esse tipo de afasia mostra-se infrutífera, porque, apesar de receber instruções, o sujeito mostra-se incapaz de executá-las dessa forma tautológica (Jakobson, 1976a). Contudo, ao citar um recorte de um paciente de Henry Head¹⁸, Jakobson (1976a) exemplifica que é possível para sujeitos com afasia de similaridade produzirem determinadas palavras quando estas encontram-se dentro de um contexto.

Instado a repetir a palavra “não”, o paciente [...] respondeu: “Não, não sei como fazê-lo”. Embora utilizasse espontaneamente a palavra no contexto de sua resposta (“Não, eu não...”), não pôde reproduzir a forma mais pura de predicação equacional, a tautologia a = a: “não” é “não” (Jakobson, 1976a, p. 30-31).

Isso reforça a importância do contexto, mencionado anteriormente, e das relações que surgem entre os termos em função dele.

Com relação às operações metalinguísticas, Jakobson (1976a) destaca que, constantemente, elas se mostram presentes em atividades linguísticas rotineiras, desempenhando papel importante, inclusive, para crianças em fase de aprendizagem da linguagem. É comum que interlocutores verifiquem o código que está sendo utilizado em um diálogo, com questionamentos como “Está me ouvindo? Entendeu o que eu quero dizer?” por parte de quem fala, ou mesmo “O que é que você dizer?” por parte de quem escuta¹⁹. Isso que leva a uma manutenção da forma de comunicação; um signo ou mais que causa desentendimento é substituído por outro a fim de tornar a comunicação acessível novamente. Essa interpretação de um signo linguístico por meio de outros provenientes do mesmo código é um recurso necessário para a aquisição da linguagem e também para seu funcionamento regular; o que acaba perdido em casos de distúrbios de linguagem como a afasia. O sujeito que apresenta uma carência “da ‘capacidade de denominar’ constitui propriamente uma perda de metalinguagem” (Jakobson, 1976a, p. 31).

¹⁸ A referência utilizada em texto por Jakobson é: HEAD, Henry. **Aphasia and kindred disorders of speech**. I. Nova Iorque: [s. n.], 1926.

¹⁹ Todos os exemplos aqui mencionados foram retirados do livro *Linguística e comunicação* (Jakobson, 1976b).

A perda dessa capacidade de substituição de termos equivalentes estende-se também a outros idiomas, marcando uma inaptidão ao bilinguismo quando considerado um sujeito com afasia de similaridade. No caso de o sujeito já ser apto a falar outras línguas no momento do episódio neurológico, “seus comutadores de códigos tornam-se totalmente defeituosos” (Jakobson, 1973, p. 51). O autor observa também que, além da perda da aptidão bilíngue, a referência visual de um objeto não necessariamente faz com que o sujeito com afasia de similaridade diga o nome de tal objeto: “Também falha a capacidade de tradução intersemiótica, isto é, transposição de um sistema de sinais para outro. Por esta razão o paciente acha difícil nomear um objeto que lhe é mostrado numa ilustração ou apontado pelo examinador” (Jakobson, 1973, p. 51). Nesses casos, recorrendo ao contexto do objeto em questão, é possível que o sujeito apenas acrescente a função para a qual aquele objeto é utilizado, em vez de falar o nome dele (Jakobson, 1976a).

O linguista ainda expõe que, quando uma operação acaba impactada por lesão, acontece uma compensação em direção à operação preservada.

Como já se observou acima, é a relação externa de contiguidade que une os constituintes de um contexto e a relação interna de similaridade que serve de base para a substituição. Por isso, no caso de um afásico cuja função de substituição foi alterada e a de contexto permaneceu intacta, as operações que implicam similitude cedem às fundadas na continuidade (Jakobson, 1976a, p. 32).

Jakobson (1976a) exemplifica esse ponto com um paciente de Goldstein, o qual enumerou os nomes de alguns animais na ordem em que os viu no zoológico; organizando os nomes (agrupamento semântico) por meio da contiguidade temporal (a ordem cronológica em que viu os animais). O oposto também será abordado por ele quando comentar sobre o distúrbio de contiguidade.

Ao mencionar a questão do discurso figurado, Jakobson (1976a) destaca que, apesar de ser custoso para um sujeito com afasia de similaridade compreender um significado não literal, a metonímia (figura de estilo que baseia-se na contiguidade) é utilizada nesses casos em que a seleção é afetada. O que se manifesta como “um signo (*garfo*, por exemplo), que aparece ordinariamente ao mesmo tempo que outros signos (*faca*, por exemplo), pode ser utilizado no lugar desse signo” (Jakobson, 1976a, p. 33), ou *mesa* por *lâmpada*; *fumaça* por *cachimbo*; e *comer* por *torradeira*. Todos esses exemplos foram citados pelo autor.

Surreaux e Kuhn fizeram, em 2006, uma resenha sobre o trabalho “Towards a linguistic classification of aphasic impairments” (1971) de Jakobson; e nela as autoras resumiram em tópicos as principais características de cada distúrbio exposto pelo linguista em seu texto. As informações foram organizadas em quadros que podem ser encontrados no Anexo A deste trabalho e apresentam de forma sintética o que foi exposto acerca do distúrbio de similaridade.

2.1.1.3 Distúrbio de contiguidade

Ao iniciar suas reflexões sobre o segundo tipo de afasia, Jakobson (1976a) estabelece que o distúrbio de contiguidade é o oposto do distúrbio de similaridade, discutido anteriormente. Dessa forma, muitos aspectos já citados serão revistos aqui pela perspectiva reversa: de forma geral, o que se perde em um tipo de afasia, mantém-se na outra.

Nos casos de distúrbio de contiguidade, não há a perda total da palavra, mas a capacidade de combinar entidades linguísticas de grau mais simples em unidades mais complexas é severamente afetada. Com a capacidade de combinação comprometida, observa-se uma deficiência quanto ao contexto, e a extensão e a variedade das frases diminuem, podendo chegar ao que o linguista chama de agramatismo. Nesses casos mais graves, “a ordem das palavras se torna caótica; vínculos de coordenação e subordinação gramatical, quer de concordância, quer de regências, dissolvem-se” (Jakobson, 1976a, p. 34). O discurso pode ser reduzido a enunciados de curtas frases ou mesmo frases de uma palavra só em casos mais severos. Algumas frases mais longas, desde que estereotipadas (por exemplo, “Tudo bem?”²⁰), podem permanecer.

Enquanto no distúrbio de similaridade conjunções, preposições, pronomes e artigos tendem a ser mais resistentes, no caso do distúrbio de contiguidade são os primeiros a desaparecer, já que são palavras com funções puramente gramaticais e dependentes do contexto. Quando isso acontece, Jakobson (1976a) chama de “estilo telegráfico”. O sujeito gramatical, o primeiro a desaparecer no caso da afasia de similaridade, permanece mais firme no caso da afasia de contiguidade. Com o contexto impactado, mas as operações de seleção presentes, a pessoa com esse tipo de afasia pode produzir, por exemplo, “óculos de alcance” para “microscópio” ou

²⁰ Exemplo sugerido por esta pesquisadora.

“fogo” em vez de “luz de gás”, termos que se aproximam de identificação de natureza metafórica, já que, como Jakobson (1976a, p. 35) pontua, “elas não apresentam nenhuma transferência deliberada de sentido”.

Retomamos aqui o conceito de agramatismo de Jakobson (1976a), pois é característico desse quadro a abolição da flexão, como verbos utilizados no infinitivo, pois ocorre a perda da regência e da concordância, bem como a incapacidade de decompor as palavras em radical e desinência. Jakobson (1976a) traz como exemplo *grande-grandeza-grandioso*, palavras ligadas semanticamente por contiguidade, que acabam “abandonadas” no caso de sujeitos com esse tipo de distúrbio de linguagem. O autor explica que a hierarquia das unidades linguísticas acaba afetada nos casos de contiguidade, pois é uma superposição de contextos, e exemplifica com a palavra *staircase* (“escadaria”).

Por um lado, a palavra deixa de funcionar como constituinte de contextos maiores, e por outro, torna-se indivisível em seus componentes gramaticais. Assim, um paciente deste tipo pode apreender a empregar o composto “staircase” sem ser capaz de reconhecer ou repetir seus componentes “stair” e “case” usados separadamente. A mesma indivisibilidade de palavras favorece a degeneração da variação flexional – conjugação e declinação. Este déficit, juntamente com a perda das palavras relacionais e dos padrões sintáticos, é um sistema típico do chamado “agramatismo” (Jakobson, 1973, p. 52).

O linguista menciona que, em casos mais graves, em que a regressão linguística foi severa, tem-se a “afasia universal”, quando há uma incapacidade a nível lexical e fonológico, o que deixa o sujeito com resíduos de fala: uma só frase, uma só palavra, um só fonema – manifestações mais primitivas de linguagem.

Assim como foi feito com o distúrbio de similaridade, utilizamos a lista de características feita por Surreux e Kuhn (2006) em sua resenha sobre o texto “Towards a linguistic classification of aphasic impairments” (Jakobson, 1971), a fim de apresentar, de forma resumida, aspectos específicos do distúrbio de contiguidade proposto por Jakobson (Anexo B).

É importante salientar que o sujeito com afasia não necessariamente apresenta todos os aspectos descritos por Jakobson (1973, 1976a), sendo necessário observar atentamente quais aspectos linguísticos afetados se aproximam mais da afasia de similaridade ou da de contiguidade, pois a linguagem fundamenta a realidade do sujeito. Dessa forma, o sujeito com afasia, como qualquer outro, transparece sua subjetividade por meio da linguagem ao enunciar. Nesse sentido, “é

na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (Benveniste, 2005, p. 286). A realidade desse sujeito acaba por ser representada por meio da linguagem; o que será observado é como a afasia influencia, se influencia, a manifestação dos aspectos da linguagem desse sujeito no ato linguístico da escrita.

2.2 BENVENISTE E OS ESTUDOS ENUNCIATIVOS

Na obra *Introdução à linguística da enunciação*, Flores e Teixeira (2021, p. 29) chamam a atenção do leitor para “certa desproporção quanto à ênfase dada a Émile Benveniste em relação aos demais autores da linguística da enunciação”, pois trata-se daquele considerado o linguista da enunciação. O principal representante da Teoria da Enunciação permitiu²¹ o desenvolvimento de um modelo de análise especificamente voltado à enunciação em um contexto permeado pelo apogeu do estruturalismo, um momento em que as ciências humanas buscavam métodos rigorosos de análise para aplicar em suas investigações científicas e chegar a resultados por meio da objetividade. Contudo, não significa que o linguista naturalizado francês caminhasse em uma direção completamente oposta a um dos maiores nomes da linguística, Saussure, já que, ao apresentar sua proposta, manteve-se “fiel ao pensamento de Saussure – na justa medida em que conserva concepções caras ao saussurianismo, tais como estrutura, relação, signo” (Flores; Teixeira, 2021, p. 30). Benveniste, no entanto, inova ao elaborar meios de abordar a enunciação, ou, como é citado em diversos momentos em seus trabalhos, tratar do homem na língua e considerar isso também objeto da linguística. O linguista escreveu vários trabalhos constituindo a Teoria da Enunciação como uma possibilidade de estudar a língua em uso, os quais encontram-se reunidos nos livros *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II* (Benveniste, 2005, 2006), cujos textos foram usados para desenvolvimento desta pesquisa²².

²¹ “Benveniste não desenvolveu um *modelo* de análise da linguagem. O que se convencionou chamar de a Teoria da Enunciação de Benveniste é, na verdade, derivada da leitura de um conjunto de textos escritos entre os anos de 1930 e 1970, que simultaneamente teorizam e analisam a marca do homem na linguagem” (FLORES, TEIXEIRA, 2009, p. 154)

²² Neste trabalho, utilizamos os capítulos “A natureza dos pronomes” (1956), “Da subjetividade na linguagem” (1958), “A linguagem e a experiência humana (1965) e “O aparelho formal da enunciação” (1970), pois são alguns dos que tratam daquilo que se convencionou chamar de “Teoria da Enunciação”.

A definição de enunciação é exposta por Benveniste (1970, p. 82) em seu texto “O aparelho formal da enunciação”²³ quando ele estabelece: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. O foco da linguística da enunciação será não o enunciado em si, mas o ato de produzi-lo; e esse ato concentra-se no locutor que mobiliza a língua a fim de enunciar. O locutor torna-se, então, um parâmetro para haver condições necessárias da enunciação, pois é ele quem irá realizar o processo de apropriação da língua; a sua relação com a língua será determinante no momento que ele estabelecer os caracteres linguísticos da enunciação que deseja. Diferentemente do emprego das formas, trata-se aqui do emprego da língua.

Benveniste mostra-se interessado em definir aspectos da enunciação dentro do quadro formal de sua realização. Portanto, considera, na ordem exposta, “o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (Benveniste, 1970, p. 83) elementos a serem observados em uma análise enunciativa. Por meio do ato individual, é introduzido o locutor, como dito anteriormente, condição necessária para a enunciação; por meio dele (do ato) a língua (antes da enunciação é apenas possibilidade de língua) é organizada em instâncias do discurso. Ao se apropriar da língua, o sujeito anuncia sua posição de locutor utilizando-se índices específicos e procedimentos acessórios, marcando, assim, aspectos subjetivos na forma de expressar sua relação com a realidade. Benveniste (1970) destaca que, na enunciação, a referência se faz parte integrante, pois, para expressar sua relação com o mundo, o locutor precisa inferir por meio do discurso. Além disso, no momento da apropriação, imediatamente quando o sujeito se coloca como locutor, ele coloca um outro como seu alocutário, porque, independentemente do grau de presença deste último, toda a enunciação é uma alocação.

Ainda para o autor francês, “a emergência dos índices de pessoa (a relação *eu-tu*) que não se produz senão na e pela enunciação” (Benveniste, 1970, p. 84), assim como outros dois grupos de termos, originam-se na instância do discurso: os tempos verbais e os índices de ostensão. Ao ser um fator necessário para a existência da categoria de pessoa, é durante a enunciação que também acontece a expressão da subjetividade do sujeito, já que o locutor se apropria da língua para

²³ Optamos pelo texto de 1970, último produzido por Benveniste, por ser considerado o texto compilador da perspectiva enunciativa proposta por ele.

fazer uso dela para comunicação, em um processo permeado pelas referências que o locutor tem da realidade.

Em “Da subjetividade na linguagem”, o autor afirma que é por meio da linguagem que esse locutor “se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (Benveniste, 1958, p. 286). A subjetividade a qual Benveniste aqui se refere é a capacidade de o locutor se colocar no papel de “sujeito”, pois assim o indivíduo coloca-se como *eu* no momento do discurso. Essa percepção de si mesmo só é possível por meio do contraste: o sujeito coloca-se como *eu* ao dirigir-se a um *tu*, tornando a condição de diálogo indispensável para constituir a *pessoa* do discurso, já que “nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares [...], e ao mesmo tempo são reversíveis” (Benveniste, 1958, p. 286-287), ou seja, o mesmo indivíduo pode assumir a posição do *eu* e do *tu* em turnos diferentes da enunciação. Dessa forma, *eu* e *tu* são signos vazios preenchidos a cada enunciação, fazendo-a, a partir disso, ser única e irrepetível.

Para Benveniste, todas as línguas apresentam em sua composição certas categorias de expressão que integram um modelo constante, e, para o linguista, o *eu* e o *tu* compõem a categoria de pessoa. Em “A linguagem e a experiência humana”, o linguista afirma que essas categorias comuns a todas as línguas são “categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem” (Benveniste, 1965, p. 68). Como dito anteriormente, a categoria de pessoa, para Benveniste, revela-se única toda vez que é enunciada. O indivíduo se apresenta como sujeito e se apropria da instância de discurso, colocando-se como locutor do ato de discurso individual, como o *eu*, em oposição a um *tu* num momento único no tempo de discurso.

Quanto ao conceito de tempo, para Benveniste, é necessário separar o tempo em três tipos: tempo físico, crônico e linguístico; sendo o último o que se destaca para esta pesquisa. A organização do tempo linguístico está ligada ao exercício da fala e define-se como função do discurso, por isso tem seu centro no presente da instância do discurso, que é por natureza implícito. De acordo com Benveniste (1965, p. 75), “a linguagem não dispõe senão de uma única expressão temporal, o presente”, originado das oposições temporais da língua. A partir da instância do discurso, é possível constituir dois outros momentos: aquele em que o

acontecimento não é mais contemporâneo do discurso (passado) e aquele em que o momento não é ainda presente, mas virá a sê-lo (futuro). Assim, chega-se à constatação de que “o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso, e que este presente é implícito” (Benveniste, 1965, p. 76). Esse presente do discurso irá determinar outras duas referências temporais: aquilo que não é mais presente e o que ainda virá a sê-lo. Essas referências não se relacionam com o tempo, mas sim são visões sobre o tempo que existem a partir do ponto presente. Benveniste afirma que parece ser essa a experiência fundamental do tempo que aparece, com suas particularidades, em todas as línguas.

O espaço, para o linguista, apresenta-se também dentro de uma realidade de discurso e relaciona-se com a categoria de pessoa por meio de referências que se relacionam com a posição do *eu* e do *tu* na linguagem. Benveniste (1956, p. 278-279), em seu texto “A natureza dos pronomes”, discorre sobre como o “*eu* só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí. Não tem valor a não ser na instância que é produzido”. Assim, o espaço de discurso existe dentro da realidade de discurso e usa de diferentes indicadores que são referidos pelo locutor, de forma que a conversação prossiga e, a cada instância de discurso, o seu emprego possa transmitir a mensagem que o sujeito que enuncia quer transmitir. Os indicadores que podem ser usados para representar o espaço no discurso são de diversas categorias, como pronomes, advérbios e locuções adverbiais.

De forma geral, Benveniste (1956, p. 280) pontua que o essencial “é a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado etc.) e a *presente* instância do discurso”. A linguagem possui signos “vazios” que, ao serem mobilizados pelo locutor, assumem diferentes referências e sentidos a cada instância de discurso.

A perspectiva enunciativa proposta por Benveniste possibilita que, ao analisar a escrita de sujeitos com afasia, quaisquer “desvios” não sejam reduzidos a erros, mas sim sejam considerados marcas de uma subjetividade que emergem quando são produzidas enunciações escritas.

2.2.1 Enunciação, escrita e afasias: articulações

Nos textos originais de Benveniste, há pouco material que aborde, especificamente a enunciação escrita²⁴. Na obra *Últimas aulas no Collège de France*²⁵, Benveniste (2014) apresenta considerações teóricas sobre o estatuto da escrita não dá escrita em si, mais voltadas para a relação e a comparação entre o sistema da língua e o sistema da escrita. Entre os diversos pontos abordados pelo autor, destaca-se a necessidade de um alto nível de abstração por parte daquele que escreve, pois trata-se aqui de duas modalidades diferentes da língua:

Com a escrita, o locutor deve se desprender da representação que tem instintivamente do falar enquanto atividade, enquanto exteriorização de seus pensamentos, enquanto comunicação viva. Deve tomar consciência da língua como realidade distinta do uso que dela faz: isso já é uma operação muito trabalhosa – como bem sabem, por experiência, aqueles que ensinam os rudimentos da escrita às crianças (Benveniste, 2014, p. 129).

Já especificamente sobre enunciações escritas, ao final de “O aparelho formal da enunciação”, o autor menciona brevemente a necessidade de distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. O linguista francês ainda afirma que a enunciação escrita “se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos enunciarem” (Benveniste, 1970, p. 90). Finaliza o texto apontando que existem perspectivas para a análise de formas complexas do discurso com a utilização do quadro formal da enunciação que ele esboçou em seu texto, sugerindo a possibilidade de futuros estudos envolvendo enunciações escritas por parte de outros estudiosos e pesquisadores do tema.

Tendo por base a perspectiva enunciativa benvenistiana, Endruweit (2022) desenvolveu uma proposta de análise enunciativa da escrita que será uma das bases referenciais estabelecidas para a execução desta pesquisa. A proposta de Endruweit é focada em textos escritos por estudantes do Ensino Médio e comporta estudar a escrita como possibilidade enunciativa, aproximando-se do irrepetível e do singular, demonstrando que determinados movimentos (supressão, inserção e substituição) são constitutivos da escrita. O texto foi originalmente publicado em

²⁴ Para a expressão “enunciação escrita”, entende-se o resultado da enunciação que se materializa na escrita.

²⁵ Este livro foi publicado décadas após a morte de Benveniste, e seu conteúdo provém de anotações de manuscritos do linguista. Portanto, não se trata de um livro escrito diretamente por ele. A edição original foi organizada pelos linguistas Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio.

2006 (sob o título *A escrita enunciativa e os rastros da singularidade*), contudo será utilizada a versão de 2022, *Repensando a escrita*, publicada em formato de livro pela Paco Editorial. A escolha deste trabalho como uma das bases para as análises justifica-se por ser uma proposta que abraça o imprevisível, estende-se para além da norma. Esses são aspectos que se encaixam no desenvolvimento de um trabalho que se propõe abordar as afasias, uma vez que se retira o olhar dicotômico e há a possibilidade de estudar aspectos linguísticos e subjetivos de um sujeito vulnerável a discriminações e silenciamento.

Para Endruweit (2022), a escrita na enunciação segue uma ordem diferente da ordem da escrita convencional, pois o que predomina é a lógica do sujeito, sendo os movimentos enunciativos da escrita, assim como a oralidade, uma mobilização da língua, que envolve a apropriação desta por um sujeito que se coloca como *eu* e, por consequência, refere-se a um *tu*. Aqui, a escrita é abordada “não pelo seu enunciado, mas pela sua enunciação”, porque, quando é tomada apenas pelo enunciado, a escrita reduz-se a texto (o que leva a uma comparação com a oralidade como ideal de comunicação); mas esse não é o foco do trabalho, uma vez que há um interesse pela subjetividade, e ela não necessariamente segue normas convencionalizadas. A subjetividade a que se refere a autora não pode ser concebida sem o sujeito da enunciação, o qual, nas palavras de Endruweit (2022, p. 130), “colou-se à escrita como representação e à escrita enunciativa como um rastro de seu movimento na língua”. Em sua pesquisa com alunos de Ensino Médio, Endruweit (2022) estabelece critérios destinados à descrição de seu *corpus*, e, para fins de análise, esses critérios serão adotados aqui para a escrita dos sujeitos com afasia, de modo a observar os impactos e a influência (se há) de quadros de afasia na escrita como possibilidade enunciativa. A autora estabelece divisões para o que foi encontrado em sua pesquisa: a supressão, a inserção e a substituição, que marcam-se na escrita de forma singular.

Em seguida, ela apresenta um quadro que organiza as categorias propostas e suas subdivisões (Quadro 2).

Quadro 2 – Os movimentos da *escrita*

1. Supressão	2. Inserção	3. Substituição
1.1 Rasura total 1.2 Rasura parcial 1.3 Elemento ignorado	2.1 Inserção mantida 2.2 Inserção na versão final	

Fonte: Endruweit (2022, p. 181).

A supressão é caracterizada como um reconhecimento de “um elemento, frase ou parágrafo grafado de forma inadequada ou situado em local entendido por ele como impróprio” (Endruweit, 2022, p. 182), e como forma mais comum de supressão tem-se a rasura. Considerando os tipos de rasura observados, a autora dividiu o movimento em três subclassificações: rasura total, rasura parcial e elemento ignorado.

Endruweit (2022) levanta a possibilidade de que, talvez, o sujeito recorra à supressão a fim de retirar aquilo considerado um excesso. O primeiro tipo, rasura total, é talvez o mais agressivo, pois o sujeito tenta ou mesmo consegue impedir a leitura do que foi posto em um primeiro momento, sem inserir algum outro termo no lugar da rasura. Essa tentativa de ocultar o escrito permeada por um esforço de impossibilitar a leitura traz uma contradição na medida em que, ao tentar apagar de forma “feroz”, o sujeito cria uma presença marcante em seu texto por meio da rasura. Nos casos de rasura total observados por Endruweit, não há a inserção de outro termo.

No caso da rasura parcial, mais moderada, há a possibilidade de ler o que foi grafado, pois o sujeito parece mudar de ideia, mas sem necessariamente esconder esse fato. Esses movimentos costumam vir acompanhados de um termo inserido, mas podem acontecer de forma solitária. O último tipo, o elemento ignorado, difere-se dos dois primeiros por não apresentar rasura e só é percebido quando há um rascunho e uma versão final, uma vez que o elemento ignorado destaca-se quando há duas versões. Observa-se uma escala decrescente quanto à intensidade da rasura, a rasura total sendo a mais acentuada; a rasura parcial com uma oscilação mais comedida; e o elemento ignorado, que permanece pacificamente ali.

Ao contrário do primeiro movimento, a inserção “ocorre quando são acrescentados termos ou trechos ao que já foi escrito, na tentativa de completar o sentido, mas sem a supressão do que já existia” (Endruweit, 2022, p. 193) em busca de uma completude com o *tu*. Como Endruweit (2022) trabalhou com escrita e

reescrita em sua pesquisa, esse movimento subdivide-se em uma inserção feita no rascunho e mantida na versão final; e uma inserção que ocorre apenas na versão final. De acordo com a autora, a inserção parece ir ao encontro do *tu* com mais ímpeto do que o movimento anterior, pois consiste em uma marca visível e o foco encontra-se naquilo que já foi escrito. A preocupação é no esculpir do enunciado, visto que “o caminho está certo, basta apenas melhorá-lo” (Endruweit, 2022, p. 208).

O último movimento é a substituição, que se caracteriza por “alterações na ordem em que as expressões são escritas, mudança no léxico (a forma de grafia das palavras) e modificações semânticas” (Endruweit, 2022, p. 197). Diferentemente das duas primeiras divisões, esta não apresenta nem retirada, nem acréscimo de nenhum termo quando efetuada, e é caracterizada pela autora como um indício de sofisticação por parte do locutor. “Há nesse ir e vir de expressões, de palavras e até de parágrafos um esforço em precisar ao ‘tu’ o melhor sentido” (Endruweit, 2022, p. 209), pois aqui as substituições advêm da perspectiva que o enunciador tem do leitor. Em alguns casos, as substituições podem modificar todo o enunciado, já que alteram a organização interna do texto, redirecionando a escrita.

Já é sabido que a afasia, como um distúrbio de linguagem, afeta aspectos de produção oral e escrita de sujeitos com esse distúrbio. Em Santana (1999), encontra-se o registro de que tanto a oralidade quanto a escrita são formas de comunicação que permitem a interação em sociedade; entretanto a autora enfatiza que a escrita e a leitura, tradicionalmente, foram consideradas com certo descuido nos estudos do fenômeno da afasia. Ou os estudos sobre a escrita de sujeitos com afasia recebiam pouca atenção por serem entendidos como elementos dicotômicos em relação à oralidade, ou a escrita recebia um “olhar” sistemático marcado pelo que falta no sistema, considerando o que seria padrão na produção. Entende-se que a escrita é uma das formas de manifestação da linguagem e que, em relação ao distúrbio afásico, requer a compreensão dos movimentos enunciativos produzidos por sujeitos com afasia no e pelo ato de enunciação escrita.

3 METODOLOGIA

Este capítulo foi organizado em cinco seções: a primeira (3.1) indica o tipo de pesquisa desenvolvida; a segunda (3.2) expõe questões éticas com relação à pesquisa; a terceira (3.3) trata dos ambientes nos quais foi feita a coleta de *corpus*; a seção seguinte (3.4) aborda o processo de seleção e coleta de dados, bem como os sujeitos participantes da pesquisa; e a última (3.5) dedica-se ao processo de análise dos dados.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, já que consiste em um estudo sobre aspectos subjetivos e comportamentais de sujeitos com quadros de afasia. Minayo (2002, p. 21-22) estabelece que a pesquisa qualitativa trabalha com o vasto “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Pelo viés enunciativo, o sujeito, ao apropriar-se da língua, manifesta subjetividade, e a afasia, apesar de ser um distúrbio com várias classificações advindas da área da saúde e da Linguística, manifesta-se de maneira particular em cada indivíduo. Assim, existe todo um nível de realidade que escapa do olhar quantificador e estatístico. O foco da pesquisa em singularidades de sujeitos inseridos em determinados contextos sociais e culturais são “dados”²⁶ que não podem ser quantificados. Portanto, há lógica ao classificar a pesquisa como qualitativa.

Além de ser uma proposta que se enquadra nas especificidades de uma pesquisa qualitativa, adota-se, ainda, a ideia de pesquisa de campo, que, de acordo com Minayo (2002), caracteriza-se como a possibilidade de criar uma aproximação com o objeto de estudo, bem como um conhecimento que parte da realidade existente no campo de pesquisa. A pesquisa de campo, no caso deste trabalho, efetiva-se por meio da realização de oficinas de escrita (individuais e grupais) para

²⁶ Nunes e Flores (2017) consideram que, em perspectiva enunciativa, não se trata do “ato em si” de análise devido à efemeridade do ato enunciativo; contempla-se o ato por intermédio de um fato, pois o ato concerne à ação em si – única e irrepetível –, e o fato é o recorte em si da enunciação – este é que pode servir de objeto de análise. Assim, o recorte é de fatos enunciativos.

sujeitos com afasia participantes dos encontros do GIC. Minayo (2002, p. 53) delimita o campo de pesquisa “como o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada”. Desse modo, o espaço usado para os encontros das oficinas de escrita delimita o campo que será analisado nesta pesquisa.

Ademais, Minayo (2002) destaca que, além do recorte espacial, o lugar principal, em se tratando de pesquisa social, é ocupado pelos indivíduos e pelos grupos dos quais participam. Esses indivíduos e grupos convivem em uma dinâmica de interação social e possuem uma história própria a ser investigada. Assim, ao transformar os aspectos sociais em objeto de estudo, o campo de pesquisa “torna-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos” (Minayo, 2002, p. 54).

A autora expõe um “ciclo de pesquisa” organizado em: fase exploratória; trabalho de campo; tratamento do material (podendo ser subdividido em ordenação, classificação e análise propriamente dita). Trata-se de um ciclo que não se encerra após o final da última etapa, pois produz contribuições e conhecimentos que levam a novas provocações e que poderão gerar novas produções no futuro. Tendo esses conceitos de Minayo (2002) como suporte, foi possível desenvolver este trabalho, sem haver, contudo, um método *a priori*, pois trata-se de um estudo que não tem precedentes. Para esta pesquisa, os aspectos linguísticos e subjetivos que surgirem ao longo das oficinas de escrita serão foco de análise, e espera-se, assim, o surgimento de contribuições para os estudos linguísticos sobre afasias.

3.2 QUESTÕES ÉTICAS

Considerando que o presente trabalho lida com aspectos linguísticos produzidos por participantes com afasia, é de suma importância que sejam respeitadas todas as questões éticas referentes ao bem-estar dos sujeitos que participaram e contribuíram para a pesquisa. Seguem-se os principais referenciais em que a ética em pesquisa se baseia: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça para com os indivíduos que participam da realização do processo científico e contribuem de alguma forma com ele. Essas resoluções também regulamentam os aspectos éticos para a pesquisa em seres humanos no Brasil.

É necessário que os indivíduos-alvo sejam esclarecidos sobre a pesquisa, que eles assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo D) para participar dela e que haja proteção dos dados do grupo participante. É necessário dar oportunidade para ponderação sobre os possíveis riscos e benefícios de participar do estudo, e a participação deve ser voluntária.

Ao serem convidados a participar das oficinas de escrita, de onde foi retirado o *corpus* desta pesquisa, os participantes receberam orientações claras e explícitas, a fim de esclarecermos o destino e o propósito dos trabalhos feitos com e por eles nas oficinas. Esse esclarecimento prévio é importante, pois dá a autonomia e a oportunidade para ponderarem sobre os possíveis riscos e benefícios da participação. De nossa parte, houve comprometimento com o máximo de benefícios e o mínimo de riscos e danos, priorizando a beneficência do projeto e garantindo que danos e riscos previsíveis seriam evitados, de modo a preservar o bem-estar dos participantes.

Em suma, a pesquisa com seres humanos deverá sempre tratá-los com dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade. Nesse sentido, por tratarmos diretamente com seres humanos, primamos pelos cuidados com o sigilo dos dados, respeito e autonomia dos participantes sobre a permanência ou não na proposta de pesquisa.

Ainda, para fins de funcionamento da pesquisa, o Comitê de Ética da UFSM foi consultado, e o projeto foi apresentado à Plataforma Brasil, sendo posteriormente autorizado sob parecer número 69204223.3.0000.5346 – agregado ao projeto já existente na UFSM “Acessibilidade textual-discursiva pós-lesão cerebral: foco na escrita como *continuum* da fala pelo viés da análise enunciativa benvenistiana” (23081.011339/2021-17), registrado sob o número 46539421.8.0000.5346 junto à Plataforma Brasil e desenvolvido pela professora pesquisadora Célia Della Mía.

3.3 AMBIENTES DE COLETA DO CORPUS

Considerando que esta é uma pesquisa que nasceu em ambientes bem específicos os quais tiveram grande impacto na elaboração e no curso do trabalho, foram expostos aqui os locais que possibilitaram a oportunidade de pesquisa acerca da linguagem. Em um primeiro momento (3.3.1), o foco é o Grupo Interdisciplinar de Convivência; para então falarmos especificamente das oficinas de escrita (3.3.2).

3.3.1 O Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC)

Abre-se aqui um espaço para contextualização acerca do GIC, projeto que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa e que, há mais de 10 anos, segue semanalmente com encontros, proporcionando um espaço de convivência e socialização entre pessoas com e sem afasia. O livro *Convivência nas afasias: movimentos e experiências em grupo interdisciplinar* (Della Méa; Fedosse, 2022), de professores e alunos de pós-graduação e graduação, forneceu a história, bem como relatos e reflexões, da proposta de atuação do grupo.

Apesar de as atividades do GIC terem iniciado antes mesmo de sua formalização, a interdisciplinaridade esteve sempre presente no cerne do grupo, quando, em 2010, as então professoras da UFSM Elenir Fedosse, fonoaudióloga, e Miriam Delboni, terapeuta ocupacional, inquietas quanto à falta de acompanhamento longitudinal de adultos com lesão neurológica, iniciaram, de forma improvisada, as atividades em uma sala subsolo do Prédio de Apoio da UFSM. Inicialmente o grupo era composto por dois sujeitos com afasia e dois voluntários (um da Fonoaudiologia e outro da Terapia Ocupacional), e a dinâmica “consistia em acolher e discutir com sujeitos e respectivos familiares/cuidadores as características clínicas apresentadas, bem como desvelar as possibilidades de enfrentá-las” (Fedosse, 2022b, p. 18). Com o passar do tempo, ocorreu a formalização do GIC, que já se caracterizava como ação de extensão e de ensino, mas que, com as sucessivas adições ao seu corpo de participantes, alimentando ainda mais a interdisciplinaridade, logo foi vinculado à pesquisa.

Quanto ao perfil dos participantes encaminhados para o GIC, são adultos e idosos com lesão neurológica, em especial no lado esquerdo do cérebro, lado dominante no que concerne à linguagem na maioria das pessoas, o que pode resultar em quadros de afasia. No texto de apresentação do livro *Convivência nas afasias*, o conceito de afasia é exposto de maneira breve como “dificuldade de compreensão e de produção da linguagem verbal – linguagem oral/fala e/ou escrita” (Fedosse, 2022a, p. 12). As lesões cerebrais que podem resultar em afasia são, mais comumente, acidente vascular cerebral (AVC), traumatismo cranioencefálico (TCE), infecções e doenças degenerativas do cérebro, tumores e aneurismas. Após mais de uma década de funcionamento, atualmente sob a supervisão da professora

Célia Della Múa (Departamento de Letras Clássicas e Linguística da UFSM), o GIC está registrado como projeto de extensão “Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC): trânsito de linguagem, educação em saúde e promoção de processo formativo”, o que caracteriza o projeto “como comunidade de fala, lugar de compartilhamento de experiências e manifestação de múltiplas semioses (verbais e não verbais) próprias da natureza humana” (Fedosse, 2022b, p. 22-23). O grupo encontra-se permeado de profissionais e alunos de áreas como Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Psicologia e Linguística, contribuindo para uma atuação interdisciplinar e formação profissional. O número de participantes com e sem afasia que frequentam o GIC permanece em torno de 15 pessoas, com alguns participantes de frequência mais irregular.

Os encontros, como dito antes, são semanais, ocorrem no prédio da Fonoaudiologia da UFSM (26E) e apresentam uma dinâmica dividida em três momentos principais, sucessivamente: a hora da novidade, o lanche e a hora da atividade. Na hora da novidade, com todos sentados em círculo, os participantes têm a oportunidade de compartilhar acontecimentos e notícias que consideram importantes, com assuntos girando em torno “do cotidiano familiar, das condições e necessidades de saúde, bem como eram rememorados fatos do passado e planejadas atividades internas e externas a serem realizadas no e/ou pelo grupo” (Fedosse, 2022b, p. 30). É também nessa roda da novidade que os novos participantes e visitantes passam pelo “trote”, no qual são feitas uma série de perguntas por todos os presentes, sempre incentivando e deixando todos à vontade para se colocarem como sujeitos na língua. Na hora do lanche, são organizados alimentos, de preferência saudáveis, em uma mesa, e todos podem usufruir desta pausa enquanto seguem socializando e convivendo com o grupo.

Por fim, a hora da atividade, como o próprio nome sugere, consiste em práticas elaboradas pelos alunos de graduação e pós-graduação, a fim de estimular aspectos cognitivos, sensoriais e motores dos participantes com quadro de pós-lesão cerebral. Podem ser atividades cognitivas, que consistem em dinâmicas envolvendo linguagem (verbal e não verbal) e processos cognitivos, como atenção, gnose, memória e raciocínio lógico; ou atividades sensório-motoras, que focam aspectos sensoriais e motores globais e da motricidade final – facial, oral e manual, por vezes impactados após a lesão. Depois da atividade, há um momento de relaxamento e alongamento. O momento da atividade é pensado fora do horário do

GIC, logo após ou durante a semana anterior ao encontro, organizado em conjunto, sendo necessária a aprovação dos professores responsáveis pelo projeto antes de sua aplicação. O planejamento e a execução desse momento do GIC é de responsabilidade dos alunos de graduação e pós-graduação, um protagonismo que contribui para a formação e o aprimoramento profissional do acadêmico. Há um cuidado na elaboração desse momento do encontro, a fim de proporcionar que todos participem e que seja algo interessante. Dessa forma, frequentemente, ao final são pedidas aos participantes sugestões de quais atividades eles gostariam de ter no GIC.

Além das práticas rotineiras do grupo, anualmente são organizadas e realizadas atividades externas esporádicas; atividades socioculturais que buscam “ampliar as vivências dos sujeitos com afasia, por meio de visitação a parques, feiras e *shopping centers*, cidades turísticas, entre outros” (Fedosse, 2022b, p. 31). Esse tipo de proposta oportuniza a ampliação de vivências dos sujeitos, o que contribui para o trabalho linguístico-cognitivo ancorado por diferentes processos semióticos (fotografia, artes plásticas, música etc.). Como amostra disso, podem-se citar viagens como a de 2019, para Gramado; a de 2022, para Rio Grande; e a já clássica Festa Junina do GIC (Arraiá do GIC), momento no qual todos os participantes se mobilizam e voluntariam para ajudar na decoração e com os pratos da festa. Há também atividades de promoção de saúde, como a produção de cartilhas contendo informações básicas sobre assuntos diretamente relacionados à afasia, como AVC e TCE, por exemplo.

A história e o funcionamento do GIC são muito mais extensos e cheios de nuances do que se poderia incluir nesta curta seção, bem como sua magnitude na vida de seus participantes. Quanto aos indivíduos com afasia, o grupo proporciona um local seguro em que é possível para eles conviver e instaurar a subjetividade como sujeitos na língua; quanto aos sem afasia, não só a formação profissional é agraciada com experiências privilegiadas, mas também o é a formação como ser humano, permitindo (re)descobertas em seu âmbito pessoal. As palavras de Coudry no prefácio de *Convivência nas afasias* sucintamente encerra os comentários acerca desse projeto que (assim desejamos) terá uma vida longuíssima pela frente, propiciando mais oportunidade de estudo e convivência com sujeitos extraordinários:

O GIC tem nas propostas de atividades dirigidas aos sujeitos o trabalho linguístico-cognitivo que eles enfrentam para lidar com suas dificuldades e com os processos alternativos de significação que mostram o caminho a percorrer. Mostram o compromisso de restaurar a linguagem na afasia em meio a formas possíveis de falar, ler, escrever, discursivamente orientadas para o uso social da linguagem, historicamente marcado, e mais *próxima possíveis do percurso da vida* (Coudry, 2022, p. 9).

É nesse cenário do GIC que os participantes e esta pesquisadora se encontraram. Dos três sujeitos que participaram da pesquisa, todos autorizaram que suas produções desenvolvidas durante os encontros do GIC fossem utilizadas neste trabalho. Justificamos essa mudança com relação ao local de coleta do *corpus* (encontros do GIC e oficinas individuais de escrita) na seção 3.4, ao falar da seleção e da coleta de dados. As oficinas de escrita surgiram como uma proposta dentro do GIC, com uma abordagem mais individual e focada majoritariamente na escrita. O próximo momento do texto foi reservado para registrar essa ação.

3.3.2 As oficinas de escrita

As oficinas de escrita foram essenciais para a coleta de material desta pesquisa. Essa proposta nasceu dentro do GIC, funcionando como uma extensão das atividades desenvolvidas no grupo. Contudo difere-se dele na medida em que o foco é a produção escrita, exigindo um alto nível de abstração daquele que escreve para posterior registro gráfico, pois é complexo o processo de converter a língua em uma imagem da língua (Benveniste, 2014). Assim, tendo em vista essa distinção entre oralidade e escrita, as oficinas surgiram em 2019 com o intuito de propor atividades concentradas na modalidade escrita da língua.

De forma geral, as oficinas ocorrem semanalmente, com duração entre uma e duas horas, em formato presencial e individual. A participação das oficinas é voluntária, dependendo do interesse e da disponibilidade dos sujeitos. Para eles, em razão de sequelas deixadas pós-episódio neurológico e da já mencionada diferença entre oralidade e registros gráficos, “a escrita, muitas vezes, é evitada, pois exige o desprendimento do contexto de fala (em muitos casos já comprometida) e a apreensão da língua em sua materialidade” (Vieira, 2023, p. 38). Assim, todos os sujeitos que regularmente frequentam os encontros do GIC foram convidados a participar de oficinas de escrita, e apenas aqueles que demonstraram interesse, disponibilidade e condições de mobilidade prosseguiram com os encontros.

Nas oficinas de escrita, cada encontro é pensado de forma individual e com foco nos gostos, particularidades e assuntos de interesse de cada sujeito. Essas informações foram levantadas por meio da aplicação de uma versão da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), conforme posto no Anexo C. Esse documento foi organizado por Vieira (2023), Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana pela UFSM, e aplicado junto a Camila Möller, terapeuta ocupacional e doutoranda também em Distúrbios de Comunicação Humana na mesma instituição, com o objetivo de dar foco às questões relacionadas a habilidades cognitivas e linguísticas dos participantes de oficinas, bem como seus gostos pessoais, história de vida e conhecimento do cotidiano. A partir das respostas relacionadas aos interesses pessoais e ao atual estado de funcionalidade e incapacidade do participante, é possível extrair informações que auxiliam na estruturação das oficinas de escrita, focando assuntos e tópicos que o cativem, a fim de mantê-lo ativo e envolvido nas atividades e, ao mesmo tempo, respeitar individualidades e limites.

Frequentemente, os encontros iniciam-se com conversas sobre o cotidiano e assuntos que o indivíduo gostaria de compartilhar. Esse momento inicial é importante para criar um senso de segurança no sujeito, que, muitas vezes, encontra-se fragilizado ou mesmo com sentimentos de vergonha e receio, considerando sua atual relação com a linguagem. Quando há a necessidade de materiais externos para amparar os encontros de escrita, esses também são selecionados levando em conta as particularidades dos sujeitos. Dessa forma, são utilizados materiais como textos (adaptados conforme necessidade), músicas, vídeos, jogos, imagens e recortes, com o propósito de introduzir a temática da oficina e a posterior produção. Não há limites quanto ao gênero de escrita que é trabalhado nas oficinas, visto que depende do interesse e da necessidade que o sujeito indica nos encontros. Então, um participante pode produzir histórias fictícias, enquanto outro tem desejo por escrever uma lista de supermercado, por exemplo. A abordagem gira em torno do sujeito que frequenta os encontros e de suas vontades.

Então, após uma breve conversa e apresentação do tema da oficina, o sujeito é instruído a produzir um texto endereçado a um remetente fictício, sendo deixado livre para executar a atividade da forma que lhe fosse mais confortável. Materiais como canetas, lápis, folhas, tesoura, cola, adesivos, entre outros, são todos

fornecidos pelo responsável pela oficina ao participante. Antes da finalização, é feito um registro fotográfico da produção, pois ela pertence àquele que teve todo o trabalho de criação do texto.

Assim, dois dos três participantes²⁷ da pesquisa que tiveram interesse e disponibilidade de frequentar as oficinas de escrita receberam atividades condizentes com seus gostos, particularidades e sua relação com a linguagem. A seguir, foram expostos os métodos de seleção e coleta específicos deste trabalho dentro desses dois ambientes apresentados.

3.4 MÉTODO E COLETA DE DADOS

Antes que os sujeitos possam participar dos encontros semanais do GIC, eles passam pelo acolhimento, o qual pode ser feito por alunos de graduação (da Fonoaudiologia e/ou da Terapia Ocupacional) ou de pós-graduação (terapeutas da Fonoaudiologia, da Terapia Ocupacional e da Psicologia). Durante os encontros regulares, os participantes são apresentados às oficinas de escrita²⁸, recebem explicações acerca dessa atividade, que ocorre em dias diferentes do GIC e com dinâmica diferente, e são convidados a participar. Em caso de resposta positiva, antes do início das oficinas, ocorre um encontro individual com o interessado, para que responda uma versão do questionário da CIF (disponível no Anexo C), a fim de reunir informações pessoais e sobre o atual estado do quadro de afasia do sujeito²⁹. Essa versão da CIF é aplicada por um terapeuta (psicólogo, fonoaudiólogo ou terapeuta ocupacional), e as informações coletadas são essenciais para a elaboração das atividades das oficinas de escrita³⁰.

A coleta de *corpus*, realizada por essa pesquisadora, aconteceu por meio de oficinas de escrita em encontros individuais (com dois participantes) e grupais (com a seleção de mais um participante). Os participantes do GIC que aceitaram o convite tiveram uma agenda com encontros semanais presenciais para a realização das atividades, de acordo com a disponibilidade de ambas as partes. No total, dois

²⁷ Um deles não tinha disponibilidade, mas cedeu suas produções para o estudo.

²⁸ Essas ações foram todas idealizadas e aplicadas por nós.

²⁹ Questionário organizado por Vieira (2023).

³⁰ Dos três participantes desta pesquisa, apenas um iniciou os encontros das oficinas de escrita antes de responder o questionário, pois a demanda que este sujeito trouxe foi de necessidades mais imediatas, como escrever informações pessoais (nome, endereço etc.) e conversar através do WhatsApp. Posteriormente, o participante respondeu o questionário, que poderá ser utilizado por outros pesquisadores para elaboração de novas oficinas de escrita para esse participante.

participantes frequentaram oito encontros individuais, com em torno de duas horas cada, durante dois meses, para produção escrita, e um terceiro frequentou apenas os já regulares encontros do GIC nos quais realizou, juntamente com os demais, atividade em grupo com escrita individual³¹. No total, cada participante executou seis produções: aqueles que participaram das oficinas individuais têm três produções das oficinas de escrita individuais e três das atividades em grupo; enquanto o terceiro participante tem as seis produções provenientes de encontros grupais.

De acordo com Benveniste (1970, p. 84) em “O aparelho formal da enunciação”, quando o sujeito “se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro”. O lugar *tu*, índice de pessoa, um dos elementos integrantes do ato enunciativo, é ocupado por aquele a quem o *eu* se refere. Dessa forma, sempre que um ato enunciativo ocorre, há a presença de um alocutário. Como a presente pesquisa tem por objetivo analisar atos enunciativos no âmbito da escrita, mostra-se fundamental o envolvimento de um destino para o encaminhamento das enunciações escritas, ou seja, alguém para quem o sujeito com afasia escreve ao realizar a tarefa, de maneira que a intersubjetividade seja instaurada.

Para os participantes das oficinas de escrita, foi elaborado um calendário de encontros com esta pesquisadora de acordo com a disponibilidade de ambas as partes. Um encontro com duração entre uma e duas horas proporcionou tempo suficiente para apresentação e contextualização da atividade e sua posterior produção, sem que fosse muito cansativo e exaustivo para o participante. Estimou-se que quatro encontros semanais (aproximadamente um mês), totalizando 8 horas de oficina com cada voluntário, seria um número adequado para aquisição de material que fornecesse pistas sobre os movimentos enunciativos na/da escrita de sujeitos com afasia. No entanto, tendo em vista o entusiasmo dos participantes em participar dos encontros de escrita, ao final cada participante frequentou oito encontros, totalizando em média 16 horas de atividades. O único participante que tinha interesse, mas não possuía disponibilidade de participar das oficinas, cedeu suas produções realizadas nos encontros regulares do GIC, não sendo necessário

³¹ A ideia inicial era realizar a coleta apenas em oficinas individuais. Porém, considerando questões como disponibilidade de horário e locomoção dos participantes, foram incluídas atividades executadas em grupos, para que o número almejado de três participantes fosse alcançado. Essa delimitação de três participantes ocorreu porque buscamos analisar as enunciações escritas de sujeitos em que o distúrbio de similaridade fosse predominante e de sujeitos nos quais o distúrbio de contiguidade se acentuasse mais.

maior esforço para assegurar que suas produções escritas fossem incluídas nesta pesquisa.

Os métodos para elaboração das oficinas individuais levam em consideração as informações levantadas por meio do acolhimento e do questionário respondido pelos participantes antes do início das oficinas individuais, bem como suas demandas mais urgentes. Essas informações direcionam o desenvolvimento das atividades para determinadas temáticas que sejam relevantes e do interesse do participante, pois um pode ter interesse em desenvolver histórias originais, e o outro prefere escrever o próprio nome ou uma receita culinária especial. Para elaborá-las, não há uma padronização rigorosa, visto que a demanda determina a atividade, e cada sujeito apresenta demandas particulares.

Como *corpus* desta pesquisa, têm-se as produções escritas de três sujeitos distintos, resultados de oficinas de escrita individuais e grupais. Foram selecionadas seis produções de cada participante: dos dois participantes que frequentaram oficinas individuais, foram selecionadas três produções feitas nas oficinas individuais e três feitas nos encontros em grupo; enquanto do último participante escolhemos seis produções de oficinas em grupo. Registros fotográficos de todas as produções realizadas pelos participantes encontram-se reunidos nos Anexos H, I e J, bem como os materiais utilizados na elaboração de cada oficina, seja individual (Anexos E e F), seja grupal (Anexo G). Algumas atividades não puderam ser concluídas em um encontro, por isso colocamos identificados, junto da produção, quais encontros foram necessários para que a atividade proposta fosse realizada até sua conclusão.

3.4.1 Os sujeitos: Cr, Rit e Del³²

Esta seção é reservada para apresentação dos sujeitos que aceitaram voluntariamente participar desta pesquisa. As informações aqui expostas foram retiradas de prontuários fonoaudiológicos, da ficha cadastral do SAF da UFSM, bem como da CIF aplicada por um terapeuta.

A primeira participante é Cr, uma mulher de 38 anos e com Ensino Superior incompleto que frequenta o GIC há mais de 10 anos. Atualmente, mora com a mãe e o irmão mais novo, com uma rotina permeada por tarefas domésticas e diversos animais de estimação: dois gatos e um cão – tópicos muitas vezes trazidos por ela

³² Por sigilo, os participantes desta pesquisa serão identificados como Cr, Rit e Del.

no GIC e nas oficinas. Consome conteúdo jornalístico, frequentemente expondo também opiniões acerca das notícias (aspectos morais, certo e errado, são muito significativos para a participante), bem como conteúdo sobre alimentação saudável, receitas e cuidados pessoais disponibilizados em plataformas como YouTube e encontrados em pesquisas no Google. Além disso, Cr aprecia artesanato e atividades físicas, como caminhada e pilates. A participante dedica tempo para cuidar de sua saúde, seja por meio da informação, seja pela ida regular a médicos, como neurologista; na atualidade, Cr procura serviço de atendimento psicológico também. A participante não se encontra em fonoterapia, mas em 2011 iniciou acompanhamento pelo SAF da UFSM e, um tempo depois, começou a frequentar os encontros do GIC, permanecendo até hoje.

Em maio de 2009, após insistência de sua mãe por uma carona, Cr sofreu um acidente de carro que resultou em TCE e a deixou internada por dois meses na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do Hospital de Caridade de Santa Maria. Cr era auxiliar em uma imobiliária local e cursava Ciências Contábeis. Contudo, após o acidente, abandonou o Ensino Superior em decorrência de sequelas deixadas pelo episódio neurológico; atualmente está aposentada. Cerca de 14 anos após o acidente, como dito no parágrafo anterior, Cr segue em cuidados.

Quanto ao diagnóstico da participante, observam-se principalmente alterações cognitivas de memória e alterações articulatórias, disartrofonias. A lesão compromete sua memória (antiga e recente), seu equilíbrio (locomoção sem a necessidade de suporte, porém mais vagarosa) e sua fala, marcada por pausas, certa lentidão (lentificação), alguns lapsos, estereotipias e agramatismo, bem como circunlocuções. Na atualidade, Cr apresenta boas capacidades de leitura e de escrita, contudo é frequente ela mencionar questões relacionadas à sua memória, alvo de frustrações de sua parte. Considerando esse aspecto de sua memória, pratica regularmente a atividade escrita mantendo uso de um diário e organizando atividades e tarefas, de forma a experienciar maior qualidade de vida e contornar incômodos provenientes de sua memória de curto prazo afetada. Em 2021, a participante foi uma das primeiras a frequentar as oficinas de escrita semanais organizadas e ministradas por alunas da UFSM; uma graduanda em Letras e uma mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana. Assim como sua fala, sua escrita é mais vagarosa, necessitando de certo tempo para executar tarefas. Esta constatação remete ao continuum fala-escrita, quando evidencia que não há uma

ruptura total entre essas duas modalidades da língua, pois ocorre repetição no processo de apropriação da língua (fala-escrita vagarosas). Ela consegue produzir textos longos e complexos, como histórias originais e, após certa concentração, lembrar e contar acontecimentos marcantes de sua semana. É constante a presença de refacções em seus textos escritos, sobretudo quando “deixa o texto descansar” e realiza uma segunda leitura. Cr mostra-se alguém persistente e disposta a seguir praticando cada vez mais a escrita, vide seu empenho em enfrentar desafios e seguir cuidando de si mesma.

Rit é o segundo participante deste trabalho e, entre os três, é o mais recente a chegar ao GIC. Com 43 anos, o participante tem Ensino Médio completo e trabalha em uma oficina mecânica, da qual é também proprietário. Em seu histórico trabalhista, já foi técnico de informática, aprendendo os aspectos técnicos do trabalho de forma autodidata, e também foi motorista de caminhão em Itajaí (SC) por aproximadamente cinco anos. Atualmente, com uma rotina regular, mora com sua mãe e um cachorro em uma casa muito próxima ao seu local de trabalho, o que proporciona sua independência e mobilidade de ir e vir de sua residência até a oficina e vice-versa. Além de atividades na oficina, auxilia sua mãe em tarefas domésticas. Suas atividades de lazer consistem em visitar familiares, escutar música e mexer no celular. Gosta muito de assistir novelas, principalmente as do horário nobre, e aprecia muito diversos aplicativos de jogos que baixa em seu celular, como *Candy Crush* e jogos em que o personagem precisa se locomover fazendo uso de veículos.

Seu episódio neurológico, um AVC hemorrágico, aconteceu em janeiro de 2021, enquanto estava em casa. Em decorrência disso, ficou cinco dias internado na UTI do Hospital Marieta, em Itajaí (SC). O AVC que acometeu Rit é resultante da COVID-19, e atualmente o participante está com as quatro doses da vacina feitas. O lado mais acometido pela lesão foi o lado direito, também sendo seu lado dominante, e, como sequela, Rit apresenta problemas de equilíbrio e mobilidade e necessita do uso constante de um suporte (muleta) para locomoção, porém não tem dificuldade na deglutição. Rit vivencia episódios de epilepsia, que começaram após o AVC. O participante faz acompanhamento fonoaudiológico particular uma vez na semana e fisioterapêutico pela Universidade Franciscana duas vezes na semana. Foi sua fonoaudióloga (antiga participante do GIC como acadêmica e terapeuta) e

uma participante mais antiga que indicaram o grupo a ele, que começou a participar dos encontros no ano de 2023.

Sua fala é marcada por uma estereotopia acentuada por meio da expressão “coisa coisa”, mas consegue falar algumas palavras familiares a ele e questões bem marcadas em sua rotina, como “fono” e “oficina”. Com relação à leitura e à escrita, a percepção de Rit é que apresenta dificuldade em ambas, sendo capaz de reconhecer algumas palavras, mas não as lê em voz alta. Tem dificuldade em iniciar palavras e frases, o que é observado em sua escrita também. A orientação da terapeuta fonoaudiológica é iniciar a palavra com a primeira sílaba, e ele é capaz de completar.

O terceiro e último participante desta pesquisa é Del, um senhor com 83 anos e um dos participantes mais antigos do GIC. Foi caminhoneiro, estudou até o 6º ano do Ensino Fundamental e atualmente mora com a esposa em uma casa com vários animais de estimação, dos quais gosta muito e sobre os quais sempre compartilha histórias. Outro assunto comumente trazido por Del são as viagens que fez enquanto era caminhoneiro e transportava cargas pelo Brasil inteiro, mostrando-se “conversador” e comunicativo. É um grande apreciador de música, sobretudo a gaúcha, e gosta de consumir conteúdo jornalístico pelo rádio e pela televisão. Sua memória mostra-se preservada, bem como sua concentração, ao realizar atividades em geral. Em sua rotina, Del costuma acompanhar as notícias, auxiliar nas tarefas domésticas e, salvo ocasiões específicas, é uma presença constante nos encontros do GIC. O participante tenta manter-se ativo, preferindo locomover-se por conta própria até os encontros do grupo, o que exercita sua autonomia e faz muito bem a ele. A distância percorrida para frequentar os encontros não é longa a ponto de causar desconforto ou dores, visto que o participante tem uma hérnia inguinal que o impede de percorrer distâncias muito longas a pé. Em decorrência da idade e de questões de saúde que exigem cuidados constantes, Del consulta médicos regularmente, mas não se encontra em tratamento fonoaudiológico no momento.

Del sofreu dois AVCs, o primeiro em 2003 e o segundo em 2020; em uma dessas ocasiões, ficou três dias internado na UTI. Como sequelas provenientes do episódio neurológico, Del tem dificuldades de locomoção e problemas de equilíbrio, necessitando de um apoio (muleta) para maior autonomia de mobilidade, e foi diagnosticado com distúrbio de linguagem, afasia de condução. Sua fala apresenta características como parafasia em graus fonêmicos, verbais e semânticos, bem

como um aspecto truncado e pausado ao falar, com hesitações e autocorrekções. Observa-se também anomias, erros articulatórios, disprosódia e linguagem perseverativa. O participante faz tratamentos com fonoaudiólogos e fisioterapeutas e vai regularmente ao cardiologista. No âmbito da escrita, de forma geral, Demanda tempo para escrever, e sua escrita é marcada por uma letra que oscila entre legível e ilegível, com algumas rasuras e movimentos de refacção. Demonstra ser crítico, retornando com certa regularidade ao texto para reescrevê-lo. Mostra capacidade de leitura, porém esta, como sua fala, apresenta-se truncada, e em certos momentos há confusão com algumas palavras.

Expostos, assim, os sujeitos participantes desta pesquisa, bem como suas histórias e particularidades linguísticas e médicas, é viável agora observar os trabalhos produzidos por eles.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Após a etapa de coleta, foi feita a análise do *corpus* de fatos enunciativos, observando a escrita e considerando possíveis rasuras, marcações e qualquer manifestação linguística registrada (eventuais rasuras, desvios, correções dos participantes em seus processos de produção da escrita como um todo, levando em conta as tentativas de ajuste e retomada da linguagem que os participantes podem mobilizar). Foi utilizado o quadro classificatório desenvolvido por Endruweit (2022) para descrever seu *corpus* em sua pesquisa, conforme exposto na seção 2.2.1, ao falarmos sobre articulações entre escrita, enunciação e afasia. Após análise dos fatos enunciativos, foi composto um panorama de reflexão inter-relacionando à classificação das afasias propostas por Jakobson com os movimentos enunciativos produzidos em oficinas de escrita individuais e grupais pelos participantes.

Para fins de exposição dos fatos enunciativos analisados, elencou-se uma forma de demarcar cada movimento. O enunciado no qual foi observada a ocorrência de rasuras, inserções e substituições é colocado em uma caixa, para delimitarmos bem o texto no qual ocorreu(ram) o(s) movimento(s). No caso da rasura total, apenas o registro fotográfico será exposto; para rasuras parciais, optamos por escrever o fato enunciativo rasurado e utilizar o recurso ~~taehar~~, que imita um risco sobre a palavra, juntamente com o *itálico*, para maior destaque. Para o elemento ignorado, apenas o *itálico* faz a distinção. No caso de inserções,

optou-se pelo **negrito** para demarcação. A substituição, quando ocorrer, será sinalizada com o sublinhar. Segue abaixo exemplos de rasuras parciais e, em alguns momentos, seguidas de inserções.

Era uma vez, um gato corria atrás de um rato, ~~porém um~~ **em** scerto momento o rato se escondeu próximo a uma caçamba e o gato pulou dentro ~~da mesma da~~ **desta caçamba.**, ~~que neste momento~~ **Este veículo** saiu do lugar que estava para ir as montanhas, com o gato dentro.

4 RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os movimentos da escrita nas produções realizadas nos encontros individuais e grupais com os três sujeitos participantes desta pesquisa. As produções podem ser encontradas em sua totalidade nos anexos (Anexos H, I, J), bem como os materiais para as oficinas (Anexos E, F, G). Os resultados foram divididos em três seções, de acordo com os sujeitos que as produziram, seguindo a ordem: Cr (4.1), Rit (4.2) e Del (4.3).

4.1 RESULTADOS DA PARTICIPANTE CR

Aqui constam os resultados de Cr, que frequentou, no total, oito encontros individuais de escrita, bem como oficinas em grupo, totalizando seis produções (três realizadas em oficinas individuais e três em oficinas grupais com escrita individual). As produções podem ser verificadas na íntegra no Anexo H.

A primeira produção de Cr foi desenvolvida ao longo de três encontros. No primeiro, foi utilizado um texto adaptado sobre a fábula “A pomba e a formiga”, juntamente com três perguntas relacionadas à história (Anexo H, produção 1, ENCONTRO 1 – Oficina individual de escrita) e com discussões acerca do que Cr achou do texto. Logo nas respostas de Cr, encontramos, na terceira pergunta, os primeiros movimentos de inserção. Endruweit (2022) classifica a inserção em (a) efetuada no rascunho e mantida na versão final e (b) feita apenas na versão final, pois sua classificação pressupõe escrita e reescrita. Como as produções consistem em apenas uma escrita, classificamos como “somente inserção/inserção direta”, desconsiderando as subdivisões. Em **negrito**, temos os elementos que foram inseridos pela participante.

Uma pessoa ao ser ajudada, deve compartilhar esta ajuda com os demais.
--

Em seguida, foi trazida de volta uma das primeiras histórias que a participante produziu, em 2022, e a pergunta “Quais são os personagens da sua história?”, como forma de retomar com Cr a produção de histórias, iniciando-se pela criação dos personagens. No entanto, ao reler seu texto de 2022, Cr mostrou-se muito

insatisfeita com o resultado e decidiu que queria reescrever o texto. O resultado (Anexo H, produção 1, ENCONTRO 3 – Oficina individual de escrita) foi um primeiro parágrafo de introdução de personagens e a instauração de um conflito, marcado por rasuras parciais seguidas de inserção feitas pela participante, em evidente sinal de preocupação com o entendimento do leitor, indicando a intersubjetividade como definidora do movimento enunciativo.

Era uma vez, um gato corria atrás de um rato, ~~perem um~~ em scerto momento o rato se escondeu próximo a uma caçamba e o gato pulou dentro ~~da mesma da~~ **desta caçamba.**, ~~que neste momento~~ **Este veículo** saiu do lugar que estava para ir as montanhas, com o gato dentro.

Esse processo de reescrita de sua história antiga iniciou-se no encontro 1 e seguiu-se ainda por mais dois, totalizando três encontros focados na produção dessa história. Nos segundo e terceiro parágrafos, observamos a ausência de quaisquer rasuras, e chama a atenção a grafia de algumas palavras como “cede”, “fomi”, “prezo” (segundo parágrafo) e “intulhos” (terceiro parágrafo), que pela norma seriam consideradas erros ortográficos, contudo acabam por indicar que Cr possui um conhecimento linguístico que dá suporte quando ela se apropria da língua.

No terceiro encontro de reescrita, Cr finalizou seu texto, novamente em um parágrafo sem rasuras, e respondeu a pergunta “Qual a moral da história para você?”, conforme consta a seguir. Outra vez observamos movimentos de rasuras parciais seguidas de inserções.

Que conforme esta história deste ~~um~~ gato, nada é impossível, o fim de certos ~~ocazsiois~~ e que apartir de nossas atitudes, tudo é possível.

No quarto encontro de escrita (Anexo H, produção 2, ENCONTRO 4 – Oficina individual de escrita), a segunda produção da participante teve como tema principal os acontecimentos importantes nas duas últimas semanas, já que Cr ficou sem oficinas de escrita e sem frequentar o GIC. Foi questionado para a participante quais acontecimentos desse período que passou afastada ela gostaria de compartilhar.

Cr decidiu organizar os acontecimentos em tópicos marcados por um asterisco grande e descreveu-os de forma isolada uns dos outros, sem desenvolver um parágrafo contínuo para relatá-los. O tamanho, a quantidade de informações e os detalhes de cada parágrafo é decrescente: o primeiro extenso e com detalhes; o último curto e sucinto. Em seu texto, destaca-se aqui a grafia “impolgou”, no primeiro asterisco, e a inserção no segundo item, como exposto a seguir.

Descobri o uso do Pix no meu celular para fazer pagamentos de faturas, **ao invés de ter que ir** em bancos ou lotéricas e...

A produção de número 3 (Anexo H, produção 3, ENCONTRO 5 – Oficina individual de escrita) de Cr teve como material a fábula “A cigarra e a formiga”, utilizando um vídeo do YouTube, pois a participante demonstra bastante interesse em histórias e fábulas e em conversar sobre as lições que podem ser aprendidas diante de determinados acontecimentos. Oito *frames* do vídeo foram selecionados e dispostos em quatro folhas, com linhas abaixo de cada imagem, para que Cr pudesse realizar a atividade: contar a história em suas palavras e discorrer sobre a narrativa.

No texto abaixo do primeiro *frame*, há uma rasura parcial (sem inserção posterior) feita antes de a participante terminar de escrever a frase, visto que ela interrompeu a escrita da palavra “formiga”, executou o movimento e continuou a escrever o texto.

Esta é a história de uma (~~for~~) cigarra preguiçosa, que no verão, só dormia;

No texto da segunda imagem, foi observada uma rasura parcial com inserção colocada acima da rasura, e isso demonstra que foi feita por Cr após ela terminar de escrever a frase.

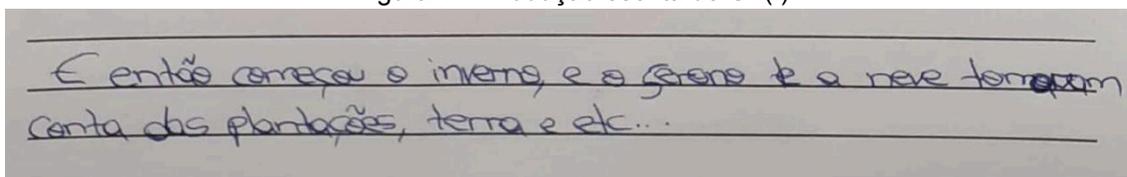
Enquanto a formiga em pleno (~~inverno~~) **verão** levava seus alimentos para si e as demais formigas;

Ao passarmos para o texto da terceira imagem, averiguamos que Cr fez uma inserção ao final de “aprovei”, transformando esse verbo em outro (“aproveitar”).

Porém neste momento, a formiga encontrou a cigarra, que a questionou o porque da mesma, não **aproveitar** a vida no verão;

No texto referente à quarta imagem (Figura 1), é possível observar que Cr escreveu “sereno”, primeiramente com “c”, depois mudou de ideia e adicionou um risco que o modificou para um “s”, cuja curva inferior passa da linha para a escrita, o que podemos classificar como uma inserção. Após isso, Cr parece iniciar a escrita de outra letra (“t”), mas muda de ideia e acrescenta a conjunção aditiva “e”, adicionando mais texto; temos uma rasura parcial seguida de inserção. Em seguida, a participante escreve algo, porém logo já escreve por cima a palavra “tomavam” de forma a marcar bem certas partes da palavra. Como não foi possível identificar o que Cr escreveu em um primeiro momento, definimos esse fato enunciativo como uma rasura total.

Figura 1 – Produção escrita de Cr (I)



Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

Ao passar para a terceira página, no texto do quinto *frame* há ocorrência de inserção, a fim de complementar o sentido da frase que, para Cr, havia ficado incompleto.

Nisso a cigarra foi se dando **conta** do porque do sacrifício das formigas no verão;

Observamos duas rasuras seguidas de inserção no escrito abaixo da sexta imagem da atividade e uma rasura sem inserção (ao), cumprindo o propósito de eliminar elementos que não contribuem para a coerência da frase, na visão de Cr.

Já a cigarra não comia e nem bebia, devido a neve (~~se~~) **que** (~~tomou~~ **E**) **tomou** ao chão por completo e a cigarra estava muito fraca;

Na última imagem dessa atividade, há apenas um movimento de rasura seguida de inserção.

A cigarra ficou forte e então disse a formiga da importância do sacrifício que ela sofreu no verão para a ~~felicidade~~ de **obter uma** boa vida no inverno e ela faria o mesmo, para viver melhor.

Ao final da atividade com a fábula, Cr deveria responder a pergunta “Qual a sua opinião sobre a história da cigarra e da formiga?”, e a participante acabou por produzir duas rasuras. Conforme pode ser visto na Figura 2, a primeira é uma rasura sem inserção posterior (~~e água~~); já a segunda rasura não permite identificar de forma precisa todas as partes do que foi escrito (~~que xxxx os mesmos~~). Por isso, optamos por classificar esse movimento como rasura total.

Figura 2 – Produção escrita de Cr (II)

Através do conto, da história do sacrifício da formiga, no verão, levando seus alimentos e água, para poder viver no inverno, ~~que inibia os mesmos~~; pois como no verão é quente, dificultava o transporte dos mesmos, devido ao cansaço, o que até a cigarra não entendia.

Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

Partimos agora para os resultados obtidos com Cr nas oficinas realizadas em grupo. As atividades para essas oficinas foram pensadas de forma que todos pudessem participar e sentir-se parte daquele momento da atividade em suas respectivas escritas individuais. Considerando as particularidades de cada indivíduo que frequenta o GIC, o nível de dificuldade da tarefa varia de acordo com o sujeito.

Para a participante Cr, de forma geral, as atividades propostas para oficinas em grupo não representaram um desafio, pois são de menor nível de complexidade,

se comparadas às atividades das oficinas individuais. A participante completou, sem rasuras, as letras de música (Anexo H, produção 4, ENCONTRO 2 – Oficina grupal de escrita) e, ao responder as perguntas sobre o evento da festa junina do GIC, inclusive escreveu mais de uma resposta para a pergunta 6 (Anexo H, produção 5, ENCONTRO 3 – Oficina grupal de escrita).

Na sexta e última produção de Cr (Anexo H, produção 6, ENCONTRO 6 – Oficina grupal de escrita), observamos a ausência de rasuras, contudo a organização das imagens de forma vertical é interessante, porque a participante organiza os acontecimentos cronologicamente de cima para baixo, utiliza uma seta antes de descrever a foto e, ao escrever, usa mais de uma palavra e inclui um ponto e vírgula ao final de cada item, colocando o ponto-final no último item apenas. Esse é um padrão que já foi observado na produção 2, quando a participante escreveu sobre as duas semanas que esteve ausente (Anexo H, produção 2, ENCONTRO 4 – Oficina individual de escrita).

A seguir, no intuito de favorecer a percepção sobre os movimentos enunciativos produzidos por Cr, elaboramos o Quadro 3, que resume os tipos de movimentos de acordo com a classificação de Endruweit (2022) e quantifica o uso.

Quadro 3 – Movimentos enunciativos de Cr

Supressão: 17	Inserção: 5	Substituição: 0
Rasura total: 2 Rasura parcial com inserção: 12 Rasura parcial sem inserção: 3 Elemento ignorado: 0	Inserção mantida: 0 Inserção na versão final: 0	

Fonte: Elaborado por esta pesquisadora.

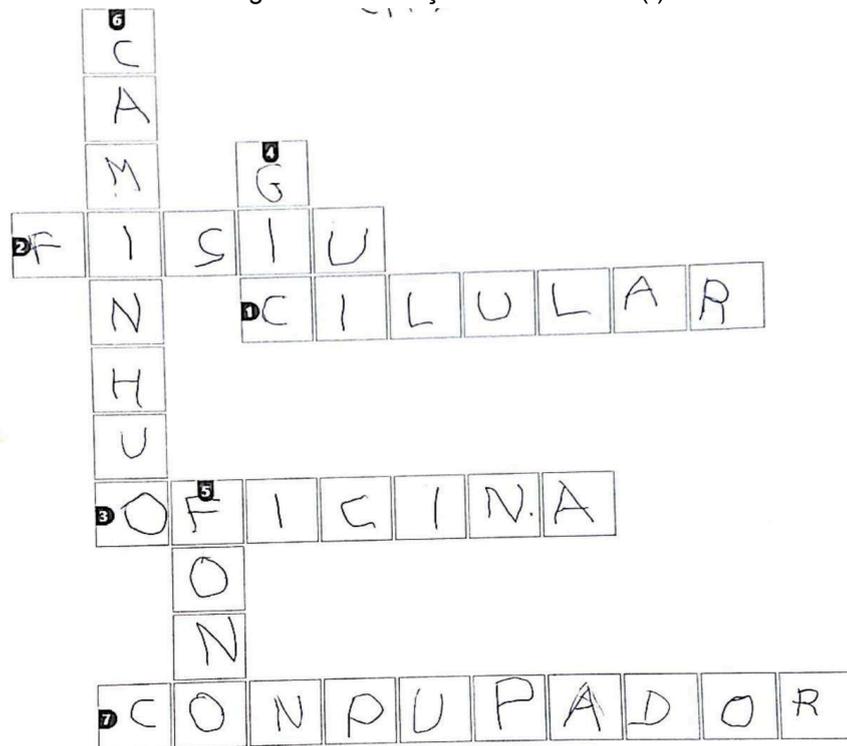
4.2 RESULTADOS DO PARTICIPANTE RIT

Assim como Cr, Rit foi um dos sujeitos que frequentou oficinas individuais de escrita, totalizando oito encontros. Foram selecionadas três produções feitas nas oficinas individuais de escrita e três produzidas em oficina em grupo com escrita individual (Anexo I).

Para iniciar os comentários, optamos por reproduzir digitalmente a primeira atividade (Anexo I, produção 1, ENCONTRO 1 – Oficina individual de escrita) do

participante, pois há aspectos interessantes que ficam mais bem expostos quando observados diretamente na digitalização. Como dito antes, Rit frequentou os encontros individuais de escrita, e o primeiro deles também foi a primeira vez que o participante se encontrava com a pesquisadora nesse ambiente. Portanto, elencamos uma atividade mais leve, como a cruzadinha (Figura 3), que fizesse referência a elementos já familiares ao participante.

Figura 3 – Produção escrita de Rit (I)



1) APARELHO ELETRÔNICO QUE PODEMOS LEVAR PARA TODO O LUGAR, PODEMOS
ACESSAR O WHATS COM ELE *GICHUSSCS*

2) MÉDICO QUE NOS AJUDA A ANDAR E LOCOMOVER MELHOR *!*

3) LOCAL DE TRABALHO DO CRIS *ONFAECIO 'C*

4) GRUPO QUE ACONTECE NAS SEXTAS FEIRAS

5) MÉDICO QUE NOS AJUDA A FALAR *!*

6) VEÍCULO GRANDE QUE TRANSPORTA CARGAS PELO BRASIL TODO *! CIOEAF*

7) APARELHO ELETRÔNICO QUE TEM TECLADO E MOUSE, USAMOS PARA TRABALHAR

! R

Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

A atividade da cruzadinha foi escolhida porque a fonoaudióloga particular do participante havia informado que ele apresenta dificuldade em iniciar palavras, mas que, se há um apoio inicial, ele consegue completá-las. Em uma cruzadinha, após a

primeira palavra ter sido identificada e escrita, gradualmente surgem pistas das outras palavras e fica mais fácil concluir a atividade.

No primeiro encontro, o participante completou a atividade, e seu processo foi permeado por diversas tentativas marcadas fora da cruzadinha, antes que ele sentisse segurança para preencher cada espaço. Ao lado de cada dica, Rit experimentava letras que acreditava serem possibilidades constituintes da palavra-resposta da atividade. Quando Rit iniciava seu processo de testagem das letras, ele já sabia, por meio da dica e do diálogo com a pesquisadora, qual palavra completava os espaços. Contudo, como oralidade e escrita apresentam aspectos próprios, Rit estava em um processo de identificar as letras que compunham as palavras, daí a testagem. O participante consegue falar, por exemplo, “oficina” e reconhece a palavra como sendo seu local de trabalho, porém necessita de um alto nível de abstração para escrever “oficina”, algo que demanda tempo. Nesses momentos, aspectos muito próprios emergem de sua escrita, como o próprio movimento de “experimentar as letras” antes de chegar a uma conclusão sobre a escrita das palavras. Essa primeira atividade não foi marcada por rasuras ou inserções.

A segunda produção (Anexo I, produção 2, ENCONTROS 3 e 4 – Oficina individual de escrita) foi desenvolvida em dois encontros, pois é a mesma atividade realizada duas vezes, em momentos diferentes. Foi chamado de formulário com informações básicas sobre Rit, como nome, idade, profissão, com quem mora e endereço. Nome e endereço foram cortados da imagem para manter o anonimato do participante. A prática da escrita especificamente dessas informações sobre o participante foram solicitadas pela fonoaudióloga e pela família. Como abordamos a escrita pelo viés da enunciação, como ato enunciativo, estabelecemos o conceito do formulário que será recebido e lido por um leitor hipotético que faz papel de *tu*.

Informações como nome, idade e data de nascimento foram preenchidas sem maiores dificuldades em ambas as atividades, mas, a parte referente à “profissão” foi preenchida por Rit com respostas distintas: na primeira (Anexo I, produção 2, ENCONTRO 3 – Oficina individual de escrita), o participante escreve primeiro “mocovo” e abaixo “meconeca”, desconsiderando o primeiro elemento sem rasurá-lo. É possível levantar aqui a hipótese de que o participante tentava escrever “mecânico”, a profissão em si, ou mesmo “mecânica”, o local de trabalho da profissão, pois a resposta que ele colocou quando refez essa atividade foi diferente.

PROFISSÃO: MOCOVO
MECONECA

Na atividade do encontro 4 (Anexo I, produção 2, ENCONTRO 4 – Oficina individual de escrita), Rit responde a mesma questão com um léxico distinto. Dessa vez, o participante faz diversas tentativas de escrever “oficina”.

PROFISSÃO: OBPSC
OFICANO
O A
OFICIMA

A reescrita de “mocovo” em “meconeca” e as sucessivas reescritas de “oficina” caracterizam-se como um movimento de testagem. Na primeira produção, foi feito com letras; aqui observamos que Rit testa a seleção das letras, mas também a sua combinação em sílabas e palavras. Pontuamos que ambas as respostas de Rit, mesmo diferentes, podem fazer referência não à profissão em si, mas ao local em que exerce sua profissão (“mecânica” e “oficina”).

Ao responder a pergunta “Com quem mora?”, Rit rasura por cima do nome de sua mãe, escreve “Mauro”, mas depois escreve um “a” por cima do “o” final, fazendo com que a inserção ocupe a posição de rasura também; temos aqui o primeiro movimento: uma rasura seguida de inserção. Chamamos a atenção para o fato de o participante ter escrito “mea” na primeira escrita, que pode ser entendido como sua tentativa de escrever “mãe”, porém com uma combinação diferente, assim como “mao”.

MEA MAO MAURΘA

Ao escrever “cachorro”, o participante faz três tentativas antes de ficar satisfeito com a escrita, chegando inclusive a escrever “carro”, palavra que possui sílabas em comum com “cachorro”. Ressaltamos o movimento de Rit de escrever as letras que acredita fazerem parte da palavra, colocando-as mais ou menos na posição em que acha que elas ficam (como espaços entre as letras), como em uma

das escritas de “cachorro”. Também caracteriza-se como um movimento experimentação, porém dessa vez com a posição da letra na palavra em questão.

CA O O CARRO CARORRO CACHORRO
--

Quando observamos o registro do encontro 4, notamos que Rit executou menos reescritas: “mae” foi escrito logo na primeira tentativa, e ele escreveu “CARRO O” antes de escrever “cachorro”.

Os registros dos encontros 5 ao 8 são de apenas uma atividade, a terceira produção de Rit (Anexo I, produção 3, ENCONTROS 5, 6, 7 e 8 – Oficina individual de escrita) que foi dividida em quatro encontros. Os registros foram divididos de acordo com o que o sujeito produziu em cada oficina. A proposta da atividade era que Rit escrevesse sobre sua rotina; assim, ele iniciou sua escrita na segunda-feira. Rit optou por dividir seu texto em tópicos, escolhendo os horários para desenvolver a atividade. Ao longo da escrita, surgiram diversas rasuras e diversas testagens de escrita. A primeira delas foi uma rasura seguida de inserção, logo ao escrever o nome do dia da semana sobre o qual iria escrever, juntamente com uma pequena rasura.

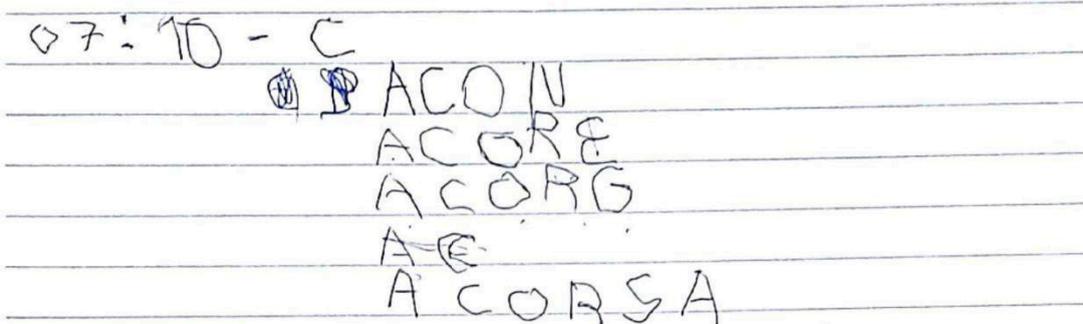
SENATE SETATE SEMN SEGUNA

Rit rasurou o “M” em sua terceira tentativa de escrita, colocando o “N” por cima – uma rasura seguida de inserção. De forma geral, Rit consegue escrever mais facilmente os números, visto que nesses casos, quando comparado com a escrita de palavras, não houve testagens, mas sim rasuras.

No encontro 5, destacamos dois momentos nos quais Rit conseguiu escrever até sentir-se satisfeito com o resultado. Nota-se que o participante tem dificuldade em iniciar a escrita, tentando letras como “c” e “r” antes de escrever o “aco”, que pode constituir “acorda” ou “acordar”. Conforme a Figura 4, identificamos duas

rasuras: a primeira, uma rasura total, não sendo possível identificar o que foi escrito embaixo; e a segunda, uma rasura parcial com inserção posterior, na qual conseguimos identificar a letra como sendo um “P”.

Figura 4 – Produção escrita de Rit (II)



Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

Logo abaixo, sem supressões ou inserções, Rit demonstra novamente esforço, por meio da testagem, para iniciar a palavra “carro”.

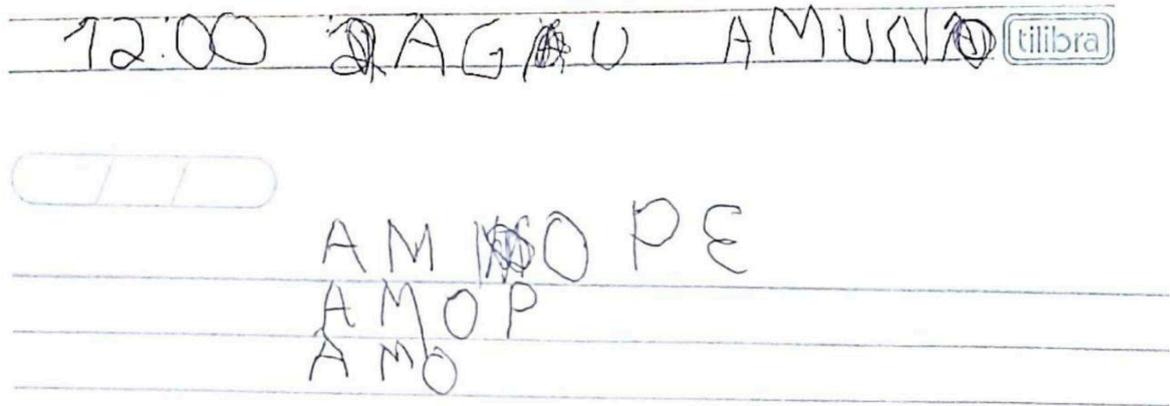
07:30 CU
CE
CARRO

No sexto encontro dessa produção, entre alguns movimentos na escrita, Rit rasura parcialmente o horário, fazendo inserção logo após ela.

09:030 TV

Aqui as possibilidades de escrita de Rit, considerando o horário, apontam para “almoço” ou “almoçar”, que foi rasurado parcialmente (seguido de inserções) por ele em três momentos. Como há uma rasura total, optou-se por expor a digitalização (Figura 5).

Figura 5 – Produção escrita de Rit (III)



Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

Ainda no sexto encontro, Rit demonstra que foi necessário empenho e experimentações ao iniciar e executar a escrita de “oficina”. Ele deixa espaços vazios entre as letras que acredita serem constituintes da palavra que deseja escrever. Logo abaixo, há mais uma rasura em um horário, sendo esta parcial seguida por inserção, como as anteriores.

14:00 IN
E I I I
OFIS
OFIN
OFI INI
OFICINA
157:00

No sétimo encontro da produção, Rit retornou à primeira folha e executou mais algumas tentativas de escrever “fisio” até chegar no resultado que lhe era satisfatório. Houve uma breve rasura seguida de inserção (€) antes de Rit escrever “FA”. O participante escreveu até “fizi” no encontro 5; depois inseriu “fizio” no encontro 6; e por fim “fisio” no encontro 7. Essa sequência de testagens foi a maior que Rit fez nessa terceira produção.

08:00-€ FA
FO
FU
FE

FIU
FINU
FISISO
FISISU
FIZI
FIZIO
FISIO

O horário da atividade “lachi” também foi parcialmente rasurado (com inserção posterior), e a palavra escrita por Rit reforça a dificuldade que ele tem de iniciar a escrita.

157:00 CA
LO
LU
LO
LACO
LACHO
LACHI

Rit inicialmente escreveu “18:30”, contudo modificou o horário para “17:30” acima da escrita anterior, também uma rasura parcial seguida de inserção.

17:30
~~18:30~~ OFICINA
18:30 TV

No oitavo encontro da produção 3, a sílaba inicial de “cama” foi escrita desde a primeira tentativa de Rit, que seguiu experimentando até chegar ao resultado desejado.

22:30 CAS
CAR
CAR
CAMO
CAMU
CAME
CAMA

Após isso, Rit escreveu novamente toda a atividade, produzindo assim rascunho e versão final. Destacamos que, no processo de reescrita, Rit priorizou passar para a versão final a última testagem que fez no rascunho (nos casos de testagem) e a inserção feita após a rasura (nos casos de supressão seguidas de inserção). De forma geral, as últimas experimentações que Rit executa e as inserções que seguem as rasuras são movimentos que permitem a ele se reconhecer como sujeito em sua escrita. Além disso, nessa versão final da atividade, foi possível encontrarmos a única inserção direta na versão final: ao escrever “amo” no rascunho (no horário de 12:00), Rit insere na versão final o “ço”, formando “amoço”. Identificamos também mais uma rasura parcial seguida de inserção, conforme o quadro a seguir.

089/00 – CARRO

As fotos de todas as produções individuais do participante podem ser encontradas no Anexo I.

Nas atividades grupais de Rit, é possível observar que a realizada na produção 4 (Anexo I, produção 4, ENCONTRO 2 – Oficina grupal de escrita) foi completada integralmente, havendo uma breve rasura em “mão” na música do grupo Roupas Nova. O participante escreveu “mo”, contudo escreveu o “a” por cima e terminou de escrever a palavra – uma rasura parcial com inserção posterior.

MΘAO

No caso da atividade do encontro 3 (Anexo I, produção 5, ENCONTRO 3 – Oficina grupal de escrita), o participante não terminou a atividade e apresentou diversos movimentos em sua escrita (Figura 6). Na primeira pergunta da atividade, Rit rasura por cima, e conseguimos ler a palavra final, mas não o que foi escrito inicialmente, marcando, assim, uma rasura total.

Figura 6 – Produção escrita de Rit (IV)

1- Decoração de Festa Junina que todo o ano o GIC faz.
J M BANHEIRÃO

Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

O mesmo acontece na pergunta 3, ao grafar o “r” de “bergamota” (Figura 7).

Figura 7 – Produção escrita de Rit (V)

3- O que o Seu Delmar levou para a Festa Junina do GIC?
BERGAMOTA

Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

Na pergunta 7, o participante escreveu “chadeu” e posteriormente escreveu um “p” por cima do “d”, executando uma rasura parcial seguida de inserção.

chadpeu

O mesmo movimento é observado nas perguntas 4 e 6 (Figura 8): Rit faz uma rasura e insere o termo imediatamente após ela.

Figura 8 – Produção escrita de Rit (VI)

4- Quem ganhou o prêmio da Festa Junina?
CEARMEN

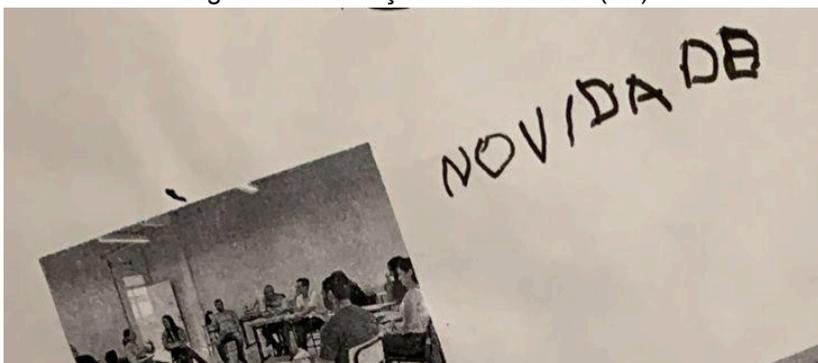
6- Doce de Festa Junina feito de amendoim
PAÇOCA

Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

As perguntas 8, 9 e 10 não foram respondidas pelo participante durante o encontro, o que evidencia sua necessidade de tempo para realizar a atividade escrita.

Na última atividade em grupo (Anexo I, produção 6, ENCONTRO 6 – Oficina grupal de escrita), Rit utilizou uma rasura total ao escrever “novidade”. Como não é possível ver o que foi escrito em um primeiro momento, colocamos a foto a seguir (Figura 9).

Figura 9 – Produção escrita de Rit (VII)



Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

O Quadro 4 apresenta resumidamente a frequência de movimentos na escrita encontrados nas produções de Rit. É possível averiguar uma predominância da supressão, com 20 ocorrências.

Quadro 4 – Movimentos enunciativos de Rit

Supressão: 20	Inserção: 1	Substituição: 0	Testagem: 124
Rasura total: 5 Rasura parcial com inserção: 15 Rasura parcial sem inserção: 0 Elemento ignorado: 0	Inserção mantida: 0 Inserção na versão final: 1		Testagem com rasura: 10 Testagem sem rasura: 114

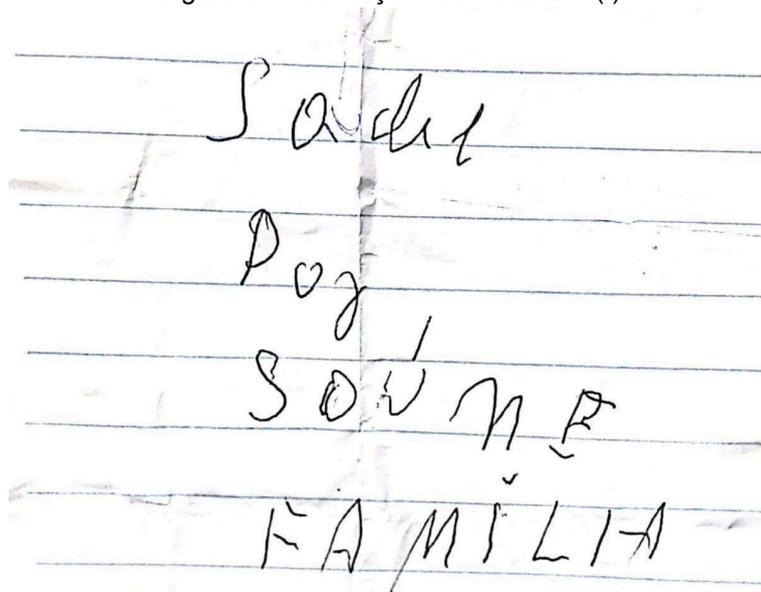
Fonte: Elaborado por esta pesquisadora.

4.3 RESULTADOS DO PARTICIPANTE DEL

O participante Del foi o único a frequentar todas as oficinas de escrita na modalidade em grupo. Salientamos que a produção escrita do participante foi executada de maneira individual. Foram reunidos materiais de seis oficinas grupais nas quais o participante Del esteve presente; os registros podem ser consultados em sua totalidade no Anexo J.

A primeira produção de Del foi a atividade de escrever seus desejos para um ano no futuro. A escrita de Del apresenta-se consideravelmente impactada pelos dois AVCs que sofreu, e por essa razão foi exposta a digitalização da produção de Del (Figura 10).

Figura 10 – Produção escrita de Del (I)



Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

Na figura, é possível identificar quatro palavras – “saúde”, “paz”, “saúde” e “família” –, que foram expostas em formato de lista, algo em geral utilizado quando se opta por ser breve quanto ao conteúdo, expondo resumidamente em uma palavra uma atividade, um conceito ou uma ideia de maior complexidade por trás. Na primeira vez que escreveu “saúde”, é possível ver de forma discreta e meio apagada um “ú”, que se apresenta bem exposto na segunda vez que Del escreveu.

A produção 2 (Anexo J, produção 2, ENCONTRO 2 – Oficina grupal de escrita) de Del apresenta uma escrita afetada. A atividade de completar as letras de música foi finalizada com sucesso pelo participante. Del, ao ouvir a música, conseguia identificar a palavra que faltava e a escrevia.

A produção 3 (Anexo J, produção 3, ENCONTRO 3 – Oficina grupal de escrita) demonstra aspectos parecidos com os da produção 2: o participante sabia as respostas para todas as perguntas, mas sua escrita mostra que palavras não usuais, como “quentão”, “bergamota” e “chapéu”, apresentam certa desordem na

escrita³³. Até então, Del não produzira rasuras explícitas, mas é possível identificar que o participante reforça a escrita de algumas letras, como se para demarcá-las e possibilitar que sejam entendidas pelo leitor.

A proposta da produção 4 (Anexo J, produção 4, ENCONTRO 4 – Oficina grupal de escrita) foi trabalhar com ditados populares por meio de signos não verbais – os *emojis*. Nessa atividade, após dado um tempo para os participantes pensarem acerca dos *emojis* e sua organização, todos discutiram sobre qual poderia ser o ditado ali exposto. Depois de todos terem a oportunidade de participar da conversa, eram compartilhadas pelo projetor as respostas; assim, todos poderiam ter acesso à forma escrita do ditado popular. É uma atividade que poderia exigir mais dos participantes, já que as respostas são mais extensas que uma ou duas palavras.

Novamente, Del sabia todos os ditados e, mesmo com as respostas compartilhadas, demonstrou aspectos interessantes. A escrita de Del foi feita considerando o espaço disponível para tal; logo, o participante dividiu a palavra “macaco” em “mac-” (dito popular 1) e continuou a escrita na próxima linha. Alguns ditados parecem ter sido escritos de forma contínua (ditos populares 2, 4 e 8).

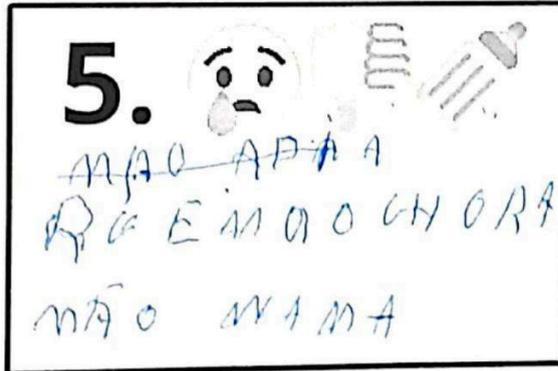
No dito popular 5, Del iniciou a escrita de “não adia” (rasurou parcialmente o “a” inserindo o “i” por cima). É provável que fosse “Não adianta chorar pelo leite derramado”, mas, ao ver a resposta, alterou sua escrita. Utilizou, para isso, rasura parcial sem inserção posterior, uma vez que o participante descartou a escrita do ditado, não dando continuidade a ela, e optou pela resposta mais aceita pelo grupo (“Quem não chora, não mama”), posteriormente mostrada pelo projetor.

<p>NÃO ADAIA RUEMAO CHORA NÃO MAMA</p>

O dito “Não adianta chorar pelo leite derramado” também poderia ser uma opção considerando os *emojis* apresentados, mas Del optou por suprimi-lo e escrever o ditado fornecido no projetor e também mais aceito pelo grupo (Figura 11).

³³ A resposta da pergunta 10 está editada, pois é o nome completo de Del. O participante, ao responder (corretamente) a pergunta, utilizou esse espaço para assinar o seu nome na folha da atividade, já que sempre é pedido que os presentes no encontro do GIC identifiquem suas folhas de exercícios (aqui todas essas indicações foram rasuradas ou não inclusas).

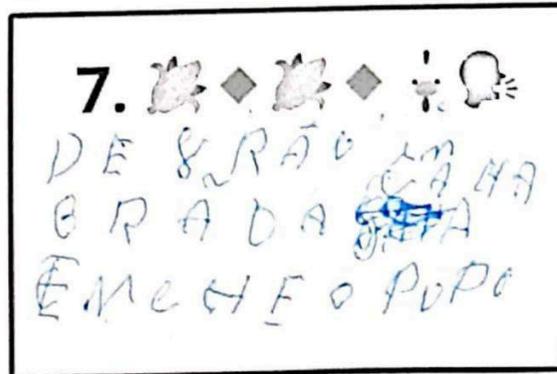
Figura 11 – Produção escrita de Del (II)



Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

Conforme a Figura 12, para o dito popular 7 Del produz uma rasura mais intensa, que permite a identificação de algumas letras, mas não a leitura completa do que foi posto inicialmente, sendo essa uma rasura total. Podemos observar uma rasura do tipo parcial seguida de inserção (“c” foi rasurado pelo “e” de “enche”).

Figura 12 – Produção escrita de Del (III)



Fonte: Produção coletada nas oficinas de escrita e registrada por esta pesquisadora.

A quinta produção de Del (Anexo J, produção 5, ENCONTRO 5 – Oficina grupal de escrita) foi uma cruzadinha sobre uma apresentação envolvendo palhaçaria, da qual o grupo GIC participou. Essa atividade reforça o que foi dito anteriormente: o participante consegue fazer o que é proposto, porém sua escrita é bastante impactada pelo episódio neurológico.

A última produção (Anexo J, produção 6, ENCONTRO 6 – Oficina grupal de escrita) de Del é interessante, pois nessa proposta os participantes deveriam colocar as fotos em ordem cronológica e descrever, como desejassem, o que estava acontecendo na foto. O sujeito optou por organizar as fotos na horizontal e escrever

apenas uma palavra que, por sua perspectiva, resumia o que acontecia na foto. Das cinco palavras que Del utiliza, três são substantivos, uma é um verbo no infinitivo (“comer”) e uma outra pode ser interpretada tanto como verbo quanto como substantivo.

De forma geral, foi identificado que o participante Del recorreu poucas vezes aos movimentos da escrita em suas produções. O Quadro 5 reúne as ocorrências dos movimentos e as apresenta quantitativamente.

Quadro 5 – Movimentos enunciativos de Del

Supressão: 4	Inserção: 0	Substituição: 0
Rasura total: 1 Rasura parcial com inserção: 2 Rasura parcial sem inserção: 1 Elemento ignorado: 0	Inserção mantida: 0 Inserção na versão final: 0	

Fonte: Elaborado por esta pesquisadora.

5 ANÁLISES

Este capítulo traz uma reflexão analítica sobre os resultados apresentados no capítulo anterior. Essas análises são divididas em quatro momentos diferentes: os três primeiros registram as discussões dos resultados conforme os participantes; no quarto momento, realizamos articulações entre os resultados dos três participantes, considerando a proposta de classificação das afasias de Jakobson.

5.1 MOVIMENTOS NA ESCRITA DE CR

O quadro resumitivo da escrita de Cr (Quadro 3, inserido ao final da seção 4.1) demonstra que o movimento que predomina em sua escrita é a supressão (17 ocorrências) feita principalmente por meio da rasura parcial com inserção posterior, com 12 ocorrências observadas, mas também com rasura parcial sem inserção (3 ocorrências) e rasura total (2 ocorrências). A supressão é um movimento na escrita que ocorre quando o sujeito considera haver algo inadequado ou impreciso em sua escrita; assim, esse recurso surge como forma de apagar esse registro (Endruweit, 2022). A rasura do tipo parcial, um dos tipos de supressão, permite ler o que foi escrito em um primeiro momento e, no caso de Cr, frequentemente é seguida de inserções.

Observamos com maior frequência rasuras nas produções 1 e 3 (Anexo H). No primeiro parágrafo da história desenvolvida por Cr (Anexo H, produção 1, ENCONTRO 3 – Oficina individual de escrita), encontramos a presença acentuada de rasuras do tipo parcial com inserção e também ao responder a pergunta acerca da moralidade da história que acabou de escrever. Houve, inclusive, um momento em que Cr executou a rasura, inseriu um termo e logo depois rasurou o termo inserido, para só então escrever de maneira final (rasurou parcialmente a expressão “na mesma” e inseriu “desta caçamba”, porém decidiu rasurar o “desta” e substituir apenas por “da”, executando uma alteração de algo que já havia sido alterado anteriormente). Isso revela a preocupação (intersubjetividade) de um sujeito com sua escrita.

Ao finalizar a escrita da história, Cr responde a pergunta “Qual a moral da história para você?” (Anexo H, produção 1, ENCONTRO 3 – Oficina individual de escrita) e acaba por produzir duas rasuras parciais seguidas de inserções: “Que

conforme esta história deste ~~um~~ gato, nada é impossível, o fim de certos ocasiões e que a partir de nossas atitudes, tudo é possível”. Nessa escrita podemos observar que Cr utiliza a expressão “nossas atitudes”, incluindo a si mesma, de forma implícita, em sua resposta. A participante mostra um senso de altruísmo e moralidade bastante fortes que acredita serem aplicáveis a todos, mas a ela também, e assim a subjetividade se instaura. Ao colocar-se como sujeito de seu discurso, Cr refere-se a um *tu* e, explicitamente, evidencia a intersubjetividade, pois “nossas atitudes” refere-se a ela, mas também àquele para quem ela enuncia (*tu*) – o leitor.

Outro aspecto interessante é o comportamento de Cr quando atua na modificação da escrita de uma palavra por razões ortográficas. Ao grafar a palavra “certo” (primeiro parágrafo), a participante a fez com “s”, contudo, em um segundo momento, escreveu letra “c” por cima do “s” de forma a obter “certo”, executando a segunda rasura parcial seguida de inserção. É possível atestar que a ordem de escrita de Cr foi “serto” e depois “certo”, pois no segundo parágrafo a participante grafou “sede” como “cede” em razão do fonema inicial das duas palavras ser o mesmo – /s/. A alteração que Cr fez em “certo”, mostra que ela sabe que as letras “s” e “c” podem apresentar o mesmo som [s], bem como em “ocasiões” que foi escrito com “z” e posteriormente rasurado para “s” por conta do som [z]. Além disso, há as grafias de “fomi”, “prezo” e “intulhos”. A maneira como Cr escreveu essas palavras revela que a participante apresenta conhecimento linguístico que lhe dá suporte ao se apropriar da língua.

A atividade com a fábula “A cigarra e a formiga” (Anexo H, produção 3, ENCONTRO 5 – Oficina individual de escrita) foi marcada por rasuras parciais (com e sem inserção) e totais. As rasuras parciais em “Esta é a história de uma (~~for~~) cigarra preguiçosa, que no verão...” (sem inserção posterior) e “Enquanto a formiga em pleno (~~inverno~~) **verão** levava seus alimentos...” (com inserção posterior) marcam movimentos na escrita que impactaram diretamente na coesão e na coerência do conteúdo que escreveu, mostrando que Cr se preocupa em executar a tarefa da melhor forma possível para entendimento do leitor. Na terceira linha do primeiro parágrafo de sua história original (Anexo H, produção 1, ENCONTRO 3 – Oficina individual de escrita), após sua rasura, Cr inseriu um ponto-final e iniciou uma nova frase, trabalhando no aspecto coesivo de seu texto; um movimento extremamente complexo de ser percebido e modificado por iniciativa própria. É uma preocupação

da participante que a compreensão textual seja a melhor que consegue produzir, e para isso realiza uma releitura do que acabou de escrever, o que, por vezes, leva à reescrita, fruto de uma insatisfação com o resultado, o que a afasta de seu texto. Cr demonstra ser crítica com suas escritas, busca se reconhecer como sujeito quando escreve e, ao mesmo tempo, considera o entendimento do leitor ao entrar em contato com seu texto.

As rasuras totais e parciais sem inserção parecem ser utilizadas por Cr quando esta considera haver um excesso em sua escrita que precisa ser retirado, mas sem colocar outro elemento no lugar. A rasura predominante é a parcial e seguida de inserção, que, comparada aos outros tipos de supressão, marca a vontade de Cr por se propor como sujeito em sua escrita, pois ela não só elimina o que não considera pertinente, como também insere outro(s) elementos no lugar, à procura da escrita que considera adequada para si e para o outro pressuposto. A supressão marca a escrita de Cr na medida em que ela modifica seu texto por meio da retirada daquilo que não a faz identificar-se com sua escrita, frequentemente inserindo outros elementos no lugar, visto que diversas rasuras causaram modificações na coesão e na coerência em seus textos. São marcas na escrita feitas em prol do entendimento do leitor. É a intersubjetividade explicitada no ato enunciativo da escrita.

Os movimentos de inserção (com 5 ocorrências) também reforçam a preocupação de Cr com o entendimento dos possíveis leitores de seus textos, ou seja, a intersubjetividade em sua escrita. Cr recorre à inserção quando, ao reler o que escreveu, identifica uma falta, a necessidade de completude de sentido. Ao responder a pergunta 3, “Qual a moral da história para você?” (Anexo H, produção 1, ENCONTRO 1 – Oficina individual de escrita), sobre a história “A pomba e a formiga”, já podemos observar os primeiros movimentos de inserção em negrito: “Uma **pessoa ao** ser ajudada, **deve** compartilhar esta ajuda com os demais”. Cr executou essas alterações ao terminar sua escrita e não ficou satisfeita com a resposta, decidindo, assim, acrescentar termos que, por sua perspectiva, valorizassem sua escrita e buscando completar o sentido daquilo que já havia escrito.

Já a inserção do trecho “ao invés de ter que ir” (em “Descobri o uso do Pix no meu celular para fazer pagamentos de faturas, **ao invés de ter que ir** em bancos ou lotéricas e...”) na produção 2 (Anexo H, produção 2, ENCONTRO 4 – Oficina

individual de escrita) mostrou-se necessária. Ao reler o que escreveu, a participante percebeu que precisava complementar sua escrita a fim de corrigir a explicação que forneceu sobre o funcionamento do PIX, já que, sem essa inserção, a explicação de Cr seria o contrário do que é, de fato, a funcionalidade do pagamento instantâneo. Dessa forma, a inserção completou o sentido do que já havia escrito e modificou a coesão e a coerência de sua escrita, algo complexo de ser feito, considerando o alto grau de abstração da atividade.

Nessa mesma produção (Anexo H, produção 2, ENCONTRO 4 – Oficina individual de escrita), foi pedido para Cr contar o que aconteceu durante as semanas que ficamos sem nossos encontros. A participante optou por escrever em tópicos, organizando os acontecimentos em parágrafos isolados, sem criar uma linha temporal explícita (por exemplo, do acontecimento mais antigo ao mais recente, tudo contado em um único texto dividido por parágrafos, como suas histórias). Cr utiliza algumas marcações temporais em alguns itens, por meio de datas específicas para aniversários e para o encontro do GIC, porém não fica explícito que é uma ordem cronológica que guia sua escrita, mas sim o acontecimento sobre o qual ela escreve. Os parágrafos vão decrescendo de tamanho e descrição, sendo o primeiro o mais extenso e com mais detalhes, e o último o mais curto e com menos descrição.

Contudo, é possível que haja um fato cronológico na escrita, pois as produções 2 e 6 apresentam certa similaridade. As duas trabalharam acontecimentos de dias diferentes daquele em que a escrita ocorria, e Cr, em ambas, organizou seu texto por tópicos (de cima para baixo): na atividade 2 utilizou um asterisco para isso, e na 6 organizou as imagens uma em cima da outra, escrevendo, ao abordar os acontecimentos. A organização cronológica mais verticalizada ao escrever sobre acontecimentos passados pode ser um traço marcante da escrita de Cr, na medida em que ela organiza os eventos dessa forma. Porém, na atividade 2 a ordem seria do acontecimento mais recente para o mais antigo, vide a quantidade decrescente de descrição de cada item; já na atividade 6, a ordem segue os acontecimentos do início do encontro até o final. É possível que a organização em tópicos seja um suporte de Cr para situar-se temporalmente em sua escrita e conseguir realizar seus registros, uma vez que a participante fala com frequência sobre suas questões com a memória.

Na produção 3 (Anexo H, produção 3, ENCONTRO 5 – Oficina individual de escrita), Cr utiliza a primeira pessoa em “não aprovei a vida no verão”, porém

posteriormente executa uma inserção do “tar” ao final de “aprovei”, com o resultado final “aproveitar”. A inserção modificou consideravelmente a significação da frase, já que, na primeira, temos um verbo que faz referência à primeira pessoa, mas não registra coerência com a sequencialização do texto. A inserção foi utilizada para resgatar o sentido que Cr buscava para sua escrita. A participante insere o termo “conta” em “foi se dando conta”, completando o sentido da expressão que utilizou em sua escrita. Nessa mesma atividade, Cr executa uma inserção na palavra “sereno”, pois a escreveu com “c” (“cereno”), puxando a partir do “c” a parte inferior do “s”, passando a linha colocada para escrita, ficando evidente que o movimento aconteceu. Essa modificação evidencia a preocupação de Cr com a apresentação de seu texto e seu conhecimento linguístico, pois reconhece que o som [s] pode ser grafado com “s” ou “c”. Temos registro de dois movimentos da escrita que refletem esses conhecimentos de Cr, visto que, anteriormente, a participante utilizou a supressão ao rasurar o “s” com um “c” para obter “certo”, bem como a inserção do “s” em “cereno”.

Em relação aos índices específicos da enunciação, primeiramente marcadores temporais, Cr utiliza predominantemente o tempo passado, com exceção do momento que escreve sobre o aniversário de sua irmã, no qual utiliza o marcador temporal “hoje” mais a data do dia e o tempo verbal presente. Marcadores espaciais são utilizados em dois momentos: no primeiro item, ao especificar “em casa”, e no terceiro item, ao escrever que sua irmã que faz aniversário naquele dia mora em Santa Cruz do Sul (RS). Cr mostra cuidado e preocupação com a orientação temporal e espacial a que o leitor (*tu*) terá acesso, situando seu discurso a partir de si (*eu*). Quando observamos o índice de pessoa, Cr utiliza o *eu* de forma implícita em todos os itens descritos por ela. A frequência maior acontece por meio de verbos, como “mostrei”, “descobri”, “pude”, “estava”; porém ocorre também com pronomes, como “meu celular”, “meu irmão”, “minha irmã” e “meu cachorro”. Cr utiliza formas de marcar o *eu* com bastante frequência em seus textos, situando-se no discurso, marcando sua subjetividade no processo e a consequente intersubjetividade.

Ao longo da atividade, Cr utiliza alguns marcadores temporais em seu texto, a exemplo de “neste momento”, “no verão” e “no inverno”; como forma de situar o leitor temporalmente em sua escrita, já que as estações do ano são relevantes para a fábula. O tempo predominante é o passado, mas Cr utiliza o presente ao introduzir

a história na primeira folha – “Esta é a história de...” –, o que coloca a participante no momento da enunciação, algo observado mais claramente na resposta de Cr à pergunta “Qual a sua opinião sobre a história da cigarra e da formiga?”, em que o tempo presente predomina. Quanto ao espaço, Cr utiliza referências espaciais quando estas interferem e são relevantes para a narrativa, como em “...e o sereno e a neve tomaram conta das plantações, terra e etc...”; “devido a neve que tomou o chão por completo...” e, ao final da história, “...e a levaram para seus aposentos,...”. Cr compreendeu que essas informações impactam no entendimento de quem lê seu texto, julgando assim importante fazer referência a esses elementos espaciais.

As atividades realizadas por Cr nas oficinas em grupo (Anexo H, ENCONTRO 2, produção 4; ENCONTRO 3, produção 5; ENCONTRO 6, produção 6 – Oficinas grupais de escrita) não têm quaisquer rasuras, inserções ou substituições. Isso se deve ao nivelamento feito nas oficinas em grupo, de forma a incluir todos os presentes na atividade. Assim, as atividades grupais não apresentam dificuldade para Cr, que termina rapidamente as questões propostas.

A escrita, como uma modalidade que pede maior grau de abstração, representa, muitas vezes, um desafio e uma satisfação para Cr, que, tendo em vista suas produções, percebe que a escrita funciona de maneira diferente da fala. A participante precisa de tempo para entender o que lê e realizar a escrita nas atividades, contudo apresenta maior conhecimento linguístico quando comparada com os outros dois sujeitos. De forma geral, os movimentos observados na escrita de Cr são marcados por supressões, predominantemente parciais seguidas de inserção, e somente inserções. Há preocupação e esmero na escrita dela, uma vez que a participante tem o hábito de verificar sua escrita considerando aquele que terá contato com seu texto, o que a faz recorrer a movimentos de rasura e inserção para, respectivamente, retirar o que pensa ser inadequado e completar o sentido do que já escreveu. Ao fazer isso, Cr apropria-se da língua colocando-se como sujeito e revelando a intersubjetividade, também por meio dos movimentos de supressão e inserção em sua escrita.

5.2 MOVIMENTOS NA ESCRITA DE RIT

Quanto aos movimentos na escrita de Rit, mesmo que sua escrita esteja quantitativamente em menor uso, também observamos maior recorrência da

supressão, com 20 execuções observadas, e uma única inserção. Contudo, além do que já foi citado, por parte de Rit foi recorrente um movimento que nomeamos de testagem.

Na primeira atividade envolvendo a cruzadinha (Anexo I, produção 1, ENCONTRO 1 – Oficina individual de escrita), Rit, antes de colocar uma resposta final, escreveu diversas letras ao lado das dicas, buscando aquelas que compunham a resposta a ser inserida na cruzadinha. O desejo de escrever e completar a atividade se manifesta na medida em que Rit, que possui limitações em decorrência de seu quadro de afasia, procura pela alternativa que o deixa satisfeito com sua escrita e realiza uma testagem. A quantidade de tentativas antes de escrever indicam uma dificuldade latente de selecionar os termos para então combiná-los. Dessa forma, Rit parece sentir-se determinado para buscar a próxima letra que compõe a palavra, sem necessariamente suprimir suas tentativas anteriores no processo. Rit muitas vezes iniciava a escrita de uma palavra, porém, ao não ficar satisfeito, passava para a linha de baixo e tentava escrever novamente sem, no entanto, suprimir sua tentativa anterior. Ele parece utilizar sua escrita prévia como um suporte para sua próxima tentativa, como se para ter acesso à parte que aprovou e então reescrever a que não se adequa. No caso de “fisio”, por exemplo, foram 10 escritas até conseguir chegar no resultado desejado.

De modo geral, contamos como um movimento de testagem quando o participante testou uma letra de forma isolada (como na produção 1) ou quando buscava escrever uma palavra (demais produções). No caso das palavras, observamos o quão próximas se encontravam as letras escritas para considerarmos uma testagem. Na atividade 3, Rit pulou uma linha quando iria executar o movimento ou mesmo traçou uma linha que separou as tentativas, mas no caso de “cachorro”, na produção 2, ele deixou explícito quando iniciava e terminava aquela testagem (“ca o o; carro; carorro”). A escrita final não foi considerada na contagem. Assim, no caso de “cachorro”, tivemos três testagens antes de Rit escrever a versão final. Rit executou testagens em diversos momentos, e podemos observar que ela pode ser produzida junto a outros movimentos, como a rasura. Logo, optamos por subdividir esse movimento em “testagem com rasura” e “testagem sem rasura”.

Ao realizar o movimento de testagem sem rasura (como fez com “cu, ce, carro” na produção 3), Rit cria um suporte para sua escrita, pois ao testar e perceber que a escrita não o agrada, ele descarta aquela possibilidade e tenta novamente

sem correr o risco de repetir o que já fizera antes, pois não houve supressão da tentativa anterior. Contudo, há momentos que o participante rasura enquanto realiza a testagem, como quando escreve em sequência “mea, mao, maura” ao responder “Com quem mora?” na produção 2 (Anexo I, produção 2, ENCONTRO 3 – Oficina individual de escrita). A escrita de “mea” e “mao” possibilitou que ele chegasse a “Maura”, a resposta que considerou adequada após suprimir o “o” escrito em um primeiro momento pelo “a”, caracterizado como rasura parcial com inserção. Já ao responder perguntas sobre a festa junina do GIC (Anexo I, produção 5, ENCONTRO 3 – Oficina grupal de escrita), na pergunta 1, quando escreve “bergamota”, podemos identificar rasuras totais trabalhando junto com a testagem. Rit se apropriou da língua e conseguiu escrever um enunciado no qual viu sua subjetividade instaurada, reconheceu-se como sujeito em sua escrita.

Nesses casos em que há a rasura, é como se o participante quisesse marcar que reconhece uma inadequação naquele registro que merece ser excluída, pois não se encaixa no que gostaria de escrever ou se distancia demasiadamente disso. Isso pode ser observado na atividade sobre sua rotina (Anexo I, produção 3, ENCONTRO 7 – Oficina individual de escrita): nela, Rit escreve “físio” após diversas testagens, e, na primeira, conseguimos ver uma rasura parcial em um “C” antes que ele inicie as testagens com “Fa”. Ao suprimir o “c”, Rit estabelece que a letra não é reconhecida na escrita que ele tenta executar. Nesse processo, a rasura, assim como o movimento de testagem, auxiliou-o para que chegasse ao resultado desejado.

Ainda, o participante por iniciativa própria, reescreve o alfabeto (Anexo I, produção 1, ENCONTRO 1 – Oficina individual de escrita), com algumas letras menos usadas ausentes, como se para vislumbrar todas as possibilidades de seleção e combinação que tinha à sua disposição, ou talvez relembrar os componentes da língua da qual se apropria ao enunciar. Isso mostra que ele apresenta conhecimento linguístico e que o que está afetado são as operações de seleção e combinação, dificuldades essas que ele contorna por meio dos movimentos da escrita, inclusive a testagem. Se considerarmos o movimento de testagem nas análises, é ele que ocupa a posição de mais frequente na escrita de Rit, seguido da supressão e por fim da inserção. O movimento de testagem apresenta características próprias, porém acaba por se aproximar do movimento de inserção, uma vez que Rit escreve e, posteriormente, realiza novas tentativas,

inserindo, assim, novas letras a cada vez. A testagem se difere da inserção, ao mesmo tempo que se utiliza do processo de inserção até atingir a escrita que seja satisfatória.

Se observarmos somente os momentos que foram suprimidos na atividade sobre sua rotina (Anexo I, produção 3, ENCONTRO 7 – Oficina individual de escrita), pontuamos que as rasuras que Rit produziu ao escrever os números se apresentam de forma diferente quando comparadas àquelas encontradas em letras. Quando observamos os horários, Rit recorreu à rasura em quatro momentos (“9:00; 14:00; 17:00; 17:30”) com o objetivo de suprimir aqueles que considerou inadequados, inserir o horário correto e construir uma escrita na qual ele reconheça sua rotina para as segundas-feiras, reconheça-se como sujeito. Já quanto às rasuras feitas nas letras, Rit recorre a elas quando quer descartar completamente aquela letra em específico da escrita daquela palavra. Quando reconhece que a letra que escreveu não compõe a palavra que está escrevendo, Rit quer suprimi-la de modo a ficar claro que não há espaço para ela naquela escrita. Ao mesmo tempo que ele deixa as suas tentativas prévias como suporte para escritas futuras, para que ele saiba o que quer que permaneça em sua escrita, a rasura serve como guia para ele saber o que não quer que permaneça ou para voltar a se repetir naquela escrita. Ao escrever “acorsa”, na linha logo abaixo do horário “7:10” é possível vislumbrar um “p” rasurado, uma rasura feita por Rit a fim de marcar que não há espaço para o “p” naquele momento de sua escrita.

O único movimento de inserção ocorreu quando Rit escreveu sua produção 3 em outra folha, passando o texto a limpo. Rit deixou apenas as versões que foram consideradas apropriadas após seus movimentos de testagem. Assim, é possível identificar espaços que foram deixados em branco, apenas com o horário, indicando que há atividades para aquele momento sem de fato descrever o que é feito. No rascunho, no horário de “12:00”, o participante escreveu “amo” e inseriu, na versão final, o “ço”, formando “amoço”. Por meio da inserção de “ço”, Rit foi capaz de completar o sentido da atividade que ocupa um espaço em sua rotina, conseguindo se reconhecer como sujeito nessa escrita.

As próximas produções foram feitas por Rit nas oficinas em grupo, e é possível verificar o movimento de testagem de letras nas produções 4 (na música “Como é grande o meu amor por você”) e 5 (pergunta número 1) novamente. Na quarta produção, ao final da música “Whisky a Go Go”, é possível ver que há uma

rasura em “mão”: foi escrito “mo”, em seguida o “ão” foi colocado por cima do “o”, fazendo a inserção ser também a rasura.

A produção de número 5 não foi finalizada em tempo hábil por Rit. A não completude da atividade, não por desconhecimento do sujeito, mas por falta de tempo, revela a necessidade de um intervalo considerável para Rit refletir sobre sua escrita e passar pelo processo de abstração que a atividade pede. Em decorrência de seu episódio neurológico, ele demanda mais tempo para realizar as atividades propostas nas oficinas grupais e individuais (visto que a produção 3 levou quatro encontros para ser terminada). Ainda na produção 5, Rit novamente utiliza a rasura parcial seguida de inserção e a rasura total ao responder as perguntas 1 (bandeirinha), 3 (bergamota) e 7 (chapéu); na sexta e última produção, ao escrever “novidade”, vemos o mesmo movimento em sua escrita. Já nas perguntas 4 (Carmen) e 6 (paçoca) ocorre a inserção após a rasura.

Quanto aos outros aspectos enunciativos, tempo e espaço, eles são menos observados, porém presentes. Ao responder sua idade, Rit escreve não só quantos anos tinha no momento da atividade, mas também a data de seu nascimento. A idade fazendo referência ao presente e o dia em que nasceu fazendo referência ao passado revelam que o participante encontra-se no presente de sua enunciação, ao mesmo tempo que situa seu leitor temporalmente. Quanto ao espaço, ao responder sobre sua profissão, Rit dá duas respostas diferentes em cada encontro, porém ambas podem ser lidas como o espaço no qual Rit exerce sua profissão: “meconeca” e “oficima”. Aqui, o seu espaço de trabalho carrega todas as funções que costumam ser executadas na profissão de Rit juntamente com o local onde as exerce, constituindo um aspecto subjetivo de sua escrita, na qual o local também carrega em si as atividades que ali acontecem.

Isso se repete na produção 3, cuja proposta era escrever sobre sua rotina na segunda-feira, quando Rit novamente coloca “oficina” em seu cotidiano, mas utiliza “cama” para o momento de ir dormir; “mesa” referindo-se ao ato de pôr a mesa para as refeições; “carro” para quando precisa se locomover; e “TV” quando fala de seus momentos de lazer (mesmo que faça mais coisas além de assistir a programas). Na escrita de Rit, uma palavra carrega mais sentido do que o uso habitual, um aspecto próprio desse sujeito.

Ainda na produção 3, é possível perceber que os números que Rit utiliza para escrever as horas são sua forma de posicionar o leitor e a si mesmo a partir do

tempo presente. O participante consegue registrar o funcionamento de sua rotina mesmo sem recorrer a elementos gramaticais para isso, atribuindo uma atividade/tarefa para cada horário de seu dia. O horário, mesmo quando Rit não escreve por completo, também indica, em sua escrita nessa atividade, que algo aconteceu, como o horário de “21:00” e “22:00”, que contêm letras soltas para a atividade nesse período. Ao “passar a limpo” a produção 3, esses dois horários permaneceram em branco, porém, como Rit os colocou na atividade, sabemos que eles representam/simbolizam algo em sua rotina.

5.3 MOVIMENTOS NA ESCRITA DE DEL

As produções de Del chamam a atenção, inicialmente, pela grafia: o participante tem uma letra que transita entre o compreensível e o ilegível. Essa oscilação quanto à clareza de sua escrita reflete-se por vezes em um não entendimento por parte do leitor, mas mesmo assim, de forma geral, Del realiza poucos movimentos de supressão (com 4 ocorrências) e nenhum de inserção ou substituição.

Os movimentos de supressão observados foram registrados na produção 4, os quais são, na ordem de ocorrência: rasura parcial com inserção; rasura parcial inserção posterior; rasura total; e novamente rasura parcial com inserção. A supressão é um movimento proveniente da tentativa de apagar o que foi escrito, por considerar o registro inadequado ou indesejado. Observamos que Del utilizou da rasura para modificar a escrita de “não adãia”, a fim de modificar o “a” pelo “i”, por considerar o “a” inadequado para o que desejava escrever; movimento similar ao que acontece no ditado 7 (no qual o “c” é rasurado com o “e” de “enche”). Movimento similar acontece quando Del descarta a resposta “não adia” por completo, após o grupo chegar à conclusão de que o ditado é “Quem não chora não mama” e o projetor exibir como viável essa resposta para todos do grupo. A resposta de Del se encaixava para a atividade, porém, mesmo assim, ele decidiu descartar e escrever a mesma resposta do grupo, manifestando uma supressão, provavelmente para acompanhar a perspectiva dos outros. A rasura total foi executada por Del no ditado 7, ao escrever o ditado “De grão em grão a galinha enche o bico”, utilizada para suprimir por completo e impedir a leitura do que foi escrito antes.

Na atividade 2 (Anexo J, produção 2, ENCONTRO 2 – Oficina grupal de escrita), Del mostra maior dificuldade ao escrever “estrelas” e “roupa”, escritas que se estivessem fora do contexto das canções poderiam não ser entendidas pelo leitor. As demais palavras, mesmo com caligrafia irregular, são legíveis e passíveis de entendimento. Del novamente não recorre a nenhum dos movimentos da escrita, porém na segunda vez que escreve “estrelas” ele o faz por cima do já escrito em dois momentos. É possível que Del tenha feito esses ajustes nessa segunda vez, pois, se comparamos a primeira grafia de “estrelas” com a segunda, esta apresenta-se mais legível do que aquela, mostrando uma possível preocupação com o leitor que, posteriormente, receberia sua atividade.

Em certos momentos, quando são escritas palavras com “m” e “n”, Del grafa as letras de forma idêntica. Na produção 4, por exemplo, Del escreve “quenao chora”; aqui podemos perceber o “m” e o “n” do sujeito é grafado da mesma forma. Ao observarmos sua escrita em outros ditados populares, vemos o mesmo acontecer, como no ditado 6, no qual há “mais” e “voamdo”, bem como na produção 3, ao escrever “bamdeira”. Isso pode ocorrer, porque “m” e “n” são letras marcadoras de nasalizações, que são por vezes pronunciadas da mesma forma. Portanto, Del as padronizou em sua escrita assim como é na oralidade. Além disso, Del parece transpor outro aspecto da oralidade para a escrita novamente quando escreve frases sem o espaçamento entre as palavras (juntura de vocábulos), como se fosse uma única grande palavra. Isso pode ser mais bem observado na produção 4, com os ditados populares, visto que é um dos poucos momentos que Del escreve frases compostas por mais de uma palavra. Na oralidade não há divisão explícita de início e final de palavras; esse é um dos exercícios de abstração necessários para a produção escrita, e o participante parece encontrar dificuldades com esse quesito em sua produção.

A última atividade feita pelo participante Del (Anexo J, produção 6, ENCONTRO 6 – Oficina grupal de escrita) era a de organizar as fotos cronologicamente e escrever o que estava acontecendo no momento registrado. Ele escolheu uma organização horizontal da esquerda para a direita e, abaixo de cada foto, escreveu uma única palavra que a descrevesse, sendo quatro substantivos e um verbo no infinitivo. Essa atividade ilustra que, de forma geral, para Del é mais fácil escrever a combinação silábica “consoante + vogal”, pois palavras como “poema” e “dança” foram escritas como “poma” e “daca”. A escrita da primeira foto,

“coveso”, pode ser interpretada como o substantivo “conversa” ou o verbo “conversar”, uma possibilidade que ressalta os comentários recém-feitos acerca da escrita desse participante.

Quanto aos aspectos enunciativos, é nítido que na atividade 1 (Anexo J, produção 1, ENCONTRO 1 – Oficina grupal de escrita) a categoria de pessoa *eu* exprime-se ao passo que Del revela seus desejos e anseios para o futuro. A repetição da palavra “saúde” pode ser um indicativo de um desejo que Del estima muito, ou mesmo que o sujeito não ficou satisfeito com a forma como a grafou da primeira vez e decidiu tentar novamente, buscando uma escrita que o agradasse. O participante costuma compartilhar em encontros do GIC as regulares consultas médicas, os atestados, as cirurgias e as mudanças em seu estado de saúde. Logo, a presença do assunto em sua vida o levou a dar ênfase à palavra e repeti-la. Na produção 6, Del foi capaz de identificar as atividades que aconteciam no momento do registro e organizar cronologicamente os acontecimentos, mas não utilizou marcações temporais ou espaciais.

De modo geral, o participante Del tende a escrever palavras soltas e isoladas, atribuindo sentido para elas e marcando sua subjetividade no discurso. No material exposto, o sujeito não utilizou marcadores de tempo nem de espaço de forma explícita, pois seu quadro atual e o distúrbio de linguagem não possibilitam que ele escreva com fluidez e constância. Ainda assim, Del mostra-se atento ao leitor de seu texto, retomando sua escrita e executando movimentos de rasura, principalmente seguidos de inserção, a fim de modificar seu texto em prol do *tu*, ao mesmo tempo que se reconhece como sujeito em sua escrita.

5.4 ARTICULAÇÕES ENTRE OS TIPOS DE AFASIA DE JAKOBSON E OS MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS NA ESCRITA

Nesta seção, buscamos articular a proposta afasiológica de Jakobson e os movimentos enunciativos observados na escrita dos sujeitos participantes desta pesquisa. Nossa perspectiva é que pode haver certo movimento enunciativo atrelado a um determinado tipo de afasia jakobsoniana.

É possível constatar que o atual estado de Cr com a escrita é diferente do estado dos outros dois sujeitos, visto que essa participante demonstra interesse em produzir textos de graus consideráveis de complexidade, como criar e desenvolver

histórias. Assim, observamos maior quantidade de produção escrita de sua parte quando comparada aos demais. A participante Cr produziu movimentos em sua escrita, entre rasuras e inserções, e, dos três participantes, foi a que obteve produções de maior volume em quantidade de escrita. A participante reflete características apresentadas por Jakobson referentes ao distúrbio de similaridade, o que também pode ser observado em sua escrita.

Na produção 1 (Anexo H, produção 1, ENCONTRO 3 – Oficina individual de escrita), ao responder a terceira pergunta acerca da história “A pomba e a formiga”, Cr inseriu “pessoa”, que é o sujeito da frase. Omitido em um primeiro momento e posteriormente inserido, a dificuldade de utilizar o sujeito da frase é uma das características da afasia de similaridade. Cr percebeu a ausência desse elemento, fazendo o movimento de inseri-lo, porém esse registro revela ser possível que, eventualmente, ela não insira o sujeito em sua escrita.

Ao passarmos para a escrita de sua história, notamos certa redução na variedade de substantivos, visto que as palavras “gato”, “rato” e “passarinho” não foram substituídas por sinônimos como “felino”, “roedor” e “ave”, respectivamente.³⁴ No primeiro parágrafo, Cr executou uma rasura seguida de inserção, ao apagar o “da mesma” e inserir “da caçamba”, o que reflete pouca variedade lexical proveniente do quadro de afasia. Na produção 2 (Anexo H), no segundo item, ao falar sobre o PIX e o toque específico para mensagens, Cr repete a expressão “no meu celular”. De forma geral, ao escrever sobre a fábula “A cigarra e a formiga”, na produção 3 (Anexo H), Cr não substitui os nomes das personagens, preferindo chamá-las de “cigarra” e “formiga”. Não utiliza outros termos, a exemplo de “inseto”, para isso, mas consegue substituir os termos por pronomes como “a” e “ela” e a expressão “a mesma”. Há apenas um registro de Cr utilizando “lagarta” para se referir à “cigarra”. As estações “inverno” e “verão” são sempre citadas diretamente.

Além disso, ao utilizar a palavra “caçamba” nos parágrafos inicial e final de sua história (Anexo H, produção 1, ENCONTRO 3 – Oficina individual de escrita), Cr o faz como discurso figurado, uma vez que uma caçamba de lixo é um objeto que só pode ser movido uma vez preso a um veículo, em geral um caminhão, o que não foi mencionado por ela em seu texto. Assim, aqui “caçamba” funciona como um signo

³⁴ Como se trata da produção de um texto de gênero literário, que pode apresentar uma construção diferente de outros textos, palavras como “felino”, “roedor” e “ave” poderiam ser utilizadas sem soarem deslocadas, de forma que esse uso não causasse estranhamento ao leitor.

que provavelmente foi utilizado no lugar de um outro signo, em uma relação metonímica, característica do distúrbio de similaridade. Isso se repete na produção 2 (Anexo H); no segundo item, a participante utiliza a expressão “um forma de som” ao se referir ao toque da notificação que avisa quando uma nova mensagem chega em seu celular. Ela especifica que o aviso é somente para mensagens escritas, e não para uma ligação. Ao utilizar “uma forma de som”, chama nossa atenção um aspecto quase contraditório dessa escrita, pois o som, qualquer que seja, não tem forma. Logo, há aqui uma utilização de um termo “forma” com o sentido de “uma espécie de” ou mesmo “um tipo de”. Na produção 3 (Anexo H), Cr usa “aposentos” para se referir ao formigueiro. Essas aplicações marcam novamente o uso da metonímia, característica marcante da afasia de similaridade.

Ainda dentro desse tipo de afasia, encontram-se preservados, na escrita de Cr, elementos como pronomes, advérbios pronominais, conectivos e auxiliares, componentes importantes para que o sujeito construa o contexto de sua história e desenvolva os acontecimentos a partir disso. Na produção 6, Cr escreveu mais de uma palavra para cada foto, enquanto Del e Rit escreveram uma palavra isolada. Outro aspecto observado é a utilização de substantivos genéricos para se referir a determinados termos; Cr faz isso ao empregar, na produção 1, a palavra “artimanhas” no segundo parágrafo de sua história e ao responder a pergunta acerca da moralidade citando palavras como “tudo” e “nada” (“nada é impossível... tudo é possível”).

Os movimentos na escrita (inserção e supressão) de Cr surgem por vezes atrelados a aspectos de seu quadro de afasia: na produção 1, ao inserir o sujeito que faltava na frase, e em diversos momentos de rasura seguida de inserção, quando escreveu sua história (produção 1). A pobreza na variação de substantivos fez com que Cr executasse rasuras para trocar um termo (“da mesma”) por outro utilizado diversas vezes em seu texto (“da caçamba”), por exemplo. Posteriormente, ele executou mais uma rasura e inseriu um sinônimo para caçamba: “este veículo”), utilizando o movimento na escrita para isso. Porém, de modo geral, Cr não executa essas mudanças frequentemente, visto que utilizou diversos substantivos de forma repetitiva, como na produção 3, em que utilizou “formiga” e “cigarra”.

Suas rasuras e inserções são executadas, em sua maioria, quando a participante não se reconhece em sua escrita e acredita poder modificá-la em prol de melhorá-la e de facilitar o entendimento do leitor, visto que a rasura seguida de

inserção foi a ocorrência mais frequente. Assim, é possível que seus movimentos venham a se relacionar com aspectos de sua afasia, porém a participante mostra-se crítica e prática com frequência, o que a faz apresentar uma escrita bastante consistente e robusta, mesmo com distúrbio de similaridade.

Assim como na escrita de Cr, na de Rit predominou a supressão, com 20 execuções. O participante apresenta problemas em ambas as operações de seleção e combinação.

Notamos que Rit tem dificuldade em iniciar sua escrita, assim como apresenta essa característica em sua fala, aspecto este presente no distúrbio de similaridade de Jakobson. O participante necessita de tempo para iniciar sua escrita após estabelecer o que deseja escrever e demonstra dificuldades de selecionar e combinar as letras que compõem a palavra desejada. Com a atividade da cruzadinha, o participante conseguia se guiar pelo número de quadrados postos em cada palavra, fazendo-o perceber que havia mais letras que constituíam o termo e, por consequência, buscava completar tudo. A dificuldade na procura por palavras e/ou fonemas mantém-se, porém com relação às letras que compõem a resposta da cruzadinha.

Isso leva ao movimento que denominamos de “testagem”, que permeia a escrita de Rit em quase todas as produções. Com a testagem, temos refletido na escrita de Rit seu distúrbio com a seleção, uma vez que ele escreveu diversas vezes a mesma palavra. Ele selecionou diversas letras e foi experimentando se elas constituíam a palavra ou não, descartando ou mantendo-as em sua próxima tentativa. Em casos como “ca o o” e posteriormente “cachorro”, a testagem serviu para driblar problemas de combinação, uma vez que o participante sabia que a letra “o” fazia parte da palavra, porém havia outras letras antes, deixando espaços em branco para inserir. Com “mocovo” e “meconeca” temos algo similar: “mocovo” foi a primeira testagem, Rit selecionou e combinou as letras para formar a palavra, porém não aceitou a escrita, testou novamente e obteve “meconeca”, mantendo algumas letras em seus locais da primeira testagem. A testagem serviu como um suporte para Rit chegar até a escrita que aceita e o faz reconhecer-se como sujeito nela.

Rit apresenta aspectos da afasia de contiguidade, visto que não produz frases longas, restringindo-se a escritas de uma palavra só. Costuma optar por substantivos, como “cama”, na produção 1, para o ato de ir deitar/dormir; e quando há verbos, usa-os apenas no infinitivo, como “acorsa”, também na produção 1. Não

observamos Rit utilizar conectivos, artigos, pronomes (características do agramatismo); nem adjetivos, advérbios ou verbos flexionados (estabelecendo em sua escrita um estilo telegráfico). Naquilo que ele escreve, uma palavra carrega um sentido mais amplo do que o de seu emprego usual, mostrando que sua escrita também fica reduzida a frases holofráscas. Ao responder “meconeca” e “oficima” ao falar de sua profissão (produção 2), as respostas abarcam mais do que apenas o lugar onde trabalha, contemplando também onde ele exerce sua profissão, fazendo tudo que a profissão normalmente faz – um termo que abarca tudo que envolve seu trabalho.

O participante Del apresenta ambos os distúrbios, porém a afasia de contiguidade mostra-se mais acentuada. Ao responder “Qual é o seu desejo para o futuro?” (produção 1) com palavras dispostas em lista, Del parece exibir traços de agramatismo, pois não recorre a artigos, pronomes ou conectivos, nem mesmo a advérbios ou adjetivos, reduzindo sua escrita a poucas palavras. O estilo telégrafo trazido por Jakobson parece se encaixar bem nessa produção escrita de Del. Notamos mais um aspecto do agramatismo na escrita de Del quando, no ditado 4 (produção 4), o participante escreve “a cavalo dado não se olhos dentes”, omitindo o artigo “os” antes de dentes e transformando “olha” (um verbo conjugado) no substantivo “olhos”. Os artigos e outros termos dependentes de contexto (advérbios, conectivos, pronomes etc.) tendem a desaparecer nesses casos, bem como a concordância verbal acaba prejudicada. A escolha de Del em realizar a atividade 1 (produção 1) em formato de lista chama a atenção pela escolha das palavras e pela disposição delas. Ao recorrer a três palavras (quatro contando a repetição) e organizá-las uma embaixo da outra, Del resume seu desejo em “saúde”, “paz” e “família”, as quais carregam um significado mais amplo por trás.

Destacamos a pergunta número 2 da produção 3: “Bebida quentinha com gosto de suco de uva”; e a resposta “quentão” foi grafada por Del como “duentão”. Nos casos de afasia de contiguidade, a capacidade do sujeito de decompor as palavras em radical e desinência é afetada, e provavelmente Del, ao responder essa pergunta, não utilizou da palavra “quentinha” (presente na pergunta) como um apoio ou uma referência para escrever sua resposta, pois em vez de grafar com “q” o fez com “d”. Algo pode ser observado na pergunta 10 da produção 5: a resposta “palhaçadas” foi escrita por Del de forma completamente diferente, “rorradoso”, o que chama a atenção, porque a temática da apresentação era “palhaço” (inclusive

presente na dica). O fato de “palhaço” e “palhaçadas” compartilharem da mesma raiz, modificando-se apenas o sufixo, não pareceu ser notado pelo participante, já que sua resposta é bastante diferente do originalmente pensado para a cruzadinha. A dificuldade com palavras que possuem a mesma raiz e diferentes sufixos é um aspecto marcante do distúrbio de contiguidade. Essa indivisibilidade apresentada por Del complementa os traços de agramatismo já apresentados antes.

Na produção 2, observamos que Del seleciona e escreve corretamente letras que constituem a palavra faltante. Porém, em palavras maiores e que apresentem encontros consonantais, como “estrelas” e “sonhou”, ou encontros vocálicos, como “roupa”, a identificação e a combinação das letras para formar as palavras acabam mais prejudicadas. Palavras mais curtas e simples, como “mar” e “bonito”, apresentam-se mais legíveis. Quando as respostas da cruzadinha são comparadas com as que Del escreveu, é visível que o participante consegue selecionar diversas letras que fazem parte da palavra que gostaria de escrever, mas, por vezes, ele as combina de forma diferente, a exemplo da resposta da pergunta número 2, que seria “sábado” e é escrita “sábodo”, e da resposta da pergunta 6, na qual “risadas” fica como “rididos”. Aqui a cruzadinha (contexto) e a pergunta auxiliam Del a completar a atividade, permitindo que ele combine as letras em palavras, porém o processo de seleção das letras permanece alterado.

Para alguém que apresenta o distúrbio de contiguidade mais acentuado, escrever frases mais complexas, utilizando elementos gramaticais mais diversos, pode ser árduo. Determinadas frases ou partes de frases foram grafadas por Del (produção 4) com pouco espaço entre si, quase como se fossem “uma grande palavra só”, por exemplo, os ditos populares 2, 4 e 8. Levantamos aqui a reflexão acerca disso, na medida em que a escrita é uma atividade que necessita de um alto nível de abstração; uma frase que é falada não apresenta marcações de divisão das palavras que a compõem, ao passo que na escrita esses aspectos existem e precisam ser demarcados, por serem de suma importância nessa modalidade. Assim, ao falar e escutar os ditados populares, Del o escreveu sem demarcar os espaços entre as palavras que compõem a frase, como pede a escrita.

Levantamos a possibilidade de que o tipo de movimento na escrita estivesse associado com um tipo predominante de distúrbio. Predominou na escrita de Del e Cr o movimento de supressão, em especial a rasura parcial com inserção; enquanto na escrita de Rit o movimento de testagem foi o mais presente (seguido pela rasura

parcial seguida de inserção). Temos aqui um sujeito que apresenta traços relacionados à afasia de similaridade (Cr); um sujeito que apresenta dificuldade em seleção e combinação (Rit); e um participante em que a contiguidade se sobressai (Del).

No caso do distúrbio de similaridade, a supressão, especificamente a rasura seguida de inserção, predomina, visto que foi a de maior ocorrência na escrita de Cr e teve expressiva presença na de Rit. Cr executou rasuras de ordem mais complexa (modificando a coerência e a coesão), pois suas produções textuais apresentam mais dificuldade se comparadas com as dos outros dois participantes. Por vezes ela executou rasuras e realçou que características do distúrbio de similaridade em sua escrita, como a pouca variedade de substantivos utilizada para escrever sua história (Anexo H, produção 1). Já Rit frequentemente executou rasuras em letras e número isolados (não foram suprimidas palavra inteiras ou frases, por exemplo), como a letra final do nome de sua mãe (Anexo I, produção 2) e os algarismos incorretos dos horários de sua rotina (Anexo I, produção 3); ambos momentos em que o participante reconheceu que selecionou erroneamente a letra/o número.

Ao passarmos para a afasia de contiguidade, como observado nos escritos de Rit e Del, não houve manifestações de movimento na escrita atreladas diretamente a problemas de combinação. Del, poucas vezes, executou movimentos em sua escrita, e, quando o fez, foi com o intuito de reconhecer-se como sujeito naquela escrita, como quando rasurou o ditado que havia iniciado para escrever a mesma resposta que o grupo (Anexo J, produção 5). Já o participante Rit executou rasuras, contudo atreladas à sua dificuldade com a seleção. Foram observadas características do distúrbio de contiguidade na escrita de Del e Rit (agramatismo, estilo telegráfico, verbos utilizados no infinitivo, palavras independentes utilizadas com sentido mais amplo), mas não foram identificados movimentos na escrita relacionados a essas características.

Além dos movimentos na escrita propostos por Endruweit, o participante Rit executou um movimento o qual nomeamos de testagem e que se apresentou de forma inédita. Rit executou a testagem em razão de sua dificuldade com a seleção, visto que, na atividade da cruzadinha (Anexo I, produção 1), testou diversas letras que acreditava poderem compor a palavra, antes de colocar a resposta definitiva. Ele selecionava a letra para depois averiguar se entraria na sua escrita final ou não. Ao escrever sobre sua rotina (Anexo I, produção 3) e responder o questionário

(Anexo I, produção 2), o participante passou a utilizar as tentativas prévias como um suporte, mantendo-as sem inserção, para verificar o que se encaixava em sua escrita e o que seria desconsiderado. O movimento de testagem surge como uma forma de Rit contornar seu distúrbio com a seleção e poder chegar a uma escrita em que ele reconheça sua subjetividade ali instaurada. É um movimento presente de maneira recorrente na escrita de Rit, mas é possível também que seja executado por outros sujeitos com afasia.

Todos os três sujeitos participantes desta pesquisa apresentam preocupações intersubjetivas, ou seja, com o leitor que entra em contato com seu texto. Os movimentos na escrita são executados pensados nele (*tu*), tendo então a subjetividade instaurada na escrita, assim como na oralidade; eles se apropriam da língua, marcando sua subjetividade (*eu*) e a intersubjetividade (*tu*). As rasuras e inserções executadas por eles são marcas de um trabalho em prol dessa intersubjetividade.

De maneira geral, características das respectivas afasias dos participantes se refletem também em suas escritas. Todos produziram movimentos na escrita buscando se reconhecer como sujeitos ao mesmo tempo que consideravam o leitor de seus escritos. Na análise, a afasia de similaridade mostrou-se relacionada aos movimentos na escrita na maior parte dos casos, pois Cr e Rit utilizaram-se deles ao se depararem com suas dificuldades com a seleção. Averiguamos também um novo movimento na escrita, a testagem, executada de forma a dar suporte para o participante que apresenta a afasia de similaridade em grau mais severo; enquanto a afasia de contiguidade não fez com que os participantes produzissem um movimento na escrita em específico.

6 CONCLUSÃO

Neste capítulo, retomamos os principais pontos desta pesquisa, bem como as contribuições provenientes deste trabalho. Esperamos que nossos achados possam colaborar para aumentar os conhecimentos de linguagem no campo das afasias e fomentar pesquisas futuras.

O objetivo principal desta pesquisa foi averiguar movimentos enunciativos produzidos por três sujeitos com afasia participantes do GIC durante a elaboração de enunciações escritas, considerando a teoria enunciativa de Émile Benveniste e a proposta das afasias de Roman Jakobson. Reiteramos aqui a afirmação de Jakobson de que estudos relativos a distúrbios de linguagem podem trazer contribuições significativas para o campo da Linguística e para o entendimento do funcionamento da linguagem como um todo. A dissertação foi disposta em seis capítulos, os quais apresentam os aspectos teóricos, que serviram de embasamento a esta pesquisa, e a parte prática, proveniente dos aspectos metodológicos e das análises do *corpus* coletado.

O capítulo 1, intitulado “Apresentação: trajetória e proposta de pesquisa”, abre este trabalho com um breve relato de como foi o percurso desta pesquisadora com as afasias, desde a graduação até chegar à proposta de pesquisa. No capítulo 2, “Referencial teórico: afasia, enunciação e escrita”, foram elencados as teorias e os autores basilares desta pesquisa, com momentos dedicados à Teoria da Enunciação, de Benveniste; à proposta de Jakobson sobre as afasias; e às classificações dos movimentos enunciativos na escrita de Endruweit. O capítulo 3, “Metodologia”, dedicou-se ao funcionamento e à estrutura do GIC e das oficinas de escrita, bem como aos procedimentos de coleta e análise; juntamente a detalhamentos acerca dos três sujeitos participantes desta pesquisa e os aspectos éticos nela envolvidos. O capítulo 4 referiu-se aos “Resultados” e expôs os fatos enunciativos observados na escrita dos sujeitos com afasia participantes, sendo esses fatos brevemente catalogados e organizados de acordo com o participante que as produziu. O capítulo 5 deu conta das “Análises”, e, por fim, este último capítulo encerra o presente trabalho.

Pelos resultados encontrados com os participantes (Cr, Rit e Del), foi possível observar particularidades contidas em cada escrita. Considerando as produções expostas, todos os participantes, em algum grau e alguma frequência, executaram

os movimentos estabelecidos por Endruweit (2022) em seus processos de escrita. De modo geral, verificamos que as características das afasias dos participantes se apresentam em suas escritas e que todos produziram movimentos na escrita a fim de se reconhecerem como sujeitos, ao mesmo tempo que consideravam o leitor que teria contato com seus textos. Aspectos relacionados à afasia de similaridade pareceram influenciar o aparecimento dos movimentos na escrita, pois Cr e Rit os empregaram ao lidar com suas dificuldades de seleção. Além disso, identificamos um novo movimento na escrita, que chamamos de testagem, utilizado como apoio de Rit, participante com afasia de similaridade mais severa. Por outro lado, na escrita de Del, a afasia de contiguidade não resultou em movimentos específicos na escrita por parte dos participantes. Mesmo Rit, que também apresenta dificuldade de combinação, só recorreu a movimentos na escrita com o propósito de driblar sua deficiência na seleção.

Esperamos que os resultados desta dissertação possam contribuir para o campo dos estudos da linguagem e da linguagem em distúrbio com foco em afasia. Além disso, que incentivem pesquisas futuras na área, promovendo avanços contínuos no entendimento da linguagem e sua relação com diversas áreas, incluindo a saúde. A interdisciplinaridade foi aspecto essencial desde a criação do GIC até hoje, seguindo com papel importante no funcionamento do grupo e no desenvolvimento de pesquisas, como esta.

REFERÊNCIAS

- AFASIA. **Origem da Palavra**, [s. l.], c2022. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/afasia/>. Acesso em: 7 out. 2022
- BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, [1965] 2006. p. 68-80.
- BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, [1956] 2005. p. 277-283.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Nacional, [1958] 2005. p. 284-293.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, [1970] 2006. p. 81-90.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas da Linguística Geral I**. 5. ed. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão de Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas da Linguística Geral II**. 2. ed. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Revisão técnica da tradução por Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 2006.
- BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**: 1968 e 1969. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Linguagem e convivência nas afasias: movimento restaurador. *In*: DELLA MÉA, Célia Helena de Pelegrini; FEDOSSE, Elenir (org.). **Convivência nas afasias**: movimentos e experiências em grupo interdisciplinar. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2022. p. 8-11.
- DELLA MÉA, Célia Helena de Pelegrini; FEDOSSE, Elenir (org.). **Convivência nas afasias**: movimentos e experiências em grupo interdisciplinar. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2022.
- ENDRUWEIT, Magali Lopes. **Repensando a escrita**. Jundiaí: Paco, 2022.
- FEDOSSE, Elenir. Apresentação. *In*: DELLA MÉA, Célia Helena de Pelegrini; FEDOSSE, Elenir (org.). **Convivência nas afasias**: movimentos e experiências em grupo interdisciplinar. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2022a. p. 12-14.
- FEDOSSE, Elenir. Memórias do Grupo Interdisciplinar de Convivência – constituição e desenvolvimento. *In*: DELLA MÉA, Célia Helena de Pelegrini; FEDOSSE, Elenir (org.). **Convivência nas afasias**: movimentos e experiências em grupo interdisciplinar. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2022b. p. 15-37.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2021.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. **BAKHTINIANA**, São Paulo v. 1, n. 2, p. 143-164, 2º sem. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3015> Acesso em: 29 fev. 2024.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

JAKOBSON, Roman. A afasia como um problema linguístico. *In*: COELHO, Marta; LEMLE, Miriam; LEITE, Yonne (org.). **Novas perspectivas linguísticas**: Petrópolis: Vozes, 1973. p. 43-54.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *In*: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1976a. p. 34-62.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1976b.

JAKOBSON, Roman. Towards a linguistic classification of aphasic impairments. *In*: JAKOBSON, Roman. **Selected writings II: word and language**. Haia: Mouton, 1971. p. 289-306.

MARIANI, Bethania. Por que ler Roman Jakobson na atualidade. **Polifonia**, Cuiabá, v. 22, n. 31, p. 407-430, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/3145>. Acesso em: 26 fev. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) *et al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo; SANTANA, Ana Paula. Semiologia das afasias uma discussão crítica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/hXTt5XzJ3ZKtZcyQpbFLFsB/?lang=pt>. Acesso em: 26 fev. 2024.

NUNES, Paula Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento. O trabalho com dado e banco de dados: considerações por meio de uma teoria enunciativa da linguagem. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 52, n. 3, p. 401-409, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/29372>. Acesso em: 24 fev. 2024.

SANTANA, Ana Paula de Oliveira. **O lugar da linguagem escrita na afasiologia: implicações e perspectivas para a neurolinguística.** 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

SURREAUX, Luiza Milano. Benveniste, um linguista que interessa à clínica da linguagem. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 79-87, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13794>. Acesso em: 24 fev. 2024.

SURREAUX, Luiza Milano; KUHN, Tanara Zingano. Toward a linguistic classification of aphasic impairments. **Organon**, Porto Alegre, v. 20, n. 40/41, p. 297-305, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/39578>. Acesso em: 10 ago. 2023.

VIEIRA, Cleybe Hiole. **Um percurso pela história da afasiologia: estudos neurológicos, linguísticos e fonoaudiológicos.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24542>. Acesso em: 24 fev. 2024.

VIEIRA, Rúbia Keller. **Dêixis e a subjetividade inscrita na língua: a manifestação de dêiticos em enunciações orais e escritas de sujeitos com afasia.** 2023. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/29409>. Acesso em: 24 fev. 2024.

ANEXO A – QUADRO DE CARACTERÍSTICAS DO DISTÚRBIO DE SIMILARIDADE DE JAKOBSON

- Dificuldades em utilizar certos constituintes fonêmicos; traços distintivos como a oposição consonantal grave/agudo ou vozeado/desvozeado (surdo/sonoro) são perdidos;
- Déficit lexical;
- Conectivos, artigos e pronomes se mantêm intactos;
- O sujeito da frase tende a desaparecer, pois sua utilização se baseia na seleção;
- Empobrecimento da variedade de substantivos;
- Tendência a suplantar os substantivos por pronomes;
- Impossibilidade de fornecer sinônimos e antônimos;
- Distúrbio na procura de palavras e/ou fonemas;
- Perda da capacidade de entender a raiz das palavras;
- Permanência da identificação dos sufixos;
- Perda as operações metalinguísticas;
- Contexto intacto;
- Perda dos constituintes autônomos;
- O processo de decodificação se inicia através do contato com o contexto (antecedente), para daí detectar seus constituintes, ou seja, a seleção é a meta desse processo (consequente);
- O decodificador já recebe os dados sintetizados, tendo que a partir deles proceder com a análise

Fonte: Informações retiradas de Surreaux e Kuhn (2006).

ANEXO B – QUADRO DE CARACTERÍSTICAS DO DISTÚRBIO DE CONTIGUIDADE DE JAKOBSON

- Dificuldade na combinação;
- Dificuldades em usar conjunto de fonemas em construir sílabas e em fazer transcrições de fonema para fonema ou de sílaba para sílaba;
- Problemas nos aspectos prosódicos;
- Dificuldade de arranjo das unidades gramaticais;
- Agramatismo (perda primeira dos conectivos, artigos e pronomes);
- Estilo telegráfico - perda das palavras dependentes (advérbios, adjetivos, verbos finitos);
- Perda da capacidade de formular proposições;
- Tendência a abolir qualquer nível sintático, contudo, dos dois tipos de dependências sintáticas - regência e concordância - a primeira tende a ser mais resistente, por se basear em similaridade gramatical, enquanto a segunda pode mais facilmente ser prejudicada por se apoiar na contiguidade;
- Fala reduzida a frases holofrásticas, com palavras independentes;
- Déficit em relação aos sufixos;
- Perda da capacidade de diferenciação das raízes das palavras;
- Afecção da fala interior porque esse é o contexto de nossos enunciados e, uma vez que todas as contiguidades verbais estão destruídas, seu dano é inevitável;
- Dano no contexto;
- Constituintes autônomos se mantêm intactos;
- O processo de codificação se inicia através da seleção de constituintes (antecedente) que serão combinados e integrados num contexto, ou seja, a combinação é a meta desse processo (consequente);
- O codificador inicia seu processo de codificação com uma operação analítica para, então, sintetizar.

Fonte: Informações retiradas de Surreaux e Kuhn (2006).

**ANEXO C – ADAPTAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE
FUNCIONALIDADE, INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)**

Nome:

Sexo:

Data de nascimento:

Naturalidade

Escolaridade:

Mora com:

Filhos:

Profissão/ocupações anteriores:

Endereço:

Telefone:

Data do episódio neurológico:

Hospital que prestou atendimento:

Unidade de Tratamento Intensivo (UTI):

Diagnóstico:

Lado acometido:

Mão dominante:

Dificuldades motoras (falta de equilíbrio, zumbido, outro incômodo):

Comprometimentos em relação à escrita/leitura:

Problema(s) de saúde anterior(es) à lesão:

Estado atual de saúde/uso de medicamentos:

Profissionais que o(a) acompanham:

O encaminhamento ao GIC foi feito por/frequenta desde:

Impressões/expectativas em relação ao GIC:

Rotina do dia a dia:

Atividades preferidas (música, televisão, atividades manuais, dança etc.):

Relação com a leitura/escrita:

Autoavaliação (como você se vê; pontos fortes e fracos):

Apresentação (quais são suas principais características):

<i>Lista Resumida das Funções do Corpo Como você avalia seu(s)/sua(s)</i>	<i>Ótimo/bom/regular ruim/péssimo (observações)</i>
FUNÇÕES MENTAIS	
Consciência	
Orientação (<i>tempo, lugar, pessoa</i>)	
Funções intelectuais (<i>incl. Retardo mental, demência</i>)	
Funções da energia e de impulsos	
Sono	
Atenção	
Memória	
Funções emocionais	
Funções da percepção	
Funções cognitivas	
Funções mentais da linguagem	
FUNÇÕES SENSÓRIAS E DOR	
Visão	
Audição	
Vestibular (<i>incl. Funções de equilíbrio</i>)	
Dor	
FUNÇÕES DA VOZ E DA FALA	
Voz	
FUNÇÕES NEUROMUSCULOESQUELÉTICAS E RELACIONADAS AO MOVIMENTO	
Mobilidade das articulações	
Movimentos involuntários	

***Lista Resumida das Estruturas do Corpo
Como você avalia seu(s)/sua(s)***

ESTRUTURAS RELACIONADAS A VOZ E FALA	
ESTRUTURAS RELACIONADAS AO MOVIMENTO	
Região de cabeça e pescoço	
Região de ombro	
Extremidade superior (<i>braço, mão</i>)	
Pelve	
Extremidade inferior (<i>perna, pé</i>)	
Tronco	
QUAISQUER OUTRAS ESTRUTURAS DO CORPO	

<i>Aprendizagem e aplicação do conhecimento Como você avalia sua capacidade de:</i>	
Observar/assistir	
Ouvir	
Aprender a ler	
Aprender a escrever	
Aprender a calcular (<i>aritmética</i>)	
Resolver problemas	
TAREFAS E DEMANDAS GERAIS	
Realizar tarefas múltiplas	
COMUNICAÇÃO	
Comunicação – recepção de mensagens verbais	
Comunicação – recepção de mensagens não verbais	
Fala	
Produção de mensagens não verbais	
Conversação	
MOBILIDADE	

Aprendizagem e aplicação do conhecimento Como você avalia sua capacidade de:	
Levantar e carregar objetos	
Uso fino das mãos (<i>pegar, segurar</i>)	
Andar	
Deslocar-se utilizando algum tipo de equipamento	
Utilização de transporte (<i>carros,ônibus, trem, avião etc.</i>)	
Dirigir (<i>bicicleta, motos, dirigir um carro etc.</i>)	
CUIDADO PESSOAL Dificuldades em:	
Lavar-se (<i>banhar-se, secar-se, lavar as mãos etc.</i>)	
Cuidado das partes do corpo(<i>escovar os dentes, barbear-se etc.</i>)	
Vestir-se	
Comer	
Beber	
Cuidar da própria saúde	
VIDA DOMÉSTICA	
Aquisição de bens e serviços (<i>fazer compras etc.</i>)	
Preparação de refeições (<i>cozinhar etc.</i>)	
Tarefas domésticas (<i>limpar a casa, lavar louça, roupas, passar a ferro etc.</i>)	
Ajudar os outros	
RELAÇÕES E INTERAÇÕES INTERPESSOAIS	
Interações interpessoais básicas	
Interações interpessoais complexas	
Relações com estranhos	
Relações formais	
Relações sociais informais	
Relações familiares	

Aprendizagem e aplicação do conhecimento Como você avalia sua capacidade de:	
Relações Íntimas	
ÁREAS PRINCIPAIS DA VIDA	
Educação informal	
Educação escolar	
Educação superior	
Trabalho remunerado	
Transações econômicas básicas	
Autossuficiência econômica	
VIDA COMUNITÁRIA, SOCIAL E CÍVICA	
Vida comunitária	
Recreação e lazer	
QUALQUER OUTRA ATIVIDADE E PARTICIPAÇÃO	

Lista Reduzida do Ambiente Dificuldades com:	
PRODUTOS E TECNOLOGIA	
Produtos ou substâncias para consumo pessoal (<i>comida, remédios</i>)	
Produtos e tecnologia para uso pessoal na vida diária	
Produtos e tecnologia para mobilidade e transporte pessoal em ambientes internos e externos	
Produtos e tecnologia para comunicação	
AMBIENTE NATURAL E MUDANÇAS AMBIENTAIS FEITAS PELO SER HUMANO	
Clima	
Luz	
Som	
APOIO E RELACIONAMENTOS Relação com:	
Família imediata	

Amigos	
Conhecidos, companheiros, colegas, vizinhos e membros da comunidade	
Pessoas em posição de autoridade	
Cuidadores e assistentes pessoais	
Profissionais da saúde	
Outros profissionais que fornecem serviços relacionados a saúde	

OUTRAS INFORMAÇÕES CONTEXTUAIS

Fazer um esboço do indivíduo ou qualquer outra informação pertinente:

*Incluir quaisquer **Fatores Pessoais** que tenham impacto sobre a funcionalidade (por exemplo, estilo de vida, hábitos, nível social, educação, eventos de vida, raça/etnia, orientação sexual e recursos do indivíduo):*

RESUMO DE INFORMAÇÃO DE SAÚDE

Altura:

Peso:

Como você avalia sua saúde física no último mês:

() muito boa () boa () moderada () ruim () muito ruim

Como você avalia sua saúde mental/emocional no último mês:

() muito boa () boa () moderada () ruim () muito ruim

Atualmente, você tem alguma doença ou distúrbio? Se sim, especifique:

Ficou hospitalizado no último ano? Se sim, especifique a razão e por quanto tempo:

Você está tomando algum medicamento, prescrito ou por conta própria? Especifique:

Você fuma? Consome álcool ou drogas ilícitas? Especifique a quantidade média diária:

Você usa algum recurso assistivo como óculos, aparelho auditivo, cadeira de rodas etc.? Especifique:

Você tem alguma pessoa que o ajuda com seu cuidado pessoal, para fazer compras ou outras atividades diárias? Especifique as pessoas e o que elas oferecem:

Você está recebendo qualquer tipo de tratamento para sua saúde? Especifique:

Informação adicional significativa sobre sua saúde passada e presente:

No último mês você reduziu ou esteve totalmente impossibilitado de realizar suas atividades habituais ou trabalho por causa de sua condição de saúde? (doença, lesão, razões emocionais ou uso de álcool/drogas) Se sim, quantos dias?

No seu estado de saúde atual, quanta dificuldade você tem para caminhar longas distâncias (tais como um quilômetro ou mais) sem assistência?

No seu atual estado de saúde, quanta dificuldade você tem para organizar o ambiente doméstico sem assistência?

No seu estado de saúde atual, quanta dificuldade você tem para fazer novos amigos sem assistência?

No seu atual estado de saúde, quanta dificuldade você tem para fazer todo o trabalho necessário para o seu emprego, sem assistência?

No seu ambiente de trabalho, quais problemas você tem para dar conta de toda demanda necessária?

Você considera que sua capacidade diminuiu depois da lesão? O quê, pontualmente, o incomoda?

No seu atual estado de saúde, quanta dificuldade você tem para participar de eventos locais, festivais ou reuniões da comunidade, sem assistência?

Antes da lesão, você frequentava determinados ambientes com mais frequência?

DATA: ____/____/____

ANEXO D – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: **MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS NA ESCRITA DE SUJEITOS COM AFASIA: um estudo sobre enunciações escritas**

Pesquisador responsável: Célia Helena de Pelegrini Della Méa - Maria Eduarda Prauchner da Costa

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana

Telefone e endereço postal completo: CCS, prédio 26, 4º andar, sala 1434, Avenida Roraima, nº 1000, prédio 26F, sala 205, 97105-970 - Santa Maria - RS. Telefone: (55) 32208659, (55) 999736243

Local da coleta de dados: Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC) ligado ao Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) do Curso de Graduação de Fonoaudiologia da UFSM, prédio 26E, sala 218

Eu, Maria Eduarda Prauchner da Costa, responsável pela pesquisa, MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS NA ESCRITA DE SUJEITOS COM AFASIA: um estudo sobre enunciações escritas, juntamente com minha orientadora, professora Celia Della Méa, o(a) convido a participar como voluntário(a) deste nosso estudo.

Por meio desta pesquisa, pretende-se investigar a escrita de sujeitos com afasia, considerando a tipologia de afasias proposta por Jakobson. Acreditamos que ela seja importante porque ao identificarmos aspectos da/na escrita, podemos melhor compreender essa modalidade da língua e contribuir com a investigação de estados afásicos na condição do *homem na língua*. Para o desenvolvimento deste estudo será feito o seguinte: oficinas de escrita e consequente leitura.

Sua participação constará em frequentar as oficinas de forma voluntária e sem qualquer tipo de remuneração ou gasto. Os encontros para produção escrita trarão diversos textos escritos, ou vídeos, ou jornais, ou revistas etc. sobre variados temas para que se discuta e posteriormente se escreva sobre eles. Essas oficinas

serão individuais e os escritos disponibilizados aos produtores dos textos, mas poderão ser xerocados pela pesquisadora.

É possível que aconteçam alguns desconfortos como, por exemplo: cansaço mental e desconfortos de natureza psicológica ou emocional (nervosismo, ansiedade, vergonha e/ou constrangimento) enquanto participante da oficina. Caso aconteça algum dos itens relacionados, a participação poderá ser imediatamente encerrada. Desta forma, caso ocorra algum problema decorrente de sua participação na pesquisa, você terá acompanhamento e assistência prestados pela equipe interdisciplinar do GIC, no qual constam profissionais e graduandos de Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Psicologia, entre outros, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana e ao SAF da Universidade Federal de Santa Maria. Fica, também, garantido o seu direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Os benefícios que esperamos com o estudo relacionam-se ao entender e interpretar formas singulares de linguagem em afasia contribuindo com estudos já existentes em linguagem (em distúrbio ou não) e, principalmente, colaborando com a possibilidade de práticas clínicas das áreas que considerem a linguagem como base constitutiva do homem.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Durante todo o período das oficinas e mesmo posteriormente a elas, você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

A manutenção dos dados da pesquisa será em arquivo digital que permanecerá sob guarda dos pesquisadores responsáveis por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Santa Maria (RS), de de 20.....

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

ANEXO E – MATERIAIS E PRODUÇÕES DAS OFICINAS COM CR

ENCONTRO 1 (Oficina individual de escrita)

Tema: Fábulas; interpretações de Cr; uma nova história

Material: Texto retirado de : <https://www.culturagenial.com/fabulas-infantis/> e adaptado conforme a imagem.

A pomba e a formiga

Corria pela floresta um rio caudaloso de águas claras. Em cima de uma folha, na margem, estava uma formiga. Ela estava com sede e se inclinou para beber água, mas se desequilibrou e caiu dentro do rio.

A pequena formiga foi levada pela correnteza e não conseguia mais voltar para terra firme.

No céu, uma pomba que voava avistou a formiga e percebeu que ela se debatia. Assim, a pomba se solidarizou com o inseto e jogou um pequeno galho na água, próximo da formiga, que logo subiu no galho e conseguiu voltar para a margem em segurança.

O tempo passou e a formiga estava passeando quando encontrou a pomba, que passava por apuros. Um caçador estava prestes a caçá-la com uma grande rede quando a formiga picou o calcanhar do sujeito. O homem então deu um grito, que alertou a pomba do perigo e fez com que ela conseguisse fugir da armadilha.

Perguntas propostas

- 1) Você gostou da história que acabou de ler?
- 2) Quem são os personagens da história?
- 3) Qual a moral da história para você?

Texto produzido por Cr em 3 de agosto de 2022

1 Esta história conta sobre a vida de um gato, em certo momento em que no início, ele passa por ~~alguns~~ ~~momento~~ ^{três} de um rato e acaba entrando dentro de um caminhão e se deparando num deserto. Este gato olhava a imagem de animais na televisão que estava no centro da cidade, que no momento que começou a chover fecharam este local.

2 O Gato foi parar ~~no~~ ^{no} deserto, se sentindo sozinho, com fome e com medo. Bebeu a água do chão e comeu uma frutinha, foi parar num outro lugar e encontrou um passarinho, que pensou que o gato iria lhe ferir, mas na verdade ele deu suas cestas para o passarinho, sair no lugar, pois ele não tinha como se locomover, devido ao arame que havia o prendido e o gato o soltou ~~o gato~~ ~~desse~~.

3 O Gato e o passarinho, em suas cestas percorreram alguns lugares e então, o passarinho adquiriu condições de voar novamente, deixando o Gato sozinho. ~~novamente~~. ~~(O passarinho)~~ E passado algumas idas e vindas, o Gato encontrou um menino sozinho, que juntos resolveram ficar para sempre.

Pergunta à parte: Quem são os personagens da sua história?

Atividade desenvolvida:

Neste primeiro encontro, foi selecionado e adaptado um texto sobre “A pomba e a formiga” que funcionaria como apresentação do tema da oficina e, após a leitura, haviam 3 perguntas a serem respondidas relacionadas a opinião e interpretação de Cr com relação a fábula. Em seguida, com o intuito de iniciar uma nova produção de história, foi trazido um texto antigo de Cr e uma pergunta a fim de desencadear o início da nova produção.

ENCONTRO 2 (Oficina grupal de escrita)

Tema: Fábulas; reescrita de uma história antiga

Atividade desenvolvida:

Continuação da escrita iniciada no encontro 1.

ENCONTRO 3 (Oficina grupal de escrita)

Tema: Fábulas; reescrita de uma história antiga

Atividade desenvolvida:

Continuação e finalização da escrita iniciada no encontro 1.

ENCONTRO 4 (Oficina grupal de escrita)

Tema: Acontecimentos importantes, novidades, memória

Atividade desenvolvida:

A participante ficou duas semanas sem frequentar as oficinas, por isso, neste encontro, foram trabalhados os acontecimentos mais relevantes desse período. Iniciou-se com uma conversa para que Cr pudesse recordar do que aconteceu e, então, foi pedido que a participante respondesse a pergunta “Ficamos duas semanas sem nossos encontros. Me conte: O que aconteceu nesse tempo? Quais as novidades?”.

ENCONTRO 5 (Oficina individual de escrita):

Tema: A Cigarra e a Formiga

Material: história animada (disponível em vídeo) sobre a famosa fábula “A Cigarra e a Formiga” e imagens retiradas do vídeo: [A Cigarra e a Formiga | Fabula | Desenho animado infantil com os Amiguinhos](#). Imagens em tamanho reduzido



Pergunta proposta:

Qual a sua opinião sobre a história da Cigarra e da Formiga?

Atividade desenvolvida:

O vídeo foi assistido e, utilizando as imagens como referência, foi pedido para a participante recontar a história para alguém que não conhece a fábula. Embaixo de cada imagem havia linhas para que ela desenvolvesse a prática. Ao final, a participante refletiu sobre a fábula, expondo sua opinião.

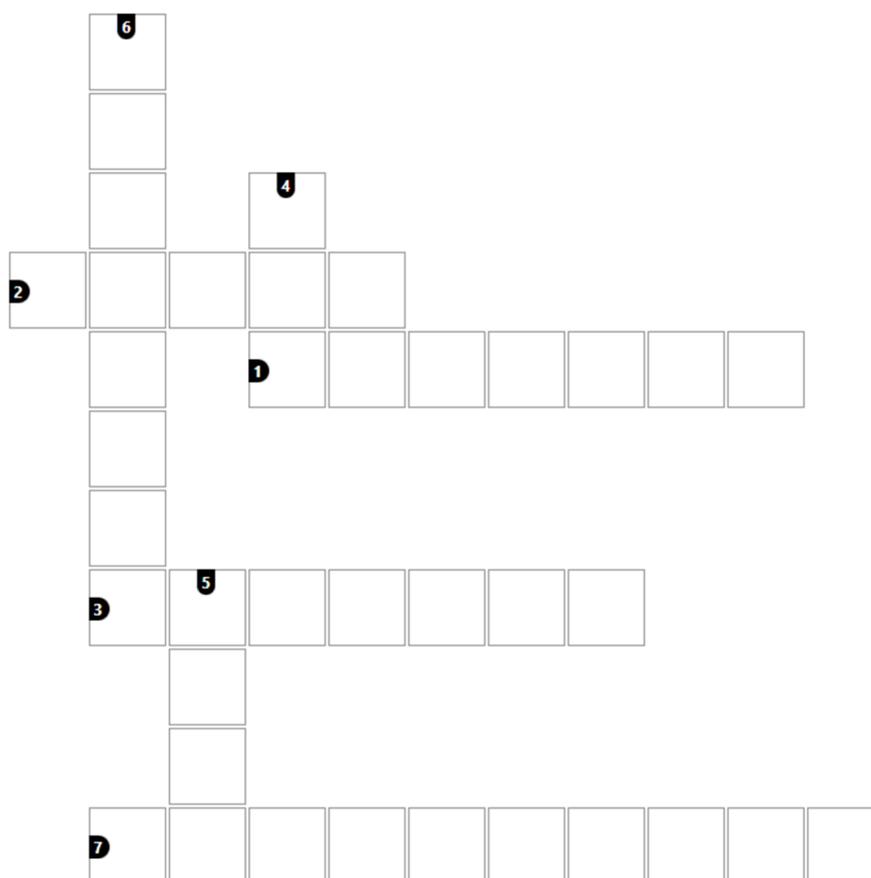
ANEXO F – MATERIAIS PARA AS OFICINAS DE ESCRITA DE RIT

ENCONTRO 1 (Oficina individual de escrita)

Tema: elementos familiares a Rit

Material: cruzadinha e dicas

Imagem em formato reduzido



- 1) APARELHO ELETRÔNICO QUE PODEMOS LEVAR PARA TODO O LUGAR, PODEMOS ACESSAR O WHATS COM ELE
- 2) MÉDICO QUE NOS AJUDA A ANDAR E LOCOMOVER MELHOR
- 3) LOCAL DE TRABALHO DO CRIS
- 4) GRUPO QUE ACONTECE NAS SEXTAS FEIRAS
- 5) MÉDICO QUE NOS AJUDA A FALAR
- 6) VEÍCULO GRANDE QUE TRANSPORTA CARGAS PELO BRASIL TODO
- 7) APARELHO ELETRÔNICO QUE TEM TECLADO E MOUSE, USAMOS PARA TRABALHAR

Atividade proposta:

Como se tratava do primeiro encontro, optou-se por iniciar as atividades com palavras mais familiares a Rit, de modo a incentivar a escrita, já que se tratavam de elementos presentes em sua história e rotina.

ENCONTRO 2 (Oficina individual de escrita)

Tema: Rotina

Atividade desenvolvida:

Rit responde uma pergunta sobre como está sendo seu dia e, em seguida, conta como geralmente é sua rotina nas terças-feiras (dia das oficinas individuais de escrita), expondo as informações como achar mais apropriado.

ENCONTRO 3 (Oficina individual de escrita)

Tema: informações pessoais de Rit

Atividade desenvolvida:

Consiste em um formulário, no qual o participante precisava completar as informações que eram pedidas: nome, idade, profissão, com quem mora, endereço.

ENCONTRO 4 (Oficina individual de escrita)

Tema: informações pessoais de Rit

Atividade desenvolvida

Reescrita da atividade proposta no encontro 3, a fim de proporcionar a prática a Rit.

ENCONTRO 5 (Oficina individual de escrita)

Tema: Rotina de segunda-feira

Atividade desenvolvida

O participante deve escrever sobre sua rotina e atividades regulares de segunda-feira, expondo as informações como achar mais apropriado.

ENCONTRO 6 (Oficina individual de escrita)

Tema: Rotina de segunda-feira

Atividade desenvolvida

Continuação da atividade iniciada no encontro 5.

ENCONTRO 7 (Oficina individual de escrita)

Tema: Rotina de segunda-feira

Atividade desenvolvida

Continuação da atividade iniciada no encontro 5.

ENCONTRO 8 (Oficina individual de escrita)

Tema: Rotina de segunda-feira

Atividade desenvolvida

Finalização da atividade iniciada no encontro 5 e, posteriormente, reescrita.

ANEXO G – MATERIAIS PARA AS OFICINAS GRUPAIS DE ESCRITA

ENCONTRO 1

Tema: Desejos para o futuro

Atividade desenvolvida:

A atividade proposta consistia em todos os presentes escreverem em pequenos pedaços de papel algo que eles desejavam que acontecesse no futuro, em até 1 ano, mantendo segredo do que foi escrito e sem assinar o nome na folha. Quando todos finalizaram a escrita, cada participante recebeu um balão para encher e colocar seu desejo dentro. Finalizada essa etapa, os balões seriam jogados para o alto de forma a embaralhar os desejos. Cada participante, então, ficou com um balão aleatório que deveria estourar e ler o desejo que estava dentro. O objetivo era, por meio do desejo escrito, adivinhar quem havia escrito a declaração no papel. Ao final, todos os desejos foram reunidos em uma cápsula do tempo que será aberta em 2024.

ENCONTRO 2

Tema: Música

Material

Imagens em tamanho reduzido

Como é grande o meu amor por você

Eu tenho tanto pra lhe falar
 Mas com palavras não sei dizer
 Como é grande o meu amor por você
 E não há nada pra comparar
 Para poder lhe explicar
 Como é grande o meu amor por você
 Nem mesmo o céu nem as
 Nem mesmo o e o infinito
 Nada é maior que o meu amor
 Nem mais
 Me desespero a procurar
 Alguma forma de lhe falar
 Como é grande o meu amor por você
 Nunca se esqueça nem um segundo
 Que eu tenho o amor maior do mundo
 Como é grande o meu amor por você
 Nem mesmo o céu nem as
 Nem mesmo o e o infinito
 Nada é maior que o meu amor
 Nem mais
 Nunca se esqueça, nem um segundo
 Que eu tenho o amor maior do mundo
 Como é grande o meu amor por você
 Mas como é grande o meu amor por você

Whisky a Go Go

Foi numa festa, gelo e Cuba Libre
 E na vitrola Whisky a Go-Go
 À meia luz o som do Johnny Rivers
 Aquele tempo que você

Senti na pele a tua energia
 Quando peguei de leve a tua
 A noite inteira passa num segundo
 O tempo voa mais do que a canção

Quase no fim da festa
 Num beijo, então, você se rendeu
 Na minha fantasia
 O era você e eu

Eu perguntava: Do you wanna dance?
 E te abraçava, do you wanna dance?
 Lembrar você
 Um sonho a mais não faz mal

REFRÃO|

Foi numa festa, gelo e Cuba Libre
 E na vitrola Whisky a Go-Go
 À meia luz o som do Johnny Rivers
 Aquele tempo que você

Senti na pele a tua energia
 Quando peguei de leve a tua
 A noite inteira passa num segundo
 O tempo voa mais do que a canção

Quase no fim da festa
 Num beijo, então, você se rendeu

Como é grande meu amor por você:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/1Kj2S2YdEgXJZp4OQHq7hM?si=9884bd236f5347f3>

Whisky a Go Go:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/2BnJUybPtL3yauZKmay0ko?si=7dbcce9f33f34c36>

Atividade desenvolvida:

Os participantes escutam a música acompanhando na letra para identificar quais palavras estão faltando. Terminada essa etapa, eles completam a letra e escrevem que é o autor da canção. Após isso, escutam a música mais uma vez para conferir suas respostas.

ENCONTRO 3 (Oficina grupal de escrita)

Tema: Festa Junina do GIC

Material

1- Decoração de Festa Junina que todo o ano o GIC faz.

2- Bebida quentinha com gosto de suco de uva.

3- O que o Seu Delmar levou para a Festa Junina do GIC?

4- Quem ganhou o prêmio da Festa Junina?

5- Luiza e Carla levaram um prato doce para a Festa Junina. Qual era?

6- Doce de Festa Junina feito de amendoim

7- Um enfeite bem caipira que podemos usar na cabeça.

8- Tem muitos tipos de bolo, mas na Festa Junina tinha um bolo de...

9- A Carmem mandou quase todo mundo para a...

10- Mas quem prendeu a Emilyn foi o...

Atividade proposta

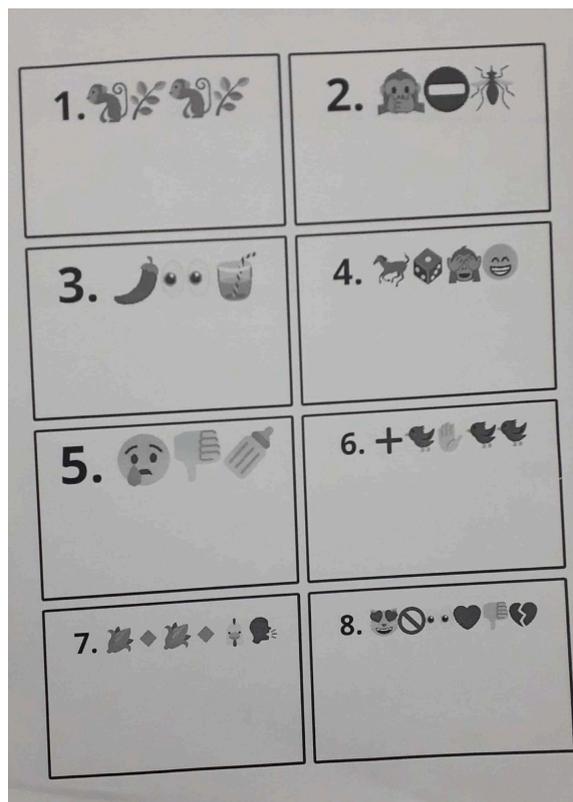
Na semana após a festa junina, foram elaboradas perguntas sobre o momento de confraternização, os participantes precisavam, então, escrever a resposta. Após todos escreverem as respostas, aconteceu uma correção em voz alta e usando fotos tiradas no dia do evento.

ENCONTRO 4 (Oficina grupal de escrita)

Tema: Ditados populares

Material

Apresentação em slides com as imagens coloridas e os ditados correspondentes.



Atividade desenvolvida

Os participantes deveriam observar os “emojis” e tentar identificar qual o ditado popular foi escrito utilizando apenas as imagens. No espaço abaixo estava disponível para que eles escrevessem o ditado que corresponde às imagens. Uma apresentação de slides colorida foi utilizada no momento de averiguar as respostas e discutir o que os ditados populares significam.

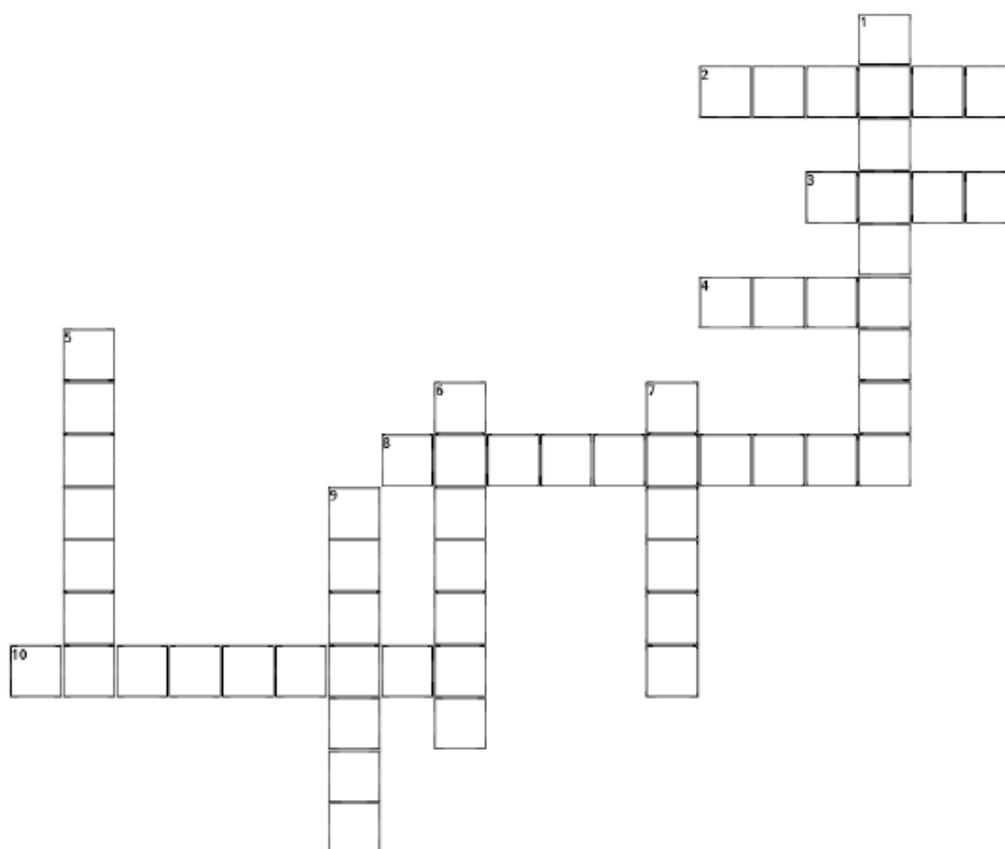
ENCONTRO 5 (Oficina grupal de escrita)

Tema: Apresentação de teatro

Material:

Imagens em tamanho reduzido

Palavras cruzadas do GIC



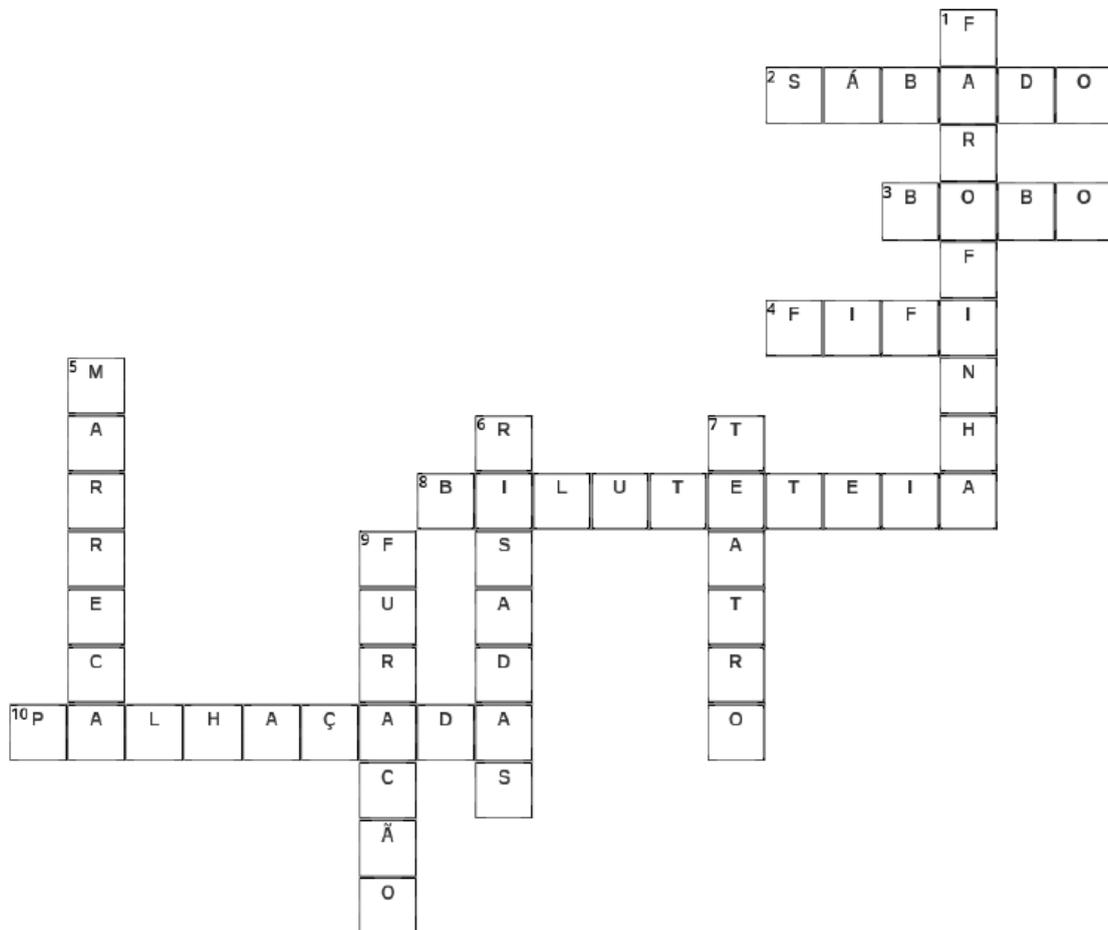
Horizontais

2. Dia da semana em que foi realizada a peça de teatro.
3. Nome do personagem palhaço interpretado pelo Paulo.
4. Nome da personagem palhaço interpretada pela Guacira.
8. Nome do personagem palhaço interpretado pelo Bira.
10. Aquilo que os palhaços mais fazem para seu público.

Verticais

1. Nome do personagem palhaço interpretado pelo Glenio.
5. Nome da personagem palhaço interpretada pela Vera.
6. Ao assistir à peça de teatro, o público deu muitas...
7. Local onde se apresentam as peças teatrais.
9. Nome do personagem palhaço interpretado pelo Delmar.

Respostas



Atividade desenvolvida:

A cruzadinha temática faz referências à uma atividade de teatro na qual vários membros do grupo protagonizaram. Foram escritas dicas que auxiliaram os participantes a completar a cruzadinha.

ENCONTRO 6 (Oficina grupal de escrita)

Tema: Semana farroupilha

Material:

Fotos de uma tarde especial de encontro, com apresentações de danças tradicionais gaúchas e declamação de poemas. Fotos em tamanho reduzido.



1° – Hora da novidade



4° – Hora do lanche



2° – Declamação de poemas



5° – Hora da foto



3° – Apresentações de danças



6° – Gabarito apresentado no final da atividade

Atividade desenvolvida:

As fotos acima foram impressas em tamanhos pequenos e distribuídas aos participantes, juntamente com uma folha de ofício branca e cola. Para melhor visualização, as fotos foram projetadas na parede por meio do datashow

enquanto os participantes realizavam a atividade. Foram selecionados cinco momentos mais marcantes deste encontro especial. O objetivo era organizar as fotos em ordem cronológica e escrever o que estava acontecendo no momento do registro.

ANEXO H – PRODUÇÕES ESCRITAS DE CR

Produção 1

(desenvolvida nos ENCONTRO 1, ENCONTRO 2 e ENCONTRO 3 – Oficina individual de escrita)

ENCONTRO 1

① VOCÊ GOSTOU DA HISTÓRIA QUE ACABOU DE LER? Sim, pois reforça a importância da ajuda coletiva.

② QUEM SÃO OS PERSONAGENS DESTA HISTÓRIA? Pombo e a formiga.

③ QUAL A MORAL DA HISTÓRIA PARA VOCÊ? Uma ^{pequena} ~~pequena~~ ser ajudado, e ^{de} ~~de~~ compartilhar esta ajuda com os demais.

18/5/23

QUEM SÃO AS PERSONAGENS DA SUA HISTÓRIA?

Era uma vez, um gato corria atrás de um rato, ~~em~~ ^{em} certo momento o rato se escondeu próximo a uma cacamba e o gato pulou dentro ^{da cacamba} ~~da cacamba~~, ~~que neste momento~~ ^{este momento} saiu do lugar que estava, para ir as montanhas com o gato dentro.

ENCONTRO 2

10/5/23

QUEM SÃO AS PERSONAGENS DA SUA HISTÓRIA?

Era uma vez, um gato corria atrás de um rato, ~~em~~ ^{em} certo momento o rato se escondeu próximo a uma cacimba e o gato pulou dentro ^{da cacimba} ~~da cacimba~~, ~~que neste mo-~~ ^{mento} ~~este momento~~ ^{este momento} saiu do lugar que estava, para ir as montanhas com o gato dentro.

Nas montanhas, o Gato não sabia o que fazer, pois além de perdido, estava com sede e fome e acabou encontrando um passarinho, preso num arame. Felizmente dentro de suas artimanhas, o Gato conseguiu soltar o passarinho, que morria de medo deste gato pensando que o mesmo estaria pronto para devorá-lo.

ENCONTRO 3

10/5/23

QUEM SÃO AS PERSONAGENS DA SUA HISTÓRIA?

Era uma vez, um gato corria atrás de um rato, ~~em~~ ^{em} certo momento o rato se escondeu próximo a uma cacamba e o gato pulou dentro ^{da cacamba} ~~de mesma~~, ~~que neste momento~~ ^{Este é o verçulo} saiu do lugar que estava, para ir as montanhas com o gato dentro.

Nas montanhas, o Gato não sabia o que fazer, pois além de perdido, estava com sede e fome e acabou encontrando um passarinho, preso num arame. Felizmente dentro de suas artimanhas, o Gato conseguiu soltar o passarinho, que morria de medo deste gato pensando que o mesmo estava pronto para devorá-lo.

Mais tarde, a cacamba voltou a montanha, para largar mais intulhos e então o gato, juntamente com o passarinho aproveitaram a corrente e foram em cima desta cacamba, de volta a cidade.

QUAL A MORAL DA HISTÓRIA PARA VOCÊ? Que conforme esta história de um gato, nada é impossível, o fim de certas ocasiões e que a partir de nossas atitudes, tudo é possível.

Produção 2

(desenvolvida no ENCONTRO 4 – Oficina individual de escrita)

ENCONTRO 4

22/6/2023

¿FICAMOS DUAS SEMANAS SEM NOSSOS ENCONTROS. ME CONTE: O QUE ACONTECEU NESSE TEMPO? QUAIS AS NOVIDADES?

* Em casa, como o rádio da mãe não estava funcionando muito bem, mostrei a ela que através do seu celular com o youtube, ela teria acesso a toda e qualquer musica. Mostrei como se conectava as musicas do Ataide e Alexandre, que ela solicitou e a mesma foi para seu quarto e se impelsou tanto, que foi dormir fadada de meia-noite.

* Descobri o uso do Pix no meu celular, para fazer pagamento de faturas, ^{as} invés de ter que ir em bancas ou lotéricas e também uma forma de som no meu celular avisando que é mensagem recebida (Whatsapp) e não ligação.

* Dia 19/6 segunda-feira foi o aniversário do meu irmão Fabrício e hoje 22/6 é aniversário da minha irmã Fabiane, que mora em Santa Cruz do Sul.

* Meu cachorro "Cebolinha" não tem mais sarra no corpo, a penas uma ferida na cabeça.

* Dia 16/6 não pude ir no "GIX" na UFSM, pois estava com "herpes labial".

Produção 3

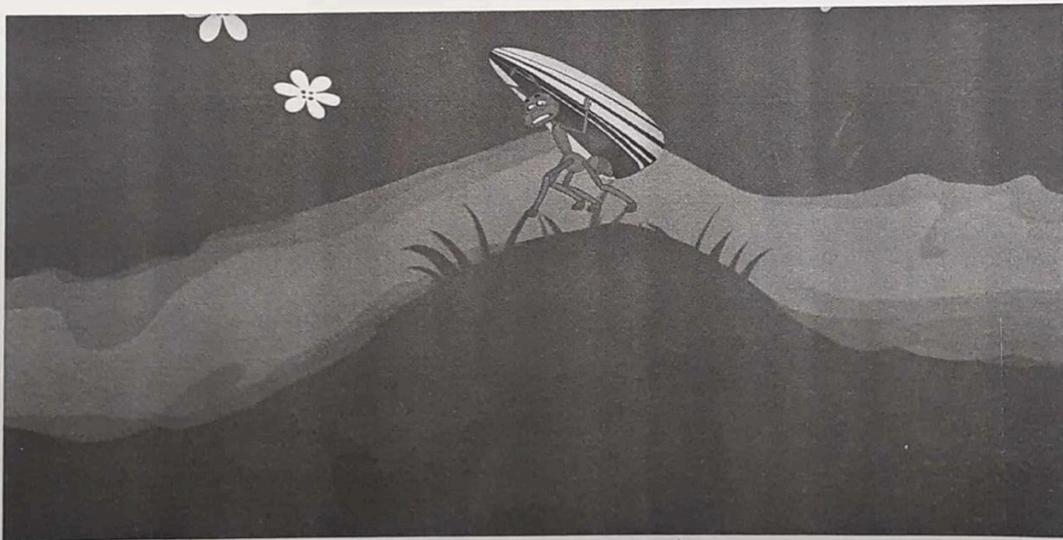
(desenvolvida no ENCONTRO 5 – Oficina individual de escrita)

ENCONTRO 5

1



Esta é a história de uma ~~formiga~~ cigarrta preguiçosa,
que no verão, só dormia;



Enquanto a formiga em pleno ^{verão} ~~inverno~~ levava seus ali-
mentos para si e as demais formigas;

2

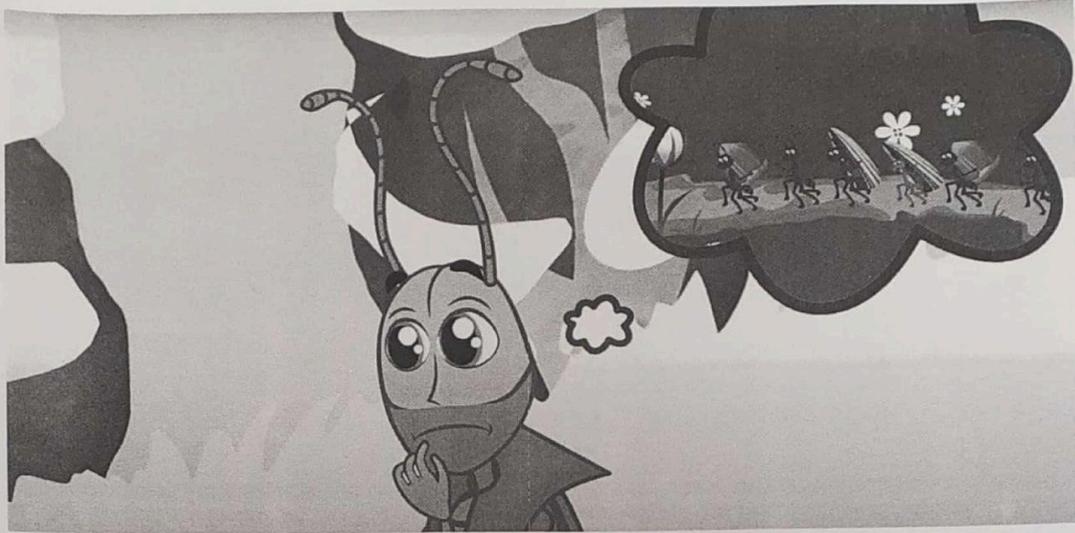


Porém neste momento, a formiga encontrou a cigarra, que a questionou o porquê da mesma, não aproveit^{ar} a vida no verão;

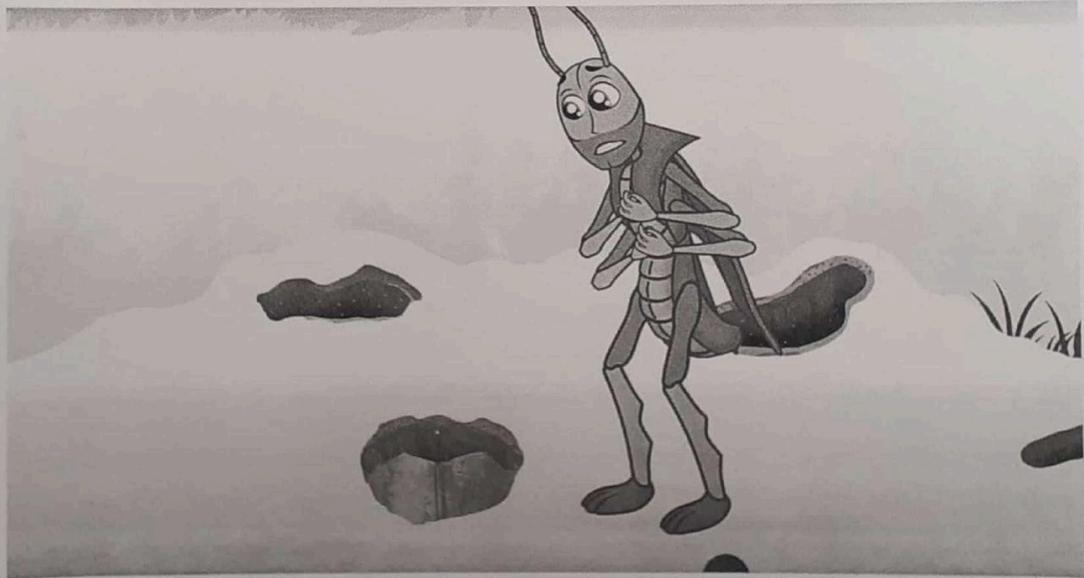


E então começou o inverno, e a cigarra se a neve tomaram conta das plantações, terra e etc...

③

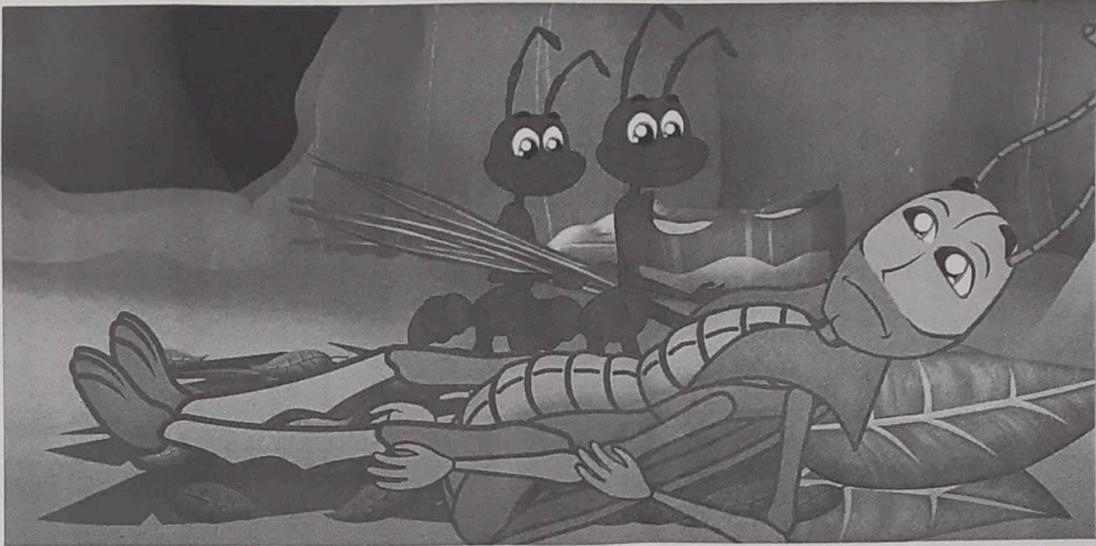


Nesse a cigarra foi se dando ^{conta} do perigo do sacrifício das formigas no verão;



Já a cigarra não comia e nem bebia, devido a neve ~~que~~ que tomou as águas por completo e a cigarra estava muito fria;

(4)



Neste momento, as formigas tiveram pena da lagarta e a levaram para seus apartamentos, dando alimento e água para mesmo;



A cigarra ficou forte e então disse a formiga da importância do sacrifício, que ela sofreu no verão, para a ^{obter uma} felicidade de boa vida no inverno e ela faria o mesmo, para viver melhor

QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A HISTÓRIA DA CIGARRA E DA FORMIGA?

Através do conto, da história do sacrifício da formiga, no verão, levando seus alimentos ~~para~~, para poder usar no inverno, ~~que tinha os mesmos~~; Pois como no verão é quente, dificulta o transporte dos mesmos, devido ao cansaço, o que até a cigarra não entendia.

Produção 4

(desenvolvida no ENCONTRO 2 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 2

Como é grande o meu amor por você

Eu tenho tanto pra lhe falar
 Mas com palavras não sei dizer
 Como é grande o meu amor por você
 E não há nada pra comparar
 Para poder lhe explicar
 Como é grande o meu amor por você
 Nem mesmo o céu, nem as ~~estrelas~~ estrelas
 Nem mesmo o ~~mar~~ e o infinito mar
 Não é maior que o meu amor
 Nem mais ~~bonito~~ bonito
 Me desespero a procurar
 Alguma forma de lhe falar
 Como é grande o meu amor por você
 Nunca se esqueça, nem um segundo
 Que eu tenho o amor maior do mundo
 Como é grande o meu amor por você
 Nem mesmo o céu, nem as ~~estrelas~~ estrelas
 Nem mesmo o ~~mar~~ e o infinito mar
 Não é maior que o meu amor
 Nem mais ~~bonito~~ bonito
 Nunca se esqueça nem um segundo
 Que eu tenho o amor maior do mundo
 Como é grande o meu amor por você
 Mas como é grande o meu amor por você

Roberto Carlos

Whisky a Go Go

Foi numa festa, gelo e Cuba Libre
 E na vitrola Whisky a Go Go
 À meia luz, o som do Johnny Rivers
 Aquele tempo que você ~~me~~ *semprou*

Senti na pele a tua energia
 Quando peguei de leve a tua ~~coisa~~ *mão*
 A noite inteira passa num segundo
 O tempo voa mais do que a canção

Quase no fim da festa
 Num beijo, então, você se rendeu
 Na minha fantasia
 O ~~que~~ *mundo* era você e eu

Eu perguntava: Do you wanna dance?
 E te abraçava, do you wanna dance?
 Lembrar você
 Um sonho a mais não faz mal

REFRÃO

Foi numa festa, gelo e Cuba Libre
 E na vitrola Whisky a Go Go
 À meia luz, o som do Johnny Rivers
 Aquele tempo que você ~~me~~ *semprou*

Senti na pele a tua energia
 Quando peguei de leve a tua ~~coisa~~ *mão*
 A noite inteira passa num segundo
 O tempo voa mais do que a canção

Quase no fim da festa
 Num beijo, então, você se rendeu

Papa Nova

Produção 5

(desenvolvida no ENCONTRO 3 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 3

1- Decoração de Festa Junina que todo o ano o GIC faz.

Bandeirinhas

2- Bebida quentinha com gosto de suco de uva.

Quentão

3- O que o Seu Delmar levou para a Festa Junina do GIC?

Bergamota

4- Quem ganhou o prêmio da Festa Junina?

Carmem

5- Luiza e Carla levaram um prato doce para a Festa Junina. Qual era?

Picada doce

6- Doce de Festa Junina feito de amendoim

Carapinha, rapadura

7- Um enfeite bem caipira que podemos usar na cabeça.

Chopso

8- Tem muitos tipos de bolo, mas na Festa Junina tinha um bolo de...

Milho

9- A Carmem mandou quase todo mundo para a...

Pisões

10- Mas quem prendeu a Emilyn foi o...

Sr. Delmar

Produção 6

(desenvolvida no ENCONTRO 6 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 6

→ Dia 22/9/2023
Início do GIC;



→ Declamação de
Poesia;



→ Dança Gaúcha;



→ Hora do lanche.

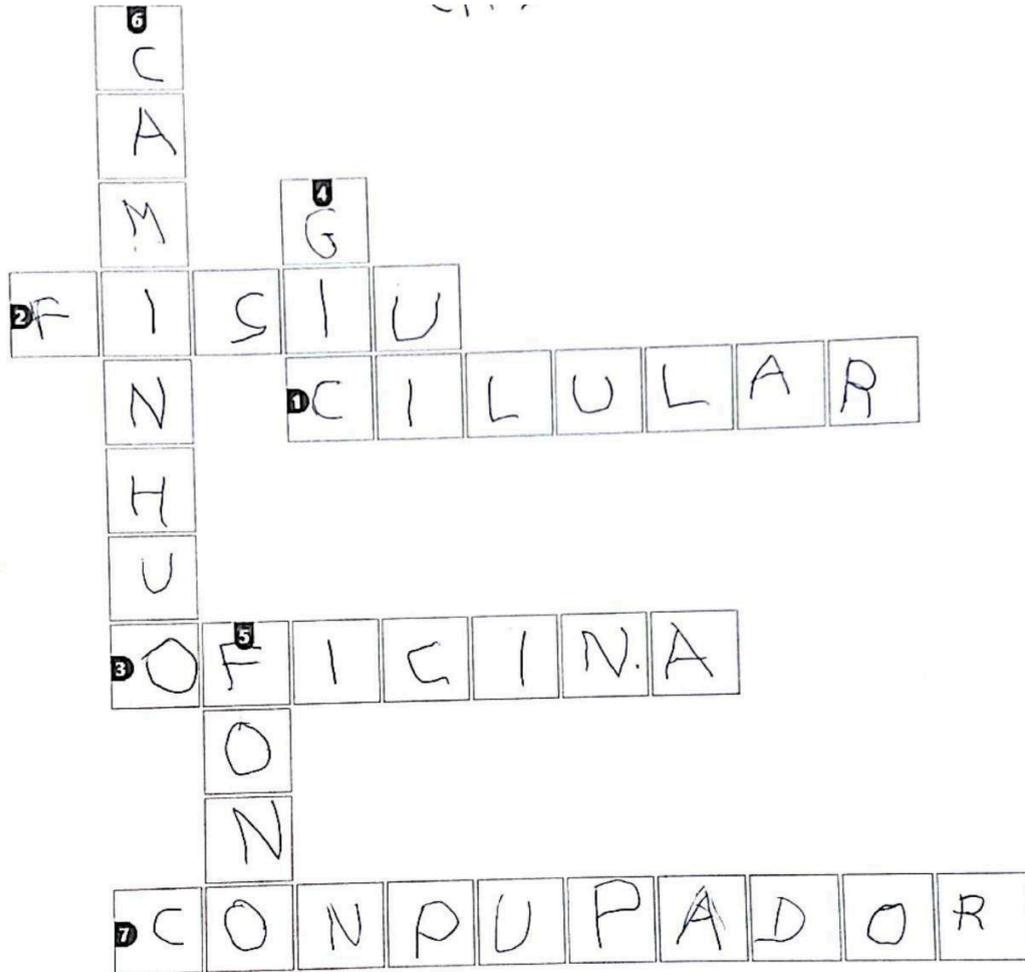


→ Final do GIC.

ANEXO I – PRODUÇÕES ESCRITAS DE RIT

Produção 1
(desenvolvida no ENCONTRO 1 – Oficina individual de escrita)

ENCONTRO 1



1) APARELHO ELETRÔNICO QUE PODEMOS LEVAR PARA TODO O LUGAR, PODEMOS ACESSAR O WHATS COM ELE **GICCHUSCS**

2) MÉDICO QUE NOS AJUDA A ANDAR E LOCOMOVER MELHOR

3) LOCAL DE TRABALHO DO CRIS **ONFAECIO 'C**

4) GRUPO QUE ACONTECE NAS SEXTAS FEIRAS

5) MÉDICO QUE NOS AJUDA A FALAR

6) VEÍCULO GRANDE QUE TRANSPORTA CARGAS PELO BRASIL TODO **VEIDUNA CIOEAF**

7) APARELHO ELETRÔNICO QUE TEM TECLADO E MOUSE, USAMOS PARA TRABALHAR

1 R

A	Z	A
B	Y	B
C	X	C
D	W	D
E	V	E
F	U	F
G	T	G
H	S	H
I	R	I
J	Q	J
K	P	K
L	O	L

A B C D E F G H I J K L
 M N O P Q R S T U V W X Y Z



Produção 2

(desenvolvida nos ENCONTRO 3 e ENCONTRO 4 – Oficina individual de escrita)

ENCONTRO 3

IDADE: 41 29/09/81

PROFISSÃO: MECANICO

MECONECA

COM QUEM MORO:

MAE MAO MAURO

CAO O CACHOBO

CARRO CAOFRO

ENCONTRO 4

IDADE: 41 - 29/09/81

PROFISSÃO:

C OBPS C C

OFICAND

O A

OFICINA

COM QUEM MORO:

MAE CARRO O

CACHORRO

Produção 3

(desenvolvida nos ENCONTRO 5, ENCONTRO 6, ENCONTRO 7 e ENCONTRO 8 – Oficina individual de escrita)

ENCONTRO 5

GENTE
 SETATE
 SEM
 SEGUNA

07:10 - C
 PACON
 ACORE
 ACORG
 A
 ACORSA

07:30 CU
 CE
 CARRO

08:00 FA FE
 FO FIU
 FO FINU
 FIZI SU
 FIZI RU
 FIZI

ENCANTRO 6

GENTE
 SETATE
 SEM
 SEGUNA

07:10 - C

ACON
 ACORE
 ACOBG
 AE
 A CORSA

07:30 CU

CE
 CARRO

FIZIO

08:00

FA

FE

FO

FIU

FO

FINU

FIZISO

FIZIU

FIZI

09:00

CARRO

09:30

TV

11:30

MESA

12:00

AGAU

AMUNO

tilibra



AM ~~NO~~ PE

AMOP

AMO

12:30 MESA

14:00 IN

E | | |

OFIS

OFIN

DFI . IN

17:00

ENCONTRO 7

SENATE
 SETATE
 SEM
 SEGUNA

07:10 - C

ACON
 ACORE
 ACORG
 A
 ACORSA

07:30 CU

CE
 CARRO

08:00

FA
 FO
 FO

FE
 FIU
 FINU

FIZIO
 FISIO
 FIZISU
 FIZISU
 FIZI

09:00 CARRO

09:30 T.V

11:30 MESA

12:00 ~~RAGAU~~ AMUNO 



AM 10:00 PE
AMOP
AMO

12:30 MESA

14:00 IN

E I I | OFICINA

OFIS

OFIN

DFI. IN

17:00 CA LACHI

LO

LU

LO

LACO

LACHO

17:30

~~18:30~~ OFICINA

18:30 TV

20:30 MESA

21:00 C

OGU

S N



()

21.20 TV

22.00 C
N
E

ENCANTRO 8

21.20 TV

22.00 C
N
E

22:30 CAS CAMU
CAP CAME
CAR
CAMO CAMA

SEGUNDA

07:10 - ACORSA

07:30 - CARRO

08:00 - FISIO

08:10 - CARRO

09:10 - TV

11:30 - MESA

12:00 - AMOZO

12:30 - MESA

02:00 - OFICINA

05:00 - LACHI

05:30 - OFICINA

06:30 - TV

08:30 - MESA

09:00 -

09:20 - TV

10:00 -

10:30 - CAMA

Produção 4

(desenvolvida no ENCONTRO 2 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 2

Como é grande o meu amor por você

Eu tenho tanto pra lhe falar
 Mas com palavras não sei dizer
 Como é grande o meu amor por você
 E não há nada pra comparar
 Para poder lhe explicar
 Como é grande o meu amor por você
 Nem mesmo o céu, nem as
 Nem mesmo o e o infinito
 Não é maior que o meu amor
 Nem mais
 Me desespero a procurar
 Alguma forma de lhe falar
 Como é grande o meu amor por você
 Nunca se esqueça, nem um segundo
 Que eu tenho o amor maior do mundo
 Como é grande o meu amor por você
 Nem mesmo o céu, nem as
 Nem mesmo o e o infinito
 Não é maior que o meu amor
 Nem mais
 Nunca se esqueça nem um segundo
 Que eu tenho o amor maior do mundo
 Como é grande o meu amor por você
 Mas como é grande o meu amor por você

R L GA
 ESTO RE LAS
 MAR
 BONITO
 ESTO RE LAS
 MAR
 BONITO

Whisky a Go Go

Foi numa festa, gelo e Cuba Libre
 E na vitrola Whisky a Go Go
 À meia luz, o som do Johnny Rivers
 Aquele tempo que você

SONHO

Senti na pele a tua energia
 Quando peguei de leve a tua mão
 A noite inteira passa num segundo
 O tempo voa mais do que a canção

Quase no fim da festa
 Num beijo, então, você se rendeu
 Na minha fantasia
 O

MUNDO

Eu perguntava: Do you wanna dance?
 E te abraçava, do you wanna dance?
 Lembrar você
 Um sonho a mais não faz mal

REFRÃO

Foi numa festa, gelo e Cuba Libre
 E na vitrola Whisky a Go Go
 À meia luz, o som do Johnny Rivers
 Aquele tempo que você

SONHO

Senti na pele a tua energia
 Quando peguei de leve a tua
 A noite inteira passa num segundo
 O tempo voa mais do que a canção

MÃO

Quase no fim da festa
 Num beijo, então, você se rendeu

Produção 5

(desenvolvida no ENCONTRO 3 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 3

1- Decoração de Festa Junina que todo o ano o GIC faz.

J M BANHEIRONHA

2- Bebida quentinha com gosto de suco de uva.

QUENTEÃO

3- O que o Seu Delmar levou para a Festa Junina do GIC?

BERGAMOTA

4- Quem ganhou o prêmio da Festa Junina?

CARMEN

5- Luiza e Carla levaram um prato doce para a Festa Junina. Qual era?

PIPOCA

6- Doce de Festa Junina feito de amendoim

PAÇOCA

7- Um enfeite bem caipira que podemos usar na cabeça.

CHAPÉU

8- Tem muitos tipos de bolo, mas na Festa Junina tinha um bolo de...

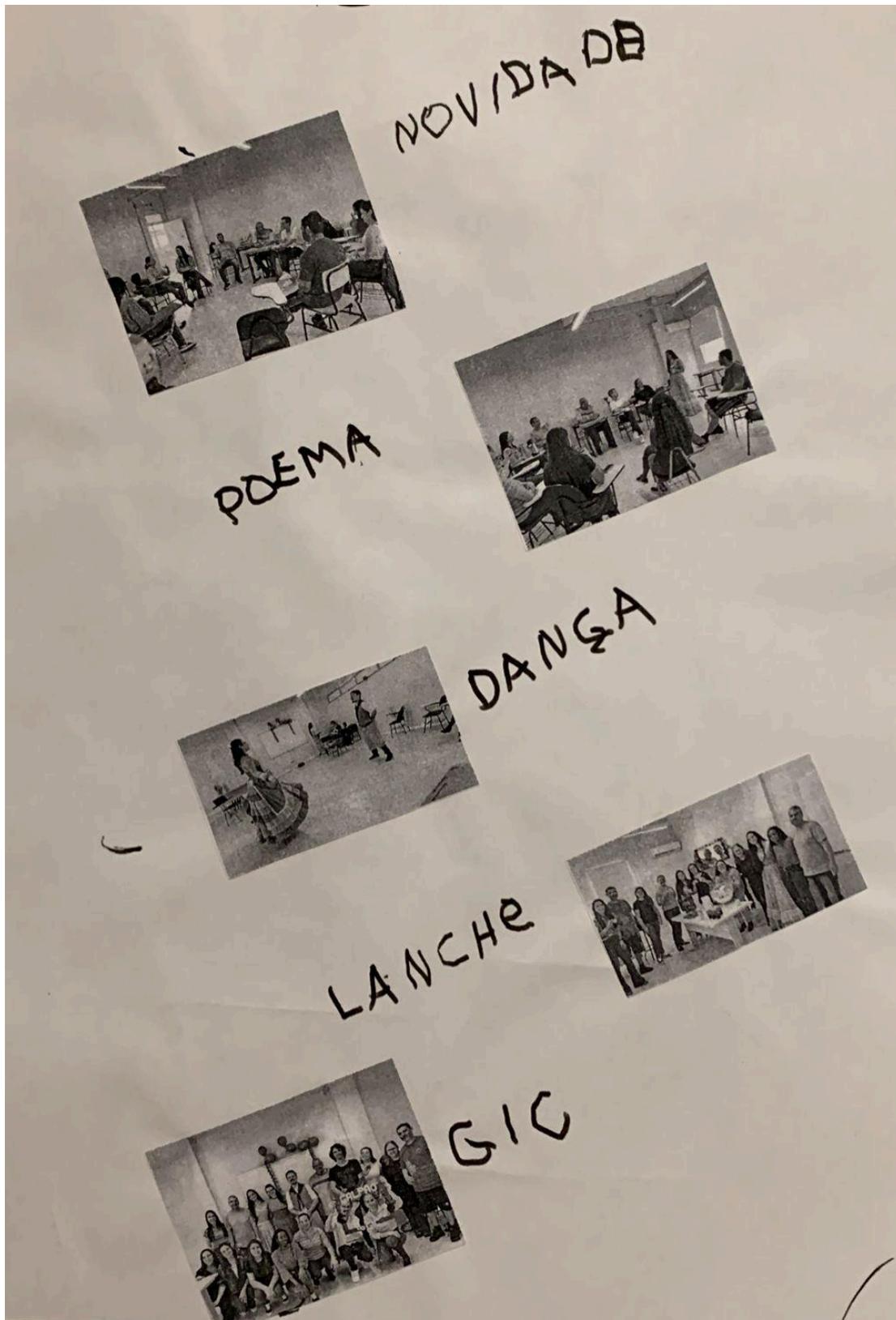
COM

9- A Carmem mandou quase todo mundo para a...

10- Mas quem prendeu a Emilyn foi o...

Produção 6
(desenvolvida no ENCONTRO 6 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 6



ANEXO J – PRODUÇÕES ESCRITAS DE DEL**Produção 1**

(desenvolvida no ENCONTRO 1 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 1

Handwritten text on lined paper:

Saúde
Doz
SOM
FAMILIA

Produção 2

(desenvolvida no ENCONTRO 2 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 2

Como é grande o meu amor por você

Eu tenho tanto pra lhe falar
 Mas com palavras não sei dizer
 Como é grande o meu amor por você
 E não há nada pra comparar
 Para poder lhe explicar
 Como é grande o meu amor por você
 Nem mesmo o céu, nem as ~~nuvens~~ *E uola*
 Nem mesmo o ~~mar~~ e o infinito *man*
 Não é maior que o meu amor
 Nem mais ~~do~~ *bonito*
 Me desespero a procurar
 Alguma forma de lhe falar
 Como é grande o meu amor por você
 Nunca se esqueça, nem um segundo
 Que eu tenho o amor maior do mundo
 Como é grande o meu amor por você
 Nem mesmo o céu, nem as ~~nuvens~~ *E tpe Hom*
 Nem mesmo o ~~mar~~ e o infinito *man*
 Não é maior que o meu amor
 Nem mais ~~do~~ *bonito*
 Nunca se esqueça nem um segundo
 Que eu tenho o amor maior do mundo
 Como é grande o meu amor por você
 Mas como é grande o meu amor por você

Como eu te amo
POBETO CARLA

Whisky a Go Go

Foi numa festa, gelo e Cuba Libre
 E na vitrola Whisky a Go Go
 À meia luz, o som do Johnny Rivers
 Aquele tempo que você: *S. V. V. H O R*

Senti na pele a tua energia
 Quando peguei de leve a tua *... mmm*
 A noite inteira passa num segundo
 O tempo voa mais do que a canção

Quase no fim da festa
 Num beijo, então, você se rendeu
 Na minha fantasia
 O i *... era você e eu mmm B O*

Eu perguntava: Do you wanna dance?
 E te abraçava, do you wanna dance?
 Lembrar você
 Um sonho a mais não faz mal

REFRÃO

Foi numa festa, gelo e Cuba Libre
 E na vitrola Whisky a Go Go
 À meia luz, o som do Johnny Rivers
 Aquele tempo que você: *S O U H O R*

Senti na pele a tua energia
 Quando peguei de leve a tua *... m m O*
 A noite inteira passa num segundo
 O tempo voa mais do que a canção

Quase no fim da festa
 Num beijo, então, você se rendeu

R a m o N o r e A

Produção 3

(desenvolvida no ENCONTRO 3 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 3

1- Decoração de Festa Junina que todo o ano o GIC faz.

B A M D E I N A

2- Bebida quentinha com gosto de suco de uva.

D U E M T Ã O

3- O que o Seu Delmar levou para a Festa Junina do GIC?

B E B E G A M O T A

4- Quem ganhou o prêmio da Festa Junina?

C A R M I B O K

5- Luiza e Carla levaram um prato doce para a Festa Junina. Qual era?

P I P O T A

6- Doce de Festa Junina feito de amendoim

C A R A P I M H A

7- Um enfeite bem caipira que podemos usar na cabeça.

L A T A T E U

8- Tem muitos tipos de bolo, mas na Festa Junina tinha um bolo de...

M I L H O

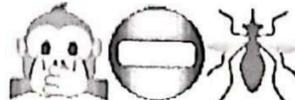
9- A Carmem mandou quase todo mundo para a...

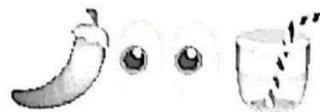
L A B E I A

Produção 4
(desenvolvida no ENCONTRO 4 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 4

1. 
 CADA MAÇ
 DO AO SEL
 BALHO

2. 
 EM BOCA
 PEÇA DO MÃO
 ENTRA MOSCA

3. 
 PIMENTA NOS
 OLHOS DO É
 A REFRESCO

4. 
 A CAVALO DADO
 MÃO SE OLHOS
 DENTEB

5. 
~~MÃO APÁ A~~
 RÔ É MÃO CHORA
 NÃO MAMA

6. + 
 MAIS VALE UM
 PÁSSARO
 NO MÃO DO QUE
 DONS VOAMSO

7. 
 DE S RÃO
 BRADA ~~CAHA~~
 E MEHEO PUPO

8. 
 O QUE OS OLHOS
 MÃO VEEM O
 COR HAÇÃO MÃO
 SAO SEMIO

Produção 5

(desenvolvida no ENCONTRO 5 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 5

O Dueto J... M...

Horizontais

2. Dia da semana em que foi realizada a peça de teatro.
3. Nome do personagem palhaço interpretado pelo Paulo.
4. Nome da personagem palhaça interpretada pela Guacira.
8. Nome do personagem palhaço interpretado pelo Bira.
10. Aquilo que os palhaços mais fazem para seu público.

Verticais

1. Nome do personagem palhaço interpretado pelo Gienio.
5. Nome da personagem palhaça interpretada pela Vera.
6. Ao assistir à peça de teatro, o público deu muitas...
7. Local onde se apresentam as peças teatrais.
9. Nome do personagem palhaço interpretado pelo Delmar.

Produção 6

(desenvolvida no ENCONTRO 6 – Oficina grupal de escrita)

ENCONTRO 6

